



**Sergio Nascimento da Costa**

**A Eterna Geração do Filho na Trindade Imanente na perspectiva dos  
Padres Capadócios**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa  
de Pós-graduação em Teologia do  
Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro  
Janeiro de 2021



**Sergio Nascimento da Costa**

**A Eterna Geração do Filho na Trindade Imanente na  
perspectiva dos Padres Capadócios**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. André Luiz Rodrigues da Silva**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Profa. Maria Teresa de Freitas Cardoso**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Ricardo Lengruber Lobosco**

Educandário MIOSÔTIS

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Sergio Nascimento da Costa**

Graduado em Teologia pela Centro Universitário Metodista Bennett em 2009. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cidade de São Paulo em 2012. É Oficial Capelão da Marinha do Brasil. Atua como pesquisador na área da teologia sistemática-pastoral, no enfoque de patrologia e cristologia.

#### Ficha Catalográfica

Costa, Sergio Nascimento da

A eterna geração do Filho na trindade imanente na perspectiva dos Padres Capadócijs / Sergio Nascimento da Costa; orientador: André Luiz Rodrigues da Silva. – 2021.

110 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia - Teses. 2. Eterna geração do Filho. 3. Padres Capadócijs. 4. Patrologia. 5. Cristologia. 6. Trindade. I. Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pois fez se realizar um sonho latente do meu coração, trouxe à realidade esta grande conquista, direcionando meus passos com seu amor, graça e misericórdia.

Ao meu orientador André Luiz Rodrigues da Silva, que me apoiou e acreditou nesta empreitada. Obrigado pelas orientações, apontamentos, intervenções, auxílio, força e incentivo nos momentos de desânimo, que foram essenciais, fornecendo-me segurança para prosseguir.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Aos meus colegas da PUC-Rio e aos professores, à coordenação e funcionários do Departamento de Teologia, pelos ensinamentos e pela ajuda.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

Aos Capelães Navais Firmino Wagner Gomes da Silva, Rodrigo Fernando de Souza Figueiredo e Israel Thiago Trota, pela amizade, apoio e auxílio.

Aos meus pais, pela atenção, carinho e educação.

Ao Capelão-Chefe da Marinha, Capitão-de-Mar-e-Guerra Frei Odécio, pelo apoio, assim como ao Capelão Encarregado do Serviço de Assistência Religiosa da Esquadra, Capitão de Corveta padre Ribeiro.

À minha esposa, amiga e companheira Daniele Soares Pereira da Costa, que sempre esteve a meu lado, pelo seu amor, apoio e por sempre acreditar em mim. Aos meus filhos Erick Pereira da Costa, meu primogênito, e ao Lucas Pereira da Costa, meu caçula, vocês são meu coração fora do peito. Sou grato a Deus pela família linda e maravilhosa que me deu.

## Resumo

Costa, Sergio Nascimento. Silva, André Luiz Rodrigues da. **A Eterna Geração do Filho na Trindade Imanente na perspectiva dos Padres Capadócius**. Rio de Janeiro, 2021. 110p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A Dissertação tem como objetivo apresentar o referido conceito, tendo em vista sua relevância na construção do dogma trinitário. A relevância dos Padres Capadócius (Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa) por aperfeiçoar, fechar as lacunas e concretizar o dogma. Em relação a metodologia utilizada, a pesquisa analisa, por meio de pesquisa bibliográfica, a cristologia primitiva, suas raízes bíblicas e a reflexão patrísticas do conceito, o significado do termo para os Padres da Igreja e para os arianos, o contexto histórico dos grandes concílios ecumênicos de Niceia (325) a Constantinopla I (381), e a reflexão dos Capadócius. Os principais resultados encontrados da pesquisa foram, que o significado do conceito de eterna geração em sua origem, nas Sagradas Escrituras, difere do seu significado no contexto dogmático. Orígenes, autor desse conceito utiliza de sua interpretação alegórica para ratifica-lo, e sua interpretação vai influenciar posteriormente tanto nicenos como arianos. Diante de um interregno entre os concílios, a influência do Império Romano vai contribuir para disseminação tanto da doutrina quanto da heresia, fortalecendo ambas. Ao refletir sobre a divindade do Cristo e sua origem, os Capadócius reformulam o dogma trinitário herdado do credo niceno, incluindo também a divindade do Espírito Santo. A contribuição da pesquisa é apresentada no que tange ao que significou o termo para a dogmática cristã, em especial para a reflexão sobre a Trindade Imanente, assunto que é um desafio em si mesmo até os dias de hoje e suas aplicações para uma espiritualidade em prol do outro.

## Palavras-chave

Eterna geração do Filho; Padres Capadócius; patrologia; cristologia; Trindade.

## Abstract

Costa, Sergio Nascimento. Silva, André Luiz Rodrigues da. **The Eternal Generation of the Son in the Immanent Trinity from the perspective of the Cappadocian Fathers.** Rio de Janeiro, 2021. 110p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Dissertation aims to present the referred concept, in view of its relevance in the construction of the Trinitarian dogma. The relevance of the Cappadocian Fathers (Basilio de Caesarea, Gregório Nazianzeno and Gregório de Nissa) for perfecting, closing the gaps and making dogma concrete. In relation to the methodology used, the research analyzes, through bibliographic research, the primitive Christology, its biblical roots and the patristic reflection of the concept, the meaning of the term for the Fathers of the Church and for the Aryans, the historical context of the great councils ecumenical events from Nicaea (325) to Constantinople I (381), and the reflection of the Cappadocians. The main results of the research were, that the meaning of the concept of eternal generation in its origin, in the Sacred Scriptures, differs from its meaning in the dogmatic context. Origen, author of this concept, uses his allegorical interpretation to ratify it, and his interpretation will later influence both Nicenes and Aryans. Faced with an interregnum between the councils, the influence of the Roman Empire will contribute to the dissemination of both doctrine and heresy, strengthening both. In reflecting on the divinity of Christ and his origin, the Cappadocians reformulate the Trinitarian dogma inherited from the Nicene creed, also including the divinity of the Holy Spirit. The contribution of the research is presented with respect to what the term meant for Christian dogmatics, especially for the reflection on the Immanent Trinity, a subject that is a challenge in itself until today and its applications for a spirituality in favor from the other.

## Keywords

Eternal generation of the Son; Cappadocian Fathers; patrology; christology; Trinity.

## Sumário

1. Introdução	9
2. Gênese e construção Histórico-Dogmática da Eterna Geração do Filho antes do Concílio de Niceia	13
2.1. Introdução	13
2.2. A problemática cristológica	15
2.2.1. Coadunar a fé monoteísta com a revelação de Deus em Jesus Cristo	16
2.2.2. Investida da Igreja contra os desvios doutrinários	17
2.3. A “Geração do Filho” nas Sagradas Escrituras	20
2.4. A Filosofia como ponto de partida da reflexão teológica em Orígenes	25
2.4.1. A Eterna Geração do Filho em Orígenes	26
2.4.2. A reflexão Trinitária em Orígenes	28
2.4.3. A contribuição de Orígenes sobre a Eterna Geração do Filho	33
2.5. A Eterna Geração do Filho segundo Ário	41
2.5.1. A percepção ariana da Eterna Geração do Filho	42
2.6. Conclusões	45
3. Construção Histórico-Dogmática pós-Niceia	48
3.1. Introdução	48
3.2. A Eterna Geração do Filho no Concílio de Niceia	49
3.3. O Contexto Histórico pós Niceia	52
3.3.1. O Contexto Político-Religioso do século IV	52
3.3.2. A Problemática homoousiana	59
3.3.3. A ausência de uma doutrina do Espírito Santo no símbolo de Niceia	61
3.4. A Eterna Geração do Filho em Atanásio	62
3.5. Eunômio de Cízico e o Arianismo radical	66
3.5.1. A Teologia de Eunômio	66
3.5.2. A Geração do Filho segundo Eunômio	68
3.6. Conclusões	69
4. A Eterna Geração do Filho e a perspectiva dos Padres Capadócius	72
4.1. Introdução	72
4.2. Os Padres Capadócius	73
4.2.1. Basílio Magno	73
4.2.2. Gregório Nazianzeno	76
4.2.3. Gregório de Nissa	78
4.3. A Teologia Trinitária dos Capadócius	81

4.3.1. Antecedentes filosóficos que influenciaram o pensamento de Basílio	82
4.3.2. Antecedentes filosóficos que influenciaram o pensamento de Gregório Nazianzeno	85
4.3.3. Antecedentes filosóficos que influenciaram o pensamento de Gregório de Nissa	87
4.4. A Eterna Geração do Filho	87
4.5. A processão do Espírito e a Geração do Filho	94
4.6. Contextualização da Eterna Geração do Filho na Trindade imanente na Trindade econômica	96
4.7. Conclusões	99
5. Conclusão	103
6. Referências bibliográficas	107



# 1

## Introdução

O dogma cristão vai afirmar que Jesus Cristo é o Filho Unigênito (único gerado) de Deus Pai. E que também, como Filho de Deus, Ele é Deus junto com o Pai e com o Espírito Santo. Logo, nesta afirmação, a lógica pode nos colocar em dúvida os seguintes conceitos: 1) Como Jesus pode ser Deus junto com o Pai em uma percepção monoteísta? 2) Se Jesus foi gerado, então houve um período de tempo em que Ele não existiu? 3) Como Pai e Filho podem ser diferentes e ao mesmo tempo serem iguais? 4) Como o Espírito Santo se encaixa nesta conjuntura da divindade? Essas são algumas questões que provavelmente alguém poderia fazer em torno das afirmações acima.

Possivelmente, um bom catequista responda as questões com maestria, entretanto, provavelmente aquele que aceite as respostas, aceite-as mais por reverência do que por compreensão. Para que possamos compreender de uma forma razoável como Jesus pode ser Deus, Filho e gerado do Pai na Eternidade é necessário um olhar criterioso para a história do dogma, em especial os primeiros séculos, para entender como essas proposições, que aparentemente contraditórias, podem na medida do possível se coadunar e responder de forma relevante ao questionamento da razão. Sem dúvida a mente não abarca a divindade, e o respeito e a aceitação do mistério são elementos necessários e essenciais, e consequentemente, a fé como pressuposto para a revelação de Deus.

A história nos mostra que desde o início, a Igreja tentou sistematizar, a partir das afirmativas das Escrituras, estes conceitos sobre o Filho que eram vivos na tradição. No entanto, linhas de pensamento não condizentes com o que a tradição afirmava, deturparam determinados conceitos que não expressavam quem de fato é o Filho de Deus. Essas afirmações geraram uma ação da Igreja de consolidação e solidificação de suas crenças mais básicas e essenciais para a saúde espiritual e de sua identidade. As proposições sobre a divindade do Filho, embora afirmadas desde os primórdios do cristianismo, não eram e não são matérias de fácil compreensão, as afirmativas sobre a divindade do Filho e sua Eterna Geração passaram por uma construção histórica de basicamente quatro séculos.

Essa construção se inicia com Orígenes em resposta aos movimentos que afirmavam que Jesus era Filho por adoção e não por geração, ele responde e

desenvolve uma doutrina que vai deixar um legado para a posteridade. Ário vai afirmar que o Cristo é na verdade uma criatura e nega sua divindade utilizando o argumento de sua *geração*, e mais uma vez a Igreja, que, agora, com o apoio do Imperador, opõe-se através do concílio ecumênico em Niceia (325). Mesmo com a declaração final de Niceia, Eunômio vai questionar a divindade do Filho pautado na ideia de sua *geração*. E mais uma vez, a Igreja vai se posicionar, agora em Constantinopla (381), a partir das afirmações de três grandes Padres da região do Ponto na Capadócia, conhecidos como os Padres Capadócios, Basílio de Cesareia, seu irmão mais novo Gregório de Nissa e o amigo dos dois, Gregório Nazianzeno. Os Padres Capadócios vão protagonizar o concílio através de suas ideias e defender a divindade de Jesus a partir do conceito da Eterna Geração.

Portanto, o conceito de Eterna geração do Filho está ligado diretamente à afirmação de sua natureza de Filho e sua divindade. É a partir de sua Geração que Ele é uma pessoa distinta do Pai, pois Ele é o Filho, e é a partir de sua Eterna Geração, que pode subsistir com o Pai na eternidade, sendo também Deus. Outro fator interessante, é que através da Geração do Filho, chega-se à conclusão sobre a Pessoa do Espírito Santo e como se consegue consolidar como uma Pessoa procedente da essência divina.

Desse modo, ao observar panoramicamente a história da construção do dogma cristão, pode-se constatar que o conceito de “Eterna Geração do Filho” perpassa toda a conjuntura do pensamento cristológico da afirmação do Cristo como uma pessoa da Santíssima Trindade. Não obstante o entendimento de tal afirmação é de difícil compreensão. Corroborar ainda mais com a problemática sobre a assimilação da deidade, o caráter misterioso de Deus em sua condição de Deus, a saber, em sua realidade intra divina, na transcendência de seu ser, o qual chamamos de Trindade imanente. Outro fator a se considerar é que toda construção dogmática passou pelo processo histórico e que tal processo é de total relevância para a concepção correta do tema em questão, pois tanto os pontos positivos como os negativos, serviram para afirmar aquilo que Deus é, e também o que não é. Certamente que deve haver aplicações práticas na afirmação da Eterna Geração do Filho concernentes à forma de como Deus se revelou na história da salvação, o que é algo pouco explorado dentro desse tema na percepção dos Capadócios.

A compreensão sobre a pessoa do Cristo é visceral no cristianismo, e a busca pelo Jesus histórico ofuscou o Jesus transcendente. Portanto, este trabalho torna-se

relevante porque o tema sobre a Geração do Filho está arraigado em todo o debate sobre a divindade do Filho de Deus, em consequência, somente através de uma compreensão correta do que é Eterna Geração, pode se fazer compreender, como o Cristo é Filho e Deus ao mesmo tempo. Para entender a complexidade do termo, a análise histórica dogmática é imprescindível para o correto domínio intelectual do assunto, uma percepção correta gera uma práxis correta.

A teologia dos Capadócijs é um tesouro para a cristandade. Realizar o que eles realizaram em um período de transformações e mudanças tanto no Império quanto na Igreja foi algo extraordinário. Resgatar determinados conceitos desenvolvidos por eles a partir de uma teologia elaborada como temos hoje pode colaborar sobre maneira a forma de como se vê Deus, a Igreja, Cristo, o Espírito Santo, a Trindade Imanente, e o diálogo inter-religioso.

Conceitos utilizados pelos Capadócijs como ousia, hipóstases, processão, geração encontravam-se em um contexto médio e neoplatônico, que era a metafísica da época. Vale lembrar que tais conceitos estão muito distantes da compreensão do mundo contemporâneo, e que se tornam hoje quase uma abstração.

A abordagem dos Capadócijs em utilizar o neoplatonismo como matriz desenvolvedora dos conceitos ensina que o processo de diálogo com outras disciplinas e em especial com outras religiões é necessário para transpor obstáculos. O Pluralismo, a alteridade, a espiritualidade em prol do outro ganham importância ao se aprofundar sobre este tema.

Muitas foram as dificuldades para aprofundar a contento a pesquisa, iniciando com a falta de obras dos Padres Capadócijs e também em dissertações e teses. Outro fator que corroborou como obstáculo da pesquisa foi o meu afastamento pelo período de um ano, ao qual, tive que fazer uma viagem de trabalho de cunho pastoral pela Marinha do Brasil, como capelão militar, para a Antártida, viagem essa que durou seis meses, onde na maioria do tempo não havia sinal de internet.

Outro fator, além da viagem foi meu retorno com a pandemia que assolou o mundo da Covid-19 no período do primeiro semestre até quase o final do ano de 2020 que fez com que as universidades, em consequência, as bibliotecas fossem fechadas, privando ainda mais o acesso à literatura em questão.

Com isso, o objetivo desta pesquisa foi: apresentar a evolução histórica do conceito da Eterna Geração do Filho, desde Orígenes até os Padres Capadócijs; apresentar os atores desta construção histórica e seus pontos de vista; desenvolver

sobre os conceitos apresentados, a estrutura e a semântica de seu original significado e sua aplicação; descrever o que os Padres Capadócius entendiam sobre a Eterna Geração; e por fim, uma possível aplicação do conceito.

## 2

# Gênese e construção Histórico-Dogmática da Eterna Geração do Filho antes do Concílio de Niceia

## 2.1

### Introdução

O conceito de “Eterna Geração do Filho” vai perpassar os séculos III a IV EC, como tema relevante para a afirmação da divindade do Cristo. A problemática tem seu início nos primórdios do século III, em Orígenes, quando correntes doutrinárias opostas à compreensão tradicional do cristianismo tentarão solucionar a questão sobre a origem divina do Cristo, no tocante à Geração do Filho, ao tentar reduzir e suplantar a natureza do Filho de Deus.<sup>1</sup>

As afirmações sobre Jesus ser o Filho de Deus nas Escrituras implicaram sempre em sua filiação divina, ainda mais, nos primórdios do cristianismo e às perspectivas messiânicas do judaísmo palestinese. Portanto, a partir do ponto de vista messiânico, ser Filho de Deus era consequência de sua condição messiânica, pois o messias seria, por linhagem, filho de Davi e em ilação Filho de Deus (2Sm 7,14).<sup>2</sup>

Entrementes, o Cristo revelado nas Sagradas Escrituras é o Filho de Deus em sentido único, por isso, chamado também de “Unigênito” (*monogenes*) como o único gerado de Deus Pai, o qual, tem um relacionamento exclusivo. Sua razão de ser só tem sentido em relação-referência total ao Pai, nada faz por si só, mas tudo que exerce e executa, faz pelo Pai, conforme RUBIO (2003), “Todo o ser e o existir de Jesus Cristo é relativo ao Pai e ao amor-serviço aos irmãos”.<sup>3</sup>

A herança monoteística estrita vinda do judaísmo, inicialmente, se transformou em uma barreira para entender o Cristo de uma forma plena. Muitas tentativas em coadunar o monoteísmo e a pessoa de Jesus, levaram a princípios deformados sobre o Cristo apresentado nas Sagradas Escrituras. Desvios doutrinários como o ebionismo, o gnosticismo, monarquianismo (sabelianismo) e o arianismo tentaram solucionar o problema. De acordo com MOLTSMANN (2011),

<sup>1</sup> CHAMPLIN, R. N., Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia vol 2, p. 890.

<sup>2</sup> SCHNEIDER, T. (org.), Manual de Dogmática v.1. p. 268.

<sup>3</sup> RUBIO, A. G., O Encontro com o Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias. p.152-153.

“a doutrina trinitária da Igreja antiga adquiriu a sua forma ao defender-se contra heresias perigosas”.<sup>4</sup>

O Ebionismo (chamado também de monarquianismo Ebionita) era uma continuação ou um ramo dos judaizantes, vigorosamente monoteísta que concentrava sua atenção na problemática em torno da divindade de Jesus. Eles afirmavam que Jesus foi um ser humano comum com notáveis dons de justiça e sabedoria, os quais eram sobre-humanos ou sobrenaturais. Ele foi o Messias predestinado, embora em um sentido muito natural e humano.<sup>5</sup> O Monarquianismo Dinâmico é a primeira tentativa fracassada em coadunar a fé monoteística com a pessoa do Jesus de Nazaré.

Já o “Modalismo”<sup>6</sup> (também conhecido como ‘sabelianismo’ ou Monarquianismo Modalístico) – considerado as vezes como o reverso do subordinacionismo, possui predominantemente o pensamento de que Deus, como ser único e indivisível, rege como único monarca na criação, de tal forma que Cristo é absorvido por ele. O modalismo chegou à sua formulação teológica através de Sabélio. Na história da sua revelação e da obra salvífica, o Deus único assume três formas distintas. Na forma de Pai, Ele se revela como criador e legislador; na forma de Filho, como salvador; na forma de Espírito Santo, como vivificador. Pai, Filho e Espírito são os três modos de manifestação do Deus único. Ele mesmo permanece incógnito, inefável e inexprimível quanto o próprio Uno.<sup>7</sup>

O ponto em comum que vai dar início ao debate será a afirmação da “Geração” do Filho de Deus. Enquanto que os grupos dissidentes vão utilizar o termo para dizer que o Cristo é uma criatura, pois se foi gerado, houve um tempo em que não existiu, os ortodoxos, vão utilizar o mesmo termo para afirmar sua natureza divina e condição inerente da deidade. Cresce a reflexão sobre a natureza do Cristo e sua geração, não somente por ser uma reflexão teológica, mas ela caminha em direção à soteriologia, pois afirmar a natureza do Filho e sua condição

<sup>4</sup> MOLTSMANN, J., A Trindade e Reino de Deus, p. 139.

<sup>5</sup> ERICKSON, M., Teologia Sistemática. p. 668.

<sup>6</sup> O modalismo afirmava que existe uma única Pessoa divina que se revela a humanidade de três maneiras ou formas (modos) diferentes e em épocas diferentes. Sua afirmação é pautada no desejo de destacar, de forma clara, o fato de que há somente um Deus. Para tal afirmação é utilizado os textos como Jo 10,30 (“Eu e o Pai somos um”) e Jo 14,9 (“Quem me vê, vê o Pai”). Portanto, o modalismo nega veementemente o relacionamento entre as pessoas da Trindade, com isso, negando a distinção das Pessoas divinas. (GRUDEM, W., Teologia Sistemática, p. 162).

<sup>7</sup> MOLTSMANN, J., A Trindade e Reino de Deus, p. 144, 145.

de eternamente gerado infere diretamente à salvação conforme os primeiros debates teológicos.<sup>8</sup>

O termo a Eterna Geração do Filho é tão importante para o cristianismo que ela vai ser inclusa no Credo Niceno (325), credo responsável pela inclusão da crença na Trindade, e ratificada em Constantinopla (381). Grandes pensadores do cristianismo como Orígenes, Atanásio e os Padres Capadócijs (Basílio e Gregório Nazianzeno) vão desenvolver o tema supracitado.

A Gênese e a construção histórica dogmática sobre a Eterna Geração do Filho demonstra todo o caminho a ser percorrido da concepção dogmática até o primeiro Concílio ecumênico. Entender a matriz bíblica, o processo de embate com as heresias serve o propósito de maturar a compreensão e balizar o que significa Trindade Imanente, e o ato do Filho ser gerado na eternidade.

Outro fator preponderante serão as influências filosóficas medioplatônicas e posteriormente, neoplatônicas que servirão, assim como as Sagradas Escrituras, como alicerce para o desenvolvimento da doutrina. Termos oriundos do platonismo (hipóstase, ousía) serão utilizados como termos essenciais para a compreensão da natureza divina, assim como a reflexão sobre o Logos de Deus.

Portanto, é através de uma análise das estruturas históricas e das influências do pensamento que o termo ganhou significados distintos tanto para Orígenes, Ário, antes de sua confirmação em Niceia e no credo. A cristologia é um assunto que intriga e instiga desde os primórdios do cristianismo, e pensar em uma esfera transcendental é ainda mais desafiadora.

## 2.2

### A problemática cristológica

O embate sobre a natureza do Filho de Deus, sua mensagem e a revelação que ele faz sobre Deus é um debate originado nos primórdios do cristianismo. Deus se revelou progressivamente na história do povo de Israel e vai se revelar plenamente na pessoa de Jesus de Nazaré. Deus se fez presente na história através de seu unigênito e manifestou o seu Reino através do poder de Jesus sobre as estruturas de poder que oprimiam o ser humano através da exclusão social causada pelas enfermidades, pela religião judaica e pelo governo romano. Jesus chamou homens

---

<sup>8</sup> OLSON, R., História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 173.

e mulheres simples para viverem o Reino de Deus integralmente e apresentou um Deus de amor.<sup>9</sup>

Essa mensagem que se espalhou por todas as partes foi reinterpretada e intrigava as primeiras gerações cristãs de modo que buscavam as respostas que ainda não tinham sido respondidas: Em que consistia o fato de ser “unigênito”? Como seria possível identificar Jesus com o Pai, na medida em que Ele se declarava igual a Deus? Pode Deus ter se tornado homem? Se Deus são três, por que as Escrituras não fazem essa afirmação categoricamente? Portanto, é diante dessas questões que se deve iniciar a reflexão sobre a problemática cristológica para se entender quem é Jesus e como a Igreja se posicionou para manter sua fé de acordo com a matriz apostólica.

### 2.2.1

#### **Coadunar a fé monoteísta com a revelação de Deus em Jesus Cristo**

O cristianismo, diferentemente das demais religiões, apresenta uma revelação única de Deus, ou seja, o Deus *Tri-Uno*. Essa reflexão só é possível graças às declarações de Jesus sobre si, sobre Deus Pai e sobre assertivas em torno da natureza do Espírito Santo.<sup>10</sup>

Os quatro primeiros séculos do Cristianismo eram predominantemente dominados por um tema crucial, ou seja, pelo conceito cristológico da natureza de Cristo que, com o passar do tempo, foi ganhando corpo com a doutrina do Logos. Entrementes, o Deus que Jesus revela é o Deus Tri-Uno, afirmação essa que é única e original diante da história das religiões. Com isso, LADARIA (2005) vai indicar que: “o monoteísmo cristão, que devemos afirmar com todas as forças, é o Deus Trino, não pode ser identificado sem mais com o do judaísmo e do Islã.”.<sup>11</sup> Deus é em toda sua essência, único, mas, ao mesmo tempo, plural. Na medida em que o Deus uno pode ser conhecido através da razão *a priori*, a Trindade divina deve ser o objeto da revelação.

Todavia, por que as Sagradas Escrituras não fizeram essa afirmação de forma explícita e categórica? BOFF (2014) vai nos apontar o seguinte: “os primeiros discípulos observaram o ministério de Jesus de uma forma simples, eles vinham de

<sup>9</sup> BINGERMER, M. C., Um rosto para Deus? p. 60-63.

<sup>10</sup> LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 23.

<sup>11</sup> LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 23.



um judaísmo no qual o monoteísmo era um dogma estrito”.<sup>12</sup> Por isso, estas afirmações naquele período eram, no mínimo, descabidas para aquele momento histórico, contudo, conforme o cristianismo crescia e ganhava uma dinâmica universalista, surgia maior necessidade de se responder sobre isso.

Consequentemente, os primeiros séculos do pensamento cristão se viram no meio de polêmicas sobre como explicar quem tinha sido e quem era Jesus de Nazaré, pois, ou reduziam-no a um mero homem, ou o exaltavam de tal modo a confundi-lo com a mesma pessoa do Pai. A manutenção do monoteísmo estrito era uma “linha tênue” que consequentemente se transformara em uma armadilha, não obstante o fato de se poder ver muitas “cristologias” até a sua formatação final. O monoteísmo estrito gerou muitas visões do Cristo, e dessas muitas visões, uma que irá se opor veemente nos primórdios será o Ebionismo e o Modalismo que posteriormente se transformarão em correntes intelectuais de grande vulto no cristianismo.

### 2.2.2

#### **Investida da Igreja contra os desvios doutrinários**

A concepção monoteísta vinda do judaísmo produziu obstáculos para a concepção de Deus revelada por Jesus de Nazaré e dificultou inicialmente uma reflexão autêntica sobre o Filho de Deus. Com isso, inicia-se a problemática, pois nos primórdios do cristianismo a fé experimentada é anterior ao dogma intelectualmente elaborado. A experiência com o Cristo ressurreto e a salvação alcançada é algo basicamente empírico, os Escritos inicialmente serviam como elementos litúrgicos, para o ensino e lembranças históricas contendo também um viés apologético; o debate com a cultura filosófica provocará embates ulteriores dentro e fora da Igreja.<sup>13</sup>

A partir do segundo século nota-se o desabrochar de um tipo de cristologia que solucionava o problema monoteístico dando mais atenção à natureza humana de Jesus, reduzindo-o ao nível das criaturas e negando sua divindade<sup>14</sup>. O ebionismo

<sup>12</sup> BOFF, L., A Trindade e a Sociedade. p. 13,14.

<sup>13</sup> BOFF, L., Trindade e a Sociedade. p. 13,14.

<sup>14</sup> KELLY, J, N, D., Doutrinas centrais da fé cristã, p. 103.

nasce dentro de uma conjuntura judaica, de corrente siro-palestinense de teologia que se posicionava de forma a acentuar o caráter histórico do Cristo.<sup>15</sup>

O cristianismo foi confrontado por opositores que ganharam força dentro do próprio cristianismo e entre os movimentos oposicionista à fé cristã esteve o gnosticismo<sup>16</sup>. O gnosticismo era muito semelhante ao cristianismo em vários aspectos, por isso encontrou neste um terreno fértil para criar raízes e se desenvolver. Eles adaptaram ideias antigas com novas, distorcendo conceitos que posteriormente seriam perigosíssimos para a fé e conseqüentemente para o cristianismo. Sobre o gnosticismo cristão Leonardo Boff vai dizer:

A partir dos meados do século II em diante começaram a aparecer em Alexandria (norte do Egito) que era um grande centro de estudos e debates, uma gama de cristãos cultos. Manejavam bem a filosofia do tempo, platônica, neoplatônica, estoica; conhecem o gnosticismo, que foi talvez o maior concorrente do cristianismo antigo. O gnosticismo se apresentava como um caminho de libertação à base do conhecimento do mistério da nossa existência, de onde viemos, para onde vamos e qual é a nossa situação presente. Amalgamava sincreticamente toda sorte de elementos religiosos e filosóficos e propiciava fantasia e criatividade especulativa.<sup>17</sup>

Ainda sobre o gnosticismo, é interessante frisar que conceitos míticos de sabedoria, cosmogonia e astrologia, dualismo e interpretação do Gênesis, lei e apocaliptismo, Deus, demiurgo, anjos, demônios, Satã, eram objetos de especulação, no qual podia-se chegar a um entendimento de um desses aspectos.<sup>18</sup> Diante desse contexto que cresce a figura do bispo de Lião, Irineu. Nascido aproximadamente por volta de 140, em Esmirna, recebeu influência direta de Policarpo, discípulo do apóstolo João. Foi eleito bispo de Lião entre os anos de 180 e 198. Seu maior mérito foi por ter identificado, estudado e refutado o gnosticismo, estabelecendo assim as bases e princípios gerais para combater as heresias da Igreja.<sup>19</sup>

<sup>15</sup> Justino conhece cristãos de origem judaica que continuam a observar a lei judaica e “confessam que Jesus é o Cristo, mas o pregam como um ser humano proveniente dos seres humanos” e que “tornou-se o Cristo mediante eleição”; são cristãos, portanto, que esposam uma cristologia de eleição. (SCHNEIDER, T. (org.) Manual de Dogmática v.1. p. 295).

<sup>16</sup> Gnosticismo – seguimento religioso plural que enfatizava a salvação mediante o conhecimento acima de tudo (do grego, gnosis), das origens de alguém. O gnosticismo foi atacado nos escritos dos pais da Igreja, do século II ao século IV, que consideravam seus vários grupos como perversões heréticas do cristianismo (FERGUSON S. B., Novo Dicionário de Teologia, p. 457).

<sup>17</sup> BOFF, L., Trindade e a Sociedade, p. 75,76.

<sup>18</sup> KOESTER, H., Introdução ao Novo Testamento v.1, p. 388.

<sup>19</sup> IRENEU DE LIÃO, Patrística: Contra as Heresias, p. 13,14.

Agora, a Igreja se encontra em meio a ameaças dogmáticas dentro de si mesma, perguntando-se qual seria o caminho para que no seio do cristianismo as concepções concernentes a Jesus continuassem de tal forma que a crença do protocristianismo permanecesse pura? Com isso, a Igreja apostólica lançou mão da tradição, que adquiriu uma conotação de “apresentação tradicional da fé cristã” que se encontra refletida nos credos da igreja e em seus pronunciamentos públicos de cunho doutrinário. Com a necessidade de oferecer um resumo conveniente da fé cristã, os credos começaram a surgir como uma declaração uniforme de fé.<sup>20</sup>

A tradição e o credo se tornaram, assim, armas de defesa contra as investidas de conceitos diferentes daqueles que foram proclamados pelos apóstolos e consequentemente pelos pensadores emergentes (padres apostólicos) entre os séculos II a IV. Esses autores buscaram encontrar na filosofia pontos de ligação para sua teologia.<sup>21</sup>

Os teólogos da Igreja antiga, apesar de adotar do seu tempo a noção filosófica de Deus, não fizeram isso sem adaptações e correções. Eles descreveram o Deus apresentado pela Bíblia a partir de um prisma universal de Deus, que se adaptou muito bem aos pressupostos do cristianismo. É a partir dessa concepção universal de Deus que o cristianismo pôde deixar de ser uma seita do judaísmo palestinese (ou do judaísmo da dispersão) para, através dos pressupostos culturais dos ramos intelectuais da filosofia, tornar-se uma religião de inclusão universalista. SCHNEIDER (2012) afirma:

“A imponente concepção de uma transcendência afastada do mundo se sobrepôs sensivelmente à fé no poderio histórico do Deus vivo voltado para o mundo. A adoção dos atributos divinos “imutável” e “incapaz de sofrer”, resultantes, no pensamento Greco-helenístico, do fato de Deus ser uno e causa última, além de levar à temporária propagação da apatia na ética cristã teve seus efeitos também em certas vertentes da teologia da Trindade (com o modalismo) [...]. ”<sup>22</sup>

Portanto, a Igreja utilizou dos *credos* e da *tradição* para se manter fiel aos ensinamentos de Jesus e à concepção da fé primitiva. Isso se tornou cada vez mais importante devido ao aparecimento de desvios doutrinários e de grupos sectários que cresceram no seio do próprio cristianismo. Outrossim, a utilização de conceitos

<sup>20</sup> MCGRATH, A. E., Teologia Histórica, p. 44,45.

<sup>21</sup> SCHNEIDER, T. (org.), Manual de Dogmática v.1, p.80.

<sup>22</sup> SCHNEIDER, T. (org.), Manual de Dogmática v.1. p.82.

utilizados pela cultura sobre Deus, que se adaptaram ao cristianismo, geraram como fato positivo uma percepção universal de Deus. No entanto, uma percepção da cultura sem nenhum escrutínio gerou outras heresias.

## 2.3

### A “Geração do Filho” nas Sagradas Escrituras

Ao defender a fé trinitária os capadócijs seguiram os caminhos de seus antecessores, em especial a doutrina da “Geração Eterna” segundo Orígenes<sup>23</sup> e, a partir de Atanásio, as afirmações sobre o Filho, de quem o Pai precisa para ser Pai.<sup>24</sup>

A Bíblia é o primeiro testemunho da teologia a ser ouvido,<sup>25</sup> por isso, as citações diretas sobre o fato do Messias ter sido gerado por Deus são menções encontradas pelos autores cristão em alguns textos como Sl 2,7; At 13,33 e em Hb 1,5; 5,5. A partir desses textos, segue o significado dessas afirmações para o desenvolvimento do tema proposto.

Diretamente, a referência bíblica sobre a Geração do Filho que é encontrada em Hb 1,5 aludindo a Jesus, é uma citação do Sl 2,7.

Por que as nações se amotinam,  
e os povos planejam em vão?  
Os reis da terra insurgem,  
e, unidos, os príncipes enfrentam  
Iahweh e seu Messias:  
“Rebentemos seus grilhões,  
sacudamos de nós suas algemas!”

O que habita nos céus ri,  
o Senhor se diverte à custa deles.  
E depois lhes fala com ira,  
confundindo-os com seu furor:  
“Fui eu que consagrei o meu rei  
sobre Sião, minha montanha sagrada!”

Publicarei o decreto de Iahweh:  
Ele me disse: “Tu és meu filho,  
eu hoje te gerei.  
Pede, e eu te darei as nações como herança,  
os confins da terra como propriedade.  
Tu as quebrarás com um cetro de ferro,  
Como um vaso de oleiro as despedaçarás,”

E agora, reis, sede prudentes,

<sup>23</sup> CHAMPLIN, R. N., Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia vol 2, p. 890.

<sup>24</sup> ATANÁSIO, Antologia, p. 12.

<sup>25</sup> BOFF, C., Teoria do Método Teológico, p. 15.

deixai-vos corrigir, juízes da terra.  
 Servi a Iahweh com temor,  
 beijai seus pés com tremor  
 para que não se irrite e pereçais no caminho,  
 e num instante sua cólera inflama.  
 Felizes aqueles que nele se abrigam! (Sl 2, 1-12) <sup>26</sup>

Sobre essa passagem, Beale e Carlson afirmam que, no contexto do Salmo 2, a estrutura do texto se enquadra em uma conjuntura em que as nações se rebelam contra Deus e seu ungido, o rei de Israel. Essa rebelião, então, será aniquilada pelo poder do rei entronizado por Deus em Sião. No versículo 6, o Texto Massorético<sup>27</sup> traz a proclamação em que o Senhor estabelece no monte Sião o rei de sua escolha, enquanto a Septuaginta<sup>28</sup> põe a confissão na boca do próprio rei ('Fui designado rei').

A frase 'eu te gerei' não se refere ao fato de o rei ser fisicamente nascido de Deus, como seria esperado na antiga mitologia do Mediterrâneo, mas, sim, ao 'relacionamento pai-filho', expresso dessa forma, que conota apadrinhamento, apoio ou assistência de Deus ao rei e, por implicação à sua dinastia<sup>29</sup>, Brown et al, vai corroborar com Beale e Carlson sobre o contexto da Geração do ungido do Senhor no versículo 7, significando adoção e não geração natural.<sup>30</sup>

Portanto, observa-se que a passagem do livro de Salmos faz menção a um relacionamento íntimo entre o rei, o seu ungido, e o Senhor. Em um momento de crise, o Senhor estará com o rei e fará com que ele e toda a sua casa sejam vitoriosos diante dos seus inimigos. A geração divina por parte do rei jerosolimitano não é semelhante aos reis e aos faraós da antiguidade, mas se dá por um relacionamento baseado na aliança.

Em relação à geração divina dos monarcas nos tempos antigos é interessante salientar que no antigo Oriente Próximo geralmente considerava-se que os reis tinham uma relação de geração filial com as divindades. Essa visão era evidenciada no reinado egípcio, uma vez que o faraó era considerado filho direto dos deuses, ele

<sup>26</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>27</sup> Texto Massorético – é a forma final do texto da Bíblia hebraica trabalhado por gerações de massoretas. (FRANCISCO, E. F., Manual da Bíblia Hebraica, p. 531).

<sup>28</sup> Septuaginta (LXX) – versão grega do texto bíblico hebraico que surgiu a partir do século III a.C., em Alexandria. (FRANCISCO, E. F., Manual da Bíblia Hebraica, p. 528).

<sup>29</sup> BEALE, G.K., CARSON, D. A., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p.1139,1139.

<sup>30</sup> BROWN, R. E. FITZMYER, J. A. MURPHY, R. E., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento, p. 1037.

era, na verdade, concebido como filho de Rá, o deus sol. Na literatura ugarítica, Keret, rei de Khubur, é reconhecido como filho de El, o principal deus dos cananeus. Além disso, evidências iconográficas demonstram dois príncipes mamando nos seios da deusa Anat, indicando sua descendência divina. Entre os reis arameus, a designação era até mesmo incluída em seus nomes reais. Na mesopotâmia, desde Gilgamesh, na metade do terceiro milênio, até o período dos reis Gudea, Hamurabi, Tukulti-Ninurta e Assurbanipal, citando apenas alguns, era parte da prerrogativa real reivindicar a herança e a filiação divina. No entanto, os reis israelitas eram filhos do Senhor não por geração natural e sim por causa da aliança.<sup>31</sup>

Outrossim, Schneider faz a seguinte afirmação sobre a geração do ungido pelo Senhor: O rei em Israel, ao contrário do que acontecia na antiguidade e especialmente no Egito, não era considerado Filho de Deus de modo natural, por meio de geração física, mas sim, era considerado eleito e consequentemente adotado, com isso esse filho do Senhor tem um relacionamento próprio e íntimo com Deus, e é através dele que o Senhor se evidencia como atuante e régio sobre a nação.<sup>32</sup>

“Por conseguinte, o rei “Ungido” e entronizado é, com Javé, “pastor” e guardião de seu povo, mas também o verdadeiro sacerdote de Israel, que organiza o culto e oferece sacrifícios e abençoa o povo, mesmo que costumeiramente transfira essas funções aos sacerdotes por ofício.”<sup>33</sup>

Com isso, entende-se um pouco porque nos primeiros séculos do cristianismo a interpretação adocionista<sup>34</sup> ganhou vulto nas interpretações de origem siropalestinense, tendo em vista que as afirmações veterotestamentárias não afirmam uma geração divina nos mesmos moldes da concepção dos outros povos, mas sim, uma geração por adoção através de um relacionamento pautado na aliança, pois o rei davídico é filho de Adonai. Todavia, no Novo Testamento, mesmo

<sup>31</sup> WALTON, J. H. MATHEWS, V. H. CHAVALLAS, M. W., Comentário Histórico Cultural da Bíblia: Antigo Testamento, p. 674.

<sup>32</sup> SCHNEIDER, T. (Org), Manual de Dogmática: volume 1, p. 230.

<sup>33</sup> SCHNEIDER, T. (Org), Manual de Dogmática: volume 1, p. 230.

<sup>34</sup> Adocionismo – termo comumente utilizado para indicar que Jesus era meramente um homem comum, mas de virtude ou proximidade com Deus, incomuns a quem Deus “adotou” em filiação divina. Essa elevação excepcional, que no adocionismo primitivo estava geralmente associada ao evento do batismo de Cristo, implica, no entanto, somente uma atividade divina especial sobre Jesus, ou nele, e não a presença individual em sua pessoa de um segundo membro da Trindade (FERGUSON S. B., Novo Dicionário de Teologia, p. 32).

fazendo uma citação direta do Salmo 2, o livro de Atos e o autor da carta aos Hebreus dão outra interpretação da passagem citada oferecendo-lhe outra conotação, bem específica.

Deus a realizou plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como também está escrito nos Salmo: Tu és o meu Filho, eu, hoje, te gerei. (Atos 13,33)

De fato, a qual dos anjos disse Deus: Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei? Ou ainda: Eu lhe serei pai, e ele me será filho? E ao introduzir o Primogênito no mundo, diz novamente: Adorem-no os anjos de Deus. A respeito dos anjos, porém, ele declara: Torna ventos os seus anjos, e em chamas de fogo os seus ministros. Ao Filho, porém, diz: O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; o cetro da retidão é o cetro de sua realza. (Hebreus 1,5-9)

Deste modo, também Cristo não se atribui a glória de tornar-se sumo sacerdote. Ele, porém, a recebeu daquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei...<sup>35</sup> (Hebreus 5,5)

Enquanto o salmista se baseia na promessa de 2 Samuel 7 a respeito do domínio do mundo pela sua descendência, a imagem imediata é do relacionamento entre pai e filho, legitimando assim, a dinastia davídica como um todo. Com isso, Deus legitima individualmente o rei como co-soberano. A filiação divina no contexto veterotestamentário não é uma geração divina, mas sim, uma legitimação legal, na qual, Deus, doa uma porção do seu domínio, propriedade e herança.<sup>36</sup> Portanto, em Salmos 2,7 deve ter antecipado um cumprimento maior. Em Atos 13,33 e em Hebreus 1,5 e 5,5, o Salmo pode ser entendido como uma profecia verbal explícita, cumprida na ressurreição e exaltação de Cristo.<sup>37</sup>

Não obstante o fato do título “Filho de Deus” ser considerado pelo judaísmo um título régio e ser constituído como uma predicação messiânica, foi utilizado pelos cristãos para decifrar a experiência pascal como título referente a Jesus respaldado na leitura do Salmo 2,7.<sup>38</sup>

De acordo com a revelação e a compreensão progressiva da temática messiânica, na Palestina do primeiro século se interpretava que o Messias seria Filho de Deus e que esse filho seria gerado conforme a seguinte concepção: “o significado do termo “geração do Messias” na conjuntura do Antigo Testamento

<sup>35</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>36</sup> FOHRER, G. História da Religião de Israel, p. 189-191.

<sup>37</sup> BEALE, G.K.; CARSON, D.A., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 1140.

<sup>38</sup> SCHNEIDER, T. (org.), Manual de Dogmática v.1, p. 268.

reflete o ato do Senhor reconhecer o seu ungido, o rei de Israel, como filho, da linhagem davídica, sendo assim, filho do Senhor por adoção, pois através dele e com ele o Senhor reina sobre Israel.<sup>39</sup>

Consequentemente, diante de Deus o rei possui uma relação íntima de mediador e executor da vontade divina. Beale e Carson afirmam que o significado do termo “gerar” ou ser “gerado” por Deus “hoje” é uma indicação de que o Filho foi exaltado à destra de Deus Pai através da ressurreição da mesma maneira que já tinha sido exaltado como agente do Pai na criação do mundo. Portanto, Jesus era considerado “o Filho” antes da criação. Não pode o Salmo ser considerado uma declaração de adoção do Filho por parte do Pai. Mas ao se reinterpretar o Salmo, a Igreja entendeu que o Pai exalta Jesus à posição de rei do Universo, em sua ressurreição e exaltação. Nesses acontecimentos Deus confirmou Jesus como Messias e estabeleceu-o como rei eterno. Quando Deus se revela como o Pai de Jesus na ressurreição, o Filho é entronizado como o Cristo de Deus.<sup>40</sup>

Outros textos fazem alusão ao Sl 2, no sentido de filiação divina: 1) no batismo (Mc 1,11); e 2) na transfiguração (Mc 9,7), a frase pronunciada por Deus em referência ao Filho: “Tu és o meu filho amado, em ti tenho prazer”. Esta alusão coaduna pelo menos três textos escriturísticos: Gn 22,2; Sl 2,7 e Is 42,1. Certamente que Jesus, como filho amado e único do Pai, encarna a missão do novo Isaque na condição de sofredor, assim como o cordeiro pascal. Ele dará pleno prazer ao Pai nos céus quando enfrentar a experiência da própria morte, “o eleito é separado para a exaltação e a humilhação, para a glória e para a morte [...]”. Se na citação de Gn 22 Jesus é apresentado como o novo Isaque, agora na transfiguração Ele é apresentado como o novo profeta e o novo Moisés, o servo que dirige o povo de Deus em seu novo êxodo. Por fim, mediante a citação do Sl 2,7, Jesus assume também papel de novo Davi. Ele governa como libertador dos pobres, e não como conquistador das nações.<sup>41</sup>

Contribuindo com outras informações importantes sobre a “geração”, Brown et al. vão afirmar que “o dia da ascensão do rei ao trono era o dia que ele era gerado como filho de Deus [...]”. O autor de Hebreus entendeu o ‘hoje’ do Sl 2,7 como o

<sup>39</sup> SCHNEIDER, T. (org.), Manual de Dogmática v.1, p. 268.

<sup>40</sup> BEALE, G.K.; CARSON, D.A., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 1141.

<sup>41</sup> ZABATIERO, J., Bíblia, Literatura e Linguagem, p. 194-196



dia da exaltação do Cristo ressurreto”. Com isso, conclui-se que a passagem não fala originalmente de uma geração no seio da Trindade Imanente ou de uma Eterna Geração, mas sim, de uma exaltação sobremaneira como Messias universal através da ressurreição.<sup>42</sup>

Com isso, chega-se à conclusão de que a referência deve ser uma indicação direta de uma “Geração do Filho” como citada pelo Salmo 2,7. Nos textos de At 13,33; Hb 2,15 e Hb 5,5 há uma explicação de que Jesus possui um caráter de exaltação através da ressurreição, pela qual o Pai o faz herdeiro e agente régio de Deus diante da criação. Outrossim, nada se afirma diretamente na conjuntura do texto bíblico.

Contudo, ao utilizar a passagem do segundo capítulo dos Salmos como referência, infere-se que se Jesus fosse o Messias “gerado” conforme a expectativa messiânica sobre o rei de Israel, dificilmente isso poderia ser associado com o título de “Unigênito”, pois o rei já teria sido gerado neste sentido, portanto, como o Unigênito de Deus, o termo Geração ganha uma outra conotação dentro do messianismo cristão sobre Jesus, já que Ele é o único a ser gerado.

Somente em Orígenes o conceito ganhará uma nova reflexão e aprofundamento, de tal forma que será reinterpretado, mostrando um relacionamento do Filho com o Pai na Trindade Imanente. É importante frisar também que Orígenes não utilizará os textos em pauta, mas interpretará o conceito do Logos para significar e afirmar que Jesus é o Filho de Deus gerado na eternidade.<sup>43</sup>

## 2.4

### A Filosofia como ponto de partida da reflexão teológica em Orígenes

Inicialmente, acusados de ateus e ignorantes, os cristãos apelaram ao saber e à filosofia. Os melhores filósofos pagãos já afirmavam que acima de todo o universo existe um ser supremo, os próprios deuses pagãos já haviam caído em descrédito por se ter humanizado e não se adequarem ao pensamento crítico da filosofia.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> BROWN, R. E. FITZMYER, J. A. MURPHY, R. E., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos, p. 695.

<sup>43</sup> CHAMPLIN, R. N., Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia vol 4, p. 627.

<sup>44</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p.89.

Apelando para estes sábios, os cristãos começaram a dizer que eles também acreditavam em um só ser supremo que fosse Deus. Outro fator importante para o cristianismo foi a utilização da filosofia para explicar o conceito de Deus, utilizando tanto as Escrituras quanto os conceitos filosóficos da época. Foi assim que os Padres da Igreja utilizaram filósofos como Platão, Plotino, dentre outros pensadores e ideais filosóficas, para que o cristianismo quebrasse a barreira cultural e se tornasse universal.<sup>45</sup>

O conflito entre Escritura e filosofia, no que se refere à doutrina de Deus, foi resolvido de duas maneiras: em primeiro lugar, através de uma hermenêutica elaborada e, em segundo lugar, através da doutrina do Logos. Com esses meios Orígenes elabora a sua reflexão sobre a eterna Geração do Filho.<sup>46</sup>

#### 2.4.1

##### A Eterna Geração do Filho em Orígenes

Orígenes nasceu por volta de 185 ou 186 em Alexandria, no Egito. Viveu em um momento histórico decisivo em que a Igreja combatia o gnosticismo e suas reuniões secretas e construía as bases fundamentais que tinham sido plantadas para o futuro. Veio de um lar cristão, onde seu pai, Leônidas, era um mestre junto à escola de Alexandria, mesmo lugar em que certamente teria ensinado a ele o conhecimento cristão, sendo vítima, em 202, da perseguição aos cristãos sob Septímio Severo. Segundo Drobner, é conhecido mais detalhes a respeito de sua vida do que qualquer outro autor cristão antes dele.<sup>47</sup>

Tornou-se um mestre cristão, concentrando-se ainda mais que seu pai sobre a doutrina das Escrituras. Posteriormente, decidiu estudar as ciências encíclicas e, em especial, filosofia. Orígenes dirigiu a escola de Alexandria depois de Panteno e de Clemente de Alexandria, e devido a seu zelo radical, vendeu todos os seus livros de filosofia, para que viesse a se dedicar completamente ao estudo do cristianismo. Porém, depois de um tempo, teve que voltar a estudar filosofia para um estudo mais aprofundado da mensagem de fé, recebendo aulas de filósofos neoplatônicos.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p.89.

<sup>46</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p.89.

<sup>47</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 147.

<sup>48</sup> Com vinte e cinco anos (ano 210) seguiu para Alexandria e foi discípulo de Ammônio Saccas, mestre de Plotino e segundo Eusébio de Cesareia pai do neoplatonismo, foi seu mestre por aproximadamente por cinco anos. (DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 147).

Orígenes estudou os filósofos pagãos para ser capaz de refutá-los. Sua escola foi muito próspera e ele se dedicou inteiramente aos estudos de filosofia e teologia. Um dos seus maiores êxitos foi a conversão de um tal Ambrósio de Alexandria, que passou do gnosticismo à fé ortodoxa, sendo homem de grande poder aquisitivo e, por isso, esse o apoiara com recursos financeiros, facilitando-lhe com os meios necessários para que pudesse consagrar-se ao trabalho intelectual e pastoral.<sup>49</sup>

Foi ordenado sacerdote por volta de 231, em Cesareia da Palestina, mas sem a permissão de Demétrio<sup>50</sup>, porém, quando volta para Alexandria, Demétrio faz com que um sínodo o prive do sacerdócio e o desterre de sua pátria. Foi a partir deste episódio que Orígenes se muda para a Cesareia da Palestina, fundando uma nova escola para difundir o seu pensamento, que o consagra por causa da exegese e da teologia que desenvolveu no Oriente Médio.<sup>51</sup>

Em sua hermenêutica bíblica, apesar de ser conhecido por sua interpretação alegórica, Orígenes partia em primeiro lugar do sentido literal do texto bíblico. Ele distinguia três significados das Escrituras: o sentido corporal ou literal, o sentido psíquico ou moral e o sentido espiritual ou místico.<sup>52</sup> Afirmava que existiam textos cuja interpretação literal poderia conduzir os leitores ao absurdo ou à imoralidade. Tais considerações levaram-no a aceitar a alegoria como uma saída interpretativa.

No final de sua vida, foi preso e torturado na perseguição promovida por Décio (250/251), mas sobreviveu por poucos anos e morreu em decorrência dos ferimentos sofridos no cativeiro, provavelmente em 254.<sup>53</sup>

A obra *De principiis* é considerada o escrito teológico mais importante de Orígenes, e a base de sua teologia é regulada pelas Sagradas Escrituras com o objetivo de que fosse enraizada na tradição da Igreja. É a partir desse pressuposto que ele escreve contra as heresias de seu tempo. É nesse contexto que, ao se opor aos adocionistas consegue desenvolver o conceito da Eterna Geração do Filho.<sup>54</sup>

Uma forma de discussão entre o cristianismo e o paganismo consistia, na época pré-constantiniana, na controvérsia dos eruditos. Então, por volta de 178 o filósofo pagão Celso escreveu um livro chamado de *O verdadeiro Logos*.

<sup>49</sup> ORÍGENES. Patrística: Orígenes – Contra Celso, p. 11-12.

<sup>50</sup> Demétrio foi o patriarca de Alexandria, entre os anos de 189 e 232.

<sup>51</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 148-149.

<sup>52</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 151.

<sup>53</sup> CAMPENHAUSEN; H. von. Os Pais da Igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos, p. 41-55.

<sup>54</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 155.

Diferentemente dos anteriores ataques realizados aos cristãos, ele obteve boas informações sobre o cristianismo e partiu para um ataque direto à fé cristã e aos seus fundamentos. Celso conhecia perfeitamente a doutrina dos cristãos sobre o Logos, e que esta podia ser harmonizada com a filosofia platônica de sua época. Em suas afirmações ele dizia que Cristo não passava de uma fralde e que seus discípulos teriam inventado o mito da ressurreição. Foi então que Ambrósio incentivou Orígenes a responder à altura, e por volta de 245-248, ele escreveu os oito livros *Contra Celso*.<sup>55</sup>

## 2.4.2

### A reflexão Trinitária em Orígenes

A Igreja teve desde o seu início o grande desafio de coadunar a ideia de um único Deus herdado da cultura judaica com a revelação de Deus em Jesus através da interpretação monoteísta cristã, afirmando ao mesmo tempo a divindade do Filho.

Hipólito<sup>56</sup> e Tertuliano<sup>57</sup> se esforçaram em apresentar a Trindade Econômica<sup>58</sup>, ou seja, concentraram-se em explorar as relações intertrinitárias reveladas nas Escrituras. “Embora a criação e a redenção mostrassem que o Filho e o Espírito eram diferentes do Pai, eles também eram considerados inseparavelmente um com ele, em seu eterno ser”.<sup>59</sup>

As primeiras afirmações trinitárias se pautavam na afirmação de que o caráter trinitário de Deus em nada esvaziava a sua unicidade, por isso, o cristianismo oficial precisava argumentar contra o patripassionismo<sup>60</sup> e contra o modalismo. Nesse

<sup>55</sup> DROBNER, H. R., *Manual de Patrologia*, p. 156-157.

<sup>56</sup> Hipólito de Roma (morreu cerca de 236) foi um presbítero de Roma do início do século III cuja pregação Orígenes ouvira em uma ocasião, quando viajara até Roma, em 212. De Hipólito, temos o primeiro comentário existente de um livro do Antigo Testamento, da profecia de Daniel. Há também uma parte do comentário de Hipólito sobre Cântico dos Cânticos que sobrevive. Também sabemos que Hipólito escreveu comentários de outras seções do Antigo Testamento, incluindo Salmos, Gênesis e os profetas Isaías, Ezequiel e Zacarias, mas todos estes diversos comentários estão perdidos (HAYKIN, M. A. G. *Redescobrimos os Pais da Igreja*, p.88).

<sup>57</sup> Tertuliano foi o primeiro escritor cristão de língua latina de que se conhece, originado do norte da África, nasceu por volta de 160 em Cartago, oriundo de uma família pagã. Pode ser considerado, pelo menos, como o criador do latim cristão teológico, e introduziu as formas literárias e a retórica da Antiguidade. (DROBNER, H. R., *Manual de Patrologia*, p. 164,165).

<sup>58</sup> A Trindade Econômica é o *modo* como a Trindade se apresenta a nós na economia da salvação, apresentado nas Sagradas Escrituras, em contrapartida a Trindade Imanente é Deus em sua vida íntima (LIBANIO, J. B. MURAD, A., *Introdução à Teologia: perfil, enfoques e tarefa*, p. 318).

<sup>59</sup> ERICKSON, M. *Teologia Sistemática*, p. 326.

<sup>60</sup> O Patripassionismo – doutrina que imaginava que o que sucedeu ao Jesus terreno, foi totalmente transferido para o Pai celeste. Isso foi aceito com base na analogia de que como o Filho era divino

sentido, pode-se fazer em três cristologias distinta entre si: a primeira que afirma que Cristo como pessoa era indivisível, sendo ao mesmo tempo divino e humano, a segunda pela qual o denominavam como um homem simples preeminentemente dotado e a terceira na qual eliminavam sua humanidade.

Orígenes é provavelmente, junto com Agostinho, o maior pensador cristão. Ao dizer “pensador” deve-se levar em conta que a seguinte afirmação é realizada em relação ao ato de coadunar a filosofia grega com os ideais cristãos, pois, para Orígenes, não havia contradição nenhuma entre filosofia grega e fé cristã.<sup>61</sup>

A filosofia platônica daquele período foi sustentada de modo crescente pela mesma atmosfera gnóstica que permeou e dirigiu o pensamento cristão nos últimos tempos da antiguidade. Os problemas teológicos e antropológicos como a teodiceia, o desenvolvimento moral, a doutrina da imortalidade, a exigência de se retirar do mundo material, o problema do significado da decadência do mundo material e seu possível retorno à unidade divina original, a investigação do conceito do ser em si – todas estas coisas eram tópicos e problemas básicos da filosofia platônica, assim como elas eram, na visão de Orígenes, os problemas básicos do próprio cristianismo.<sup>62</sup>

Ele, com isso, utiliza do medioplatonismo para desenvolver sua teologia, o que vale a dizer que Orígenes tinha um conhecimento substancial das várias correntes filosóficas. Ele as leu, conforme afirma MORESCHINI (2008) “de Platão, Fédon, Fedro, República, Timeu; conhece as Leis e as Cartas. Provavelmente conheceu, de Aristóteles, Da alma e a Ética a Nicômaco, os estoicos [...]”.<sup>63</sup> Portanto, não é de se surpreender que a tradição platônica tenha deixado traços profundos em seu pensamento.

A reflexão trinitariana em Orígenes, inicialmente, se dá através de uma analogia com a concepção de divindade dos filósofos gregos que é formada pela tríade, *Uno-Bem*, o *Intelecto* e a *Alma Cósmica*, em todo caso, existe para os medioplatônicos uma ligação entre o deus transcendente e o intelecto. O Pai, o Filho e o Espírito Santo aparecem muitas vezes juntos no Novo Testamento, todavia, é

---

assim como o Pai, o que sucedia a um, consequentemente deveria suceder ao outro. Ou então, não se reconhecia a distinção entre Deus Pai e o Filho (CHAMPLIN, R. N., Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, p. 116).

<sup>61</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 137.

<sup>62</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 138.

<sup>63</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 139.

bem sabido que não se encontra nos escritos neotestamentários, nem dos primeiros tempos da teologia patrística, nenhum conceito genérico que abranja os três.<sup>64</sup>

Hipólito usou a expressão “*duo prosopa*”, referindo-se ao Pai e ao Filho, o Pai e o Filho não são os mesmos embora unidos na potência. Tertuliano já entra com o termo com caráter trinitário. Mas, será em Orígenes que o termo “hipóstase”<sup>65</sup> vai ser referenciado à deidade cristã, expressando com essa palavra, embora de maneira ainda implícito e incipiente, a originalidade irrepetível que caracteriza tanto o Pai, como o Filho e o Espírito Santo como “substância”.<sup>66</sup>

Em relação ao significado do vocábulo, “hipóstase” em Orígenes tem o mesmo significado de ousía em contexto trinitário, ou seja, expressa uma “entidade individual”. Em sua etimologia, o vocábulo ousía é derivado do verbo ‘*einai*’ do grego. Geralmente traduzido ou por “substância” ou “essência” (do latim, *essentia*), possuía uma gama grande de significados. Em oposição ao verbo ‘*genesthai*’ que dava a ideia de “vir a ser”, ou “tornar-se”, apresentando assim um conceito de transformação/devir, ousía, portanto, representava aquilo que é estático, perene, imutável. Platão foi o primeiro pensador a utilizar a palavra no contexto filosófico. Para ele, a ousía de uma coisa era o seu “Ideal”, eterno e perfeito arquétipo. Era também utilizado de forma coletiva para “realidade”, como totalidade das Ideias, com contraste com a aparência, efemeridade.<sup>67</sup>

Aristóteles, no entanto, utilizou o termo de forma mais limitada. Ele explicou que a ousía poderia se referir tanto às formas das coisas quanto à sua matéria. Distinguindo assim entre primeira e segunda categorias, a primeira distinguia o indivíduo e a segunda indicava a espécie e/ou gênero. O estoicismo, compreendia o mundo em um processo de constante evolução, controlado por um único princípio racional. Em consequência, os escritores cristãos utilizaram o termo com a distinção

<sup>64</sup> LADARIA, L. F. A Trindade, p. 66.

<sup>65</sup> Hipóstase = subsistência = pessoa: três realmente distintas – para designar o que é três em Deus, a teologia oficial da Igreja utilizou as palavras hipóstase (em grego), pessoa (em latim) e subsistência. Hipóstase, portanto, designa a individualidade que existe em si, distinta de todas as demais. Assim, devemos dizer que cada Pessoa divina existe em si numa existência singular, distinta das duas outras. Cada pessoa divina é subsistente, possui existência real em si mesmo de modo singular. Pessoa indica também a individualidade racional, o sujeito espiritual que se possui a si mesmo, o termo era inicialmente empregado para significar a existência objetiva de três em Deus (BOFF, L., Trindade e a Sociedade, p. 139, 140).

<sup>66</sup> LADARIA, L. F., A Trindade. p. 66.

<sup>67</sup> DI BERARDINO, A. (ed.), Encyclopedia of Ancient Christianity, p. 2:993.

platônica entre a ousia material como realidade imaterial. Com o cristianismo, o termo evoluiu para expressar a realidade divina em sua essência.<sup>68</sup>

Contudo, é significativo que tanto para Orígenes quanto para Plotino o termo tenha um significado análogo. Plotino utiliza o termo “hipóstase” para se referir a seus princípios metafísicos, a saber, o Uno-bem compreendido como princípio absoluto, a inteligência comparada ao demiurgo, e a alma cósmica que era a razão de todas as coisas existirem. Assumindo esse esquema para o pensamento cristão sobre a Trindade divina, Orígenes torna-se o primeiro a instituir na escola de Alexandria uma teologia trinitária.<sup>69</sup>

É a distinção em Deus, a distinção que dá lugar à Trindade o que se quer expressar com o conceito de pessoa. Uma distinção dentro da unidade, mais ainda, da unidade da substância que a economia (também intradivina) “dispõe” na Trindade das Pessoas. Tendo presentes às afirmações bíblicas e na controvérsia com o patripassianismo, a existência de um só Deus será sempre o ponto de partida e o pressuposto irrenunciável. Daí a insistência na unidade da substância divina. A distinção das pessoas não se lhe opõe como um obstáculo.<sup>70</sup>

Sobre o termo hipóstase adicionado à teologia trinitária por Orígenes, vinda do neoplatonismo de Plotino é interessante observar que embora o conceito ulterior seja de caráter técnico para evidenciar as pessoas da Trindade, inicialmente, servia o propósito de se referenciar aos princípios metafísicos ou à Tríade plotiniana. Com isso, constata-se que toda a base da teologia trinitária está alicerçada na analogia médio e neoplatônica.<sup>71</sup>

Em contraposição aos adocionistas, que afirmavam que o Cristo como homem foi considerado filho de Deus por adoção somente após a encarnação, Orígenes desenvolveu sua doutrina da Eterna Geração do Filho. Ligava essa geração à vontade do Pai semelhante às emanções transcendentais de Plotino, resultando em certo sentido em uma subordinação do Filho ao Pai.<sup>72</sup>

A reflexão sobre a Eterna Geração do Filho inicia-se com Orígenes a partir de sua influência medioplatônica e seu paralelo com Plotino, sendo que o *uno – princípio absoluto* de Plotino, que é ao mesmo tempo o bem absoluto, oferece para Orígenes o conceito com o qual se aproxima de Deus Pai que é a bondade em si.

<sup>68</sup> DI BERARDINO, A. (ed.), *Encyclopedia of Ancient Christianity*, p. 2:994.

<sup>69</sup> MORESCHINI, C., *História da Filosofia Patrística*, p. 144-146.

<sup>70</sup> LADARIA, L. F. *A Trindade*, p. 67.

<sup>71</sup> ORÍGENES, *Patrística: Tratado sobre os princípios*, p. 17.

<sup>72</sup> HORTON, S. M., *Teologia Sistemática*, p. 88.

Para Orígenes, o Filho é a imagem da bondade do Pai e, por isso, constantemente vive graças ao Pai. Exatamente isso significa a Geração Eterna do Filho. Para ele, o Pai cria no Filho com a sua mesma geração. Diferentemente da segunda hipóstase de Plotino que a considera inferior à primeira, para Orígenes o Filho não é inferior ao Pai embora não consiga fugir de certa subordinação.<sup>73</sup>

Segundo Orígenes, o Pai gera eternamente o Filho e, portanto, nunca está sem Ele, o relacionamento entre Pai e Filho é sempre entre o que gera e o que é gerado.<sup>74</sup> O Filho é Deus, porém Ele *subsiste* (segundo a linguagem teológica posterior, que se relaciona com a existência de Deus) como uma Pessoa distinta do Pai. O conceito oferecido por Orígenes sobre a Geração Eterna preparou a Igreja para entender que a Trindade subsiste em três Pessoas em vez de consistir em três partes.

Para combater a heresia que afirmava que houve um tempo em que o Filho não existia, Orígenes desenvolveu a doutrina da Eterna Geração do Filho. Este conceito de “consustancialidade” com o Pai ressaltava a igualdade entre ambos, pois afirmava que tanto o Pai quanto o Filho possuíam uma mesma essência. Entretanto, Orígenes não soube desenvolver o seu pensamento sem dificuldades doutrinárias por causa do conceito de subordinação do Filho. Em consequência, para ele, a Eterna Geração implicava afirmar que, apesar de serem iguais, o Logos precisava ser subordinado ao Pai,<sup>75</sup> conforme apresentado na literatura neotestamentária,<sup>76</sup> corroborando a ideia do papel de submissão do Filho em relação ao Pai.<sup>77</sup>

Ele insiste na unidade dos Três da Trindade, afirmando a distinção das três hipóstases, na Geração Eterna do Logos e na rejeição da geração como divisão de sua substância. Portanto, o Logos é o princípio de racionalidade de todos os seres espirituais, da mesma forma que o Espírito Santo tem igual dignidade em relação aos dois anteriores, o Pai e o Filho, portanto, é uma hipóstase divina e imutável conforme os outros dois.<sup>78</sup>

Orígenes insiste, ao explicar a relação com o *primeiro Princípio*, que a geração do Filho não aconteceu semelhante à geração animal, mas como divina

<sup>73</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 154.

<sup>74</sup> LITFIN, B. M., Conhecendo os pais da Igreja, p. 170, 171.

<sup>75</sup> WALKER, W., História da Igreja Cristã, p. 113, 114.

<sup>76</sup> A afirmação de Jesus em João 14,28 “o Pai é maior do que eu”, fez com que Orígenes interpretasse que o Filho era subordinado ao Pai.

<sup>77</sup> HORTON, S. M., Teologia Sistemática, p.169.

<sup>78</sup> ORÍGENES, Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 17.



permanece misteriosa, essa geração deve ser compreendida como por participação da essência paterna, por emissão/prolação, o que conferia certa ideia de materialidade em Deus comparando-a, entretanto, com o modo como a vontade provém da inteligência, muito semelhante às emanções na tríade de Plotino.

Utilizando-se das palavras de Orígenes “é uma geração eterna: Com efeito, se o Filho é uma prolação do Pai, e como esse termo prolação exprime um modo de geração [...]”. Ele combatia as afirmações de que o Filho veio a existir a partir da conversão de uma parte da substância de Deus, partindo assim do nada como se esse existisse fora da substância, partindo assim de uma *creatio ex nihilo*. Ao contrário, afirmava que a Palavra e a Sabedoria foram geradas do Pai invisível e não corporal, sem que nada se produza de modo corporal, tal como a vontade procede da inteligência.<sup>79</sup>

### 2.4.3

#### A contribuição de Orígenes sobre a Eterna Geração do Filho

A importância de Orígenes ao cristianismo é inegável já que, por seus erros ou por seus acertos, influenciou o desenvolvimento do tema tanto entre os hereges como entre os heróis da ortodoxia. Sobre seu poder de influência no âmbito do cristianismo OLSON (2001) afirma:

“ (...) o firme defensor da doutrina da Trindade, Atanásio (século IV), era tão origenista quanto qualquer herege. Os pais capadócios, Basílio e os dois Gregórios foram, de muitas maneiras, os herdeiros teológicos de Orígenes, assim como o foram muitos outros grandes pensadores do Oriente. ”<sup>80</sup>

Contudo, Orígenes utilizou de forma demasiada o pensamento especulativo, fato este que o leva a conclusões, no mínimo, questionáveis. Ele nunca deixou de afirmar a divindade do Logos nem deixou de asseverar a encarnação pela qual esse se tornou igual aos homens. Entretanto, caiu na armadilha do subordinacionismo, com tendência de reduzir o Logos a algo inferior ao Pai.<sup>81</sup>

Neste período, preocupava-se muito com a aplicação do conceito da *apatheia*<sup>82</sup> às argumentações teológicas, de modo que se tornava comum afirmar a

<sup>79</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 148, 149.

<sup>80</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 102.

<sup>81</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 17.

<sup>82</sup> Apatheia – (do grego, *a*= não + *patheia*= sofrimento) a perfeição absoluta e estática em Deus exigia que ele fosse impassível (não ser sujeito a paixões) essa natureza de Deus segundo o

possibilidade do devir no Logos como, ao escrever em resposta a Celso sobre a encarnação do Verbo, Orígenes acaba negando. Segundo Celso, como humano Jesus participaria de uma condição de imperfeição e devir: “Se Deus ‘veio’ aos seres humanos, então necessariamente mudou, para pior!”, essa afirmação era o “calcanhar de Aquiles” diante do medioplatonismo em referência à divindade de Cristo, já que pregava que Deus não poderia passar por nenhuma transformação, para melhor ou para pior. Portanto, Deus Jesus sofreria a transformação temporal, fisiológica e emocional ao participar da natureza humana.<sup>83</sup>

Foi então que Orígenes tentou solucionar os problemas da encarnação explorando e refletindo sobre o conceito do Logos. Ele rejeitou qualquer tipo de mudança ontológica real na deidade, e também no Logos, no processo da encarnação: “Pois, permanecendo imutável em essência, ele condescende aos assuntos humanos pela economia da providência”.<sup>84</sup>

O Logos era a chave interpretativa para que a crença cristã em Deus se tornasse inteligível do mesmo modo que a fé na encarnação do Verbo se mostrava útil para que todos pudessem se aproximar e compreender a humanidade de Jesus Cristo. O Logos passa a ser o ‘espelho imaculado’ ou a imagem perfeita de Deus e seu ‘rebento’, como um raio de sol que sempre esteve com o Pai e no Pai como expressão do seu ser. O Logos é eternamente gerado ou criado pelo Pai e, segundo Orígenes, não teria existido absolutamente dessemelhança entre o Pai e o Verbo, pois os dois são absolutamente semelhantes em essência. Ao se referir à ‘geração’ ou ‘criação’ do Filho pelo Pai, escreveu que o Filho é igual a Deus Pai porque ‘essa geração é tão eterna e perpétua quanto o brilho que é produzido pelo sol’ ou seja, a existência do Filho é uma condição particular da divindade do Pai. “Não é, pois, pelo sopro de vida que ele é feito Filho, nem por qualquer ato externo, mas por sua própria natureza”.<sup>85</sup>

Orígenes, ao refletir sobre o Logos, faz uma afirmação pela qual consegue descrever um evento intradivino, imaginando-o como a realidade da eterna geração do Filho na Trindade. Ao discorrer sobre a imutabilidade do Logos no seu discurso Contra Celso, faz as seguintes afirmações: “é verdade que para o mortal é próprio

---

pensamento grego era quase que uma unanimidade entre os teólogos cristãos (OLSON, R., História da Teologia Cristã, p. 147).

<sup>83</sup> OLSON, R., História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 110-111.

<sup>84</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 111.

<sup>85</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 111.

de sua natureza mudar e se transformar, mas para o imortal é ser idêntico e imutável. Deus não poderia, pois, admitir tal mudança”.<sup>86</sup>

Ele vai dizer que, por causa de sua essência, o Filho não muda, pois em sua encarnação Ele continua a ser Deus, conforme afirma o apóstolo Paulo em Filipenses 2,6-7, pois existia na eternidade “em forma de Deus” e foi por amor aos homens que “Ele se autoesvaziou”. Portanto, o processo de encarnação não fez com que a essência divina sofresse qualquer tipo de devir, no entanto, é obvio que receber um corpo humano que cresce e muda, sem que a sua essência divina precise ser transformada, tendo em vista que Ele reflete o amor do Pai em sua totalidade. Ele nada sofre em sua natureza divina pois “não cometeu pecado” (1 Pe 2,22), nem da beleza à feiura, nem tampouco “conheceu pecado” (2Co 5,21). Além disso, não sofreu mudança de estado passando de uma condição melhor para uma pior, ainda que assumindo um corpo mortal e uma alma humana. Desse modo, o Logos de Deus imortal nada sofre com os sofrimentos do corpo e da alma em sua essência divina, dado que ontologicamente o Logos em Jesus permanece o mesmo.<sup>87</sup>

A afirmação de Orígenes mostra de maneira inequívoca que não houve mudanças no Logos. De fato, a natureza divina do Filho e o processo da encarnação garantiram que o Filho permanecesse sempre o mesmo. Portanto, esse pensamento nos leva a descartar qualquer *creatio ex nihilo* no ou para o Filho como se o Pai precisasse desenvolver tal atividade para ser quem é. O Filho é explicitamente eterno e imutável em sua essência divina.

Portanto, o sistema de Orígenes se inicia com sua concepção acerca de Deus, que está além de todas as coisas existentes, declarando que Ele vai além do conhecimento, ultrapassa o devir e a apatia e, enfim, mostra-se como fonte e origem de tudo.<sup>88</sup>

Em Deus e em seu Logos estão reunidos todos os poderes do ser. Ele unifica o mundo espiritual. Este Logos se irradia eternamente das profundezas do fundamento do ser de Deus, do abismo divino, assim como o esplendor se irradia da fonte da luz. Pois tudo que o Pai é, Ele doa ao Filho, tudo o Filho é recebe do

<sup>86</sup> ORÍGENES. Patrística: Contra Celso, p. 137.

<sup>87</sup> ORÍGENES. Patrística: Contra Celso, p. 138.

<sup>88</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 76.

Pai e assim Ele se revela à criação. O Pai é a fonte de luz e o seu Filho é o seu resplendor. Portanto, não se deve negar a existência eterna do Logos de Deus.<sup>89</sup>

A partir deste pensamento vai se desenhando e se ressinificando o que posteriormente haveria de influenciar o pensamento de Atanásio e dos Padres Capadócijs acerca da eterna geração do Filho com suas ramificações em torno da doutrina da Trindade nos concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381).

O Logos eterno é gerado eternamente da substância divina. Não é criado. É da mesma substância do Pai. A fórmula *homoousios to patri* (da mesma substância do Pai) aparece aqui pela primeira vez. Em que pese a eternidade do Logos, ele é menor que o Pai. Somente o Pai não tem origem, nem mesmo foi gerado. É *auto theos* (Deus de Deus), enquanto que o Filho é Deus procedente do Pai. O Filho é a imagem da bondade ou da essência ou da natureza de Deus, mas não o próprio Deus.<sup>90</sup>

No tocante à doutrina da Trindade, ao conceito de Geração Eterna, à fórmula *homoousios*<sup>91</sup> e à condição de Deus como origem, no pensamento de Orígenes se esboça o caminho pelo qual a sua reflexão assume um papel preponderante no debate até Niceia e na adequação e na problemática dogmática até Constantinopla. Pensar Deus em sua condição imanente passa a ser possível através de suas afirmações, algo que será desenvolvido posteriormente, em especial nos Capadócijs.

A fonte bíblica que Orígenes conhece frequenta o paralelismo entre a Sabedoria do Antigo Testamento e Cristo, Logos de Deus. Desse jeito, nos textos veterotestamentários em que a Sabedoria de Deus também é chamada de “Palavra” vê-se a forma de se chegar e de interpretar a inteligência divina. Portanto, é por intermédio de sua Palavra que Deus revela aos seres vivos os mistérios de sua Sabedoria.<sup>92</sup>

João chama o Filho de Palavra/Verbo (Jo 1,1). “No princípio era o *Verbo* e o *Verbo* estava com Deus e o *Verbo* era Deus”<sup>93</sup> tendo em vista o caráter revelador do seu ser. A Palavra/Sabedoria revela e interpreta o Pai em sua essência. As

<sup>89</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 76.

<sup>90</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 76.

<sup>91</sup> *Homoousios* – significado ‘consustancial’, isto é, ‘da mesma natureza’, este conceito serviu de base para o concílio de Niceia. A expressão quer dizer que o Pai e o Filho compartilham exatamente a mesma substância ou natureza, eles possuem uma substância única, são numericamente idênticos, porém, indivisíveis (CHAMPLIN, R. N., Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, verbete *homoousios*, p. 156).

<sup>92</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 37.

<sup>93</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

passagens de Cl 1,15 apresentam o Filho como “imagem do Deus invisível”, Hb 1,3 “o brilho da glória e a figura e expressão da sua substância”, e em Sabedoria de Salomão 7,25-27:<sup>94</sup>

“Ela é um eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é um reflexo da luz eterna, um espelho nítido da atividade de Deus e uma imagem de sua bondade. Sendo uma só, tudo pode; sem nada mudar, tudo renova e, entrando nas almas boas de cada geração, prepara os amigos de Deus e os profetas; ” e Jo 1,18 “Ninguém jamais viu a Deus: o unigênito, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer. ”

A Sabedoria possui todas as qualidades que o Filho possui, ela é, em primeiro lugar, o poder de Deus, em segundo lugar, a glória de Deus, seguida dos significados de a luz eterna e atividade divina e, por último, ela é também bondade. Assim como a Sabedoria possui essas qualidades, o Filho também as possui.<sup>95</sup> Como Poder de Deus Orígenes afirma:

O pai não pode ser o que é se não houver filho, nem pode o senhor ser o que é sem propriedades ou servos; da mesma forma, não se pode dizer que Deus é Todo-poderoso se não houver sobre quem exerça seu poder; por isso, para que Deus se mostre Todo-poderoso, é preciso que exista o todo.<sup>96</sup>

O texto bíblico afirma em Hb 1,3 que:

É Ele o resplendor de sua *glória* e a expressão do seu ser; sustenta o universo com o poder de sua palavra; e depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da Majestade.

O Filho, assim como a Sabedoria, é chamado de esplendor da luz eterna “O Filho único é, portanto, o esplendor dessa luz, procedendo dele sem separação, como brilho dessa luz, iluminando a totalidade das criaturas (Jo 1,9) “O Verbo era a luz verdadeira que ilumina todo homem; Ele vinha ao mundo.”. Em referência à atividade divina a Sabedoria é chamada de “o espelho imaculado da *energeias*”, da atividade divina. As obras que o Pai realiza são realizadas também pelo Filho (Jo 5,19); o Filho não se distingue do Pai nas suas obras, mas, pelo contrário, aquilo que o Pai executa, Ele também o faz por similitude ou imitação. Por fim, sobre a bondade, Orígenes destaca que “o Filho não tem outra bondade a não ser a que vem do Pai, chamado de primeira bondade” (Mc 10,18) “Jesus respondeu: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só Deus.”<sup>97</sup> Portanto, a Sabedoria e o Filho

<sup>94</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 37.

<sup>95</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 39.

<sup>96</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 40.

<sup>97</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 39,40.

possuem as mesmas qualidades conforme o texto de Sb 7,25-27, o que o levou a pensar que a Sabedoria de Deus no Antigo Testamento fosse a propriíssima manifestação do Logos preexistente.

O Salvador traduz a verdade sobre a substância de Deus Pai, enquanto, no Filho de Deus, o Pai deixa aparecer a própria aniquilação como de quem vê a ignominia pela qual o Filho cumpre os desígnios sagrados:

Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, ” e ao mesmo tempo em sua plenitude

Portanto, (Fp 2,6-7) “pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9). Orígenes utiliza a imagem da estátua para explicar os dois conceitos, isto é, o da auto-aniquilação e o da plenitude. Supõe-se que tenha sido criada uma estátua tão imensa que não se possa enxergá-la por completo, mas que ela possua todas as características daquilo que se quer representar para que, em função daqueles que precisam ser representados, se faça uma estátua que ao mesmo tempo seja idêntica à original e que, todavia, também seja menor em tamanho, sem privá-la de seus mínimos detalhes. Levando em consideração a analogia a estátua, afirma:

“A comparação das estátuas, no nível das coisas materiais, só a devemos admitir para mostrar que o Filho de Deus, tendo se introduzido na pequenez de um corpo humano, indicava, pela analogia dos seus atos e do seu poder, a grandeza imensa e invisível de Deus Pai, que estava nele; é o que ele dizia aos seus discípulos: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9), e: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). É preciso entender, do mesmo modo, a expressão seguinte: “O Pai está em mim, e eu no Pai” (Jo 10,38)”.<sup>98</sup>

Com este exemplo, Orígenes conjuga a ideia de plenitude e de auto aniquilação em Jesus. Como plenitude de Deus, Jesus é a imagem idêntica do Pai, com todos os seus traços, características e particularidades. Todavia, em sua autoaniquilação, ele se apresenta de uma forma a qual o ser humano o possa contemplar, tendo em vista a transcendência e sublimidade da realidade divina que não pode ser abarcada.

<sup>98</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 39.

Portanto, ao afirmar que o Filho é a Sabedoria nos textos veterotestamentários, Orígenes vai utilizar o texto de Pv 8,22-25 para ratificar a ideia da Geração do Filho.

Iahweh me criou, primícias de sua obra, de seus feitos mais antigos. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes da origem da terra. Quando os abismos não existiam, eu fui gerada, quando não existiam, os mananciais das águas. Antes que as montanhas fossem implantadas, antes das colinas, eu fui gerada; (Pv 8,22-25).

A passagem supracitada vai afirmar dois conceitos específicos para Orígenes: Por um lado, coloca-se a condição de primogenitura do Filho como diz o apóstolo Paulo em Cl 1,15 ao afirmar que “Ele é o primogênito de toda criatura”; por outro lado, traz também à luz a sua condição de ter sido gerado como o Unigênito do Pai.<sup>99</sup>

As afirmações dele corroboram com a ideia de que o Filho possua uma hipóstase distinta do Pai, e como sabedoria de Deus, o Pai não poderia vir a existir sem ela, sendo a sabedoria condição própria e inerente da divindade.

É por isso que nós sabemos que Deus é sempre o Pai do seu Filho único, que dele nasceu, e dele toma tudo que é, sem que, no entanto, haja aí qualquer espécie de início, nem o que se pode distinguir por períodos de tempo, naquele que o espírito, só e por si mesmo, é capaz de considerar e examinar, por assim dizer, pelo simples intelecto da alma. Devemos, portanto, crer que a Sabedoria foi gerada sem nenhuma relação com qualquer forma concebível de um começo.<sup>100</sup>

É, portanto, inalienável que a sabedoria seja entendida segundo a deidade. Contudo, a sabedoria poderia ser uma propriedade da inteligência divina, só que no caso da divindade cristã revelada em Cristo, ela possui alteridade em Deus, por isso, pode-se afirmar que o Filho existe na eternidade com o Pai como que intrínseco à sua natureza. Desse jeito, o próprio ato de sua Geração Eterna é um ato dinâmico, alienado ao tempo, cuja condição é por natureza inerente ao outro, o Pai do Filho e o Filho do Pai, onde o Pai é a causa do Filho e o Filho permite num gesto de extrema entrega e resignação receber o que é do Pai. Assim como a luz emite brilho, de forma semelhante Deus Pai dá origem ao Logos e em consequência o Espírito Santo.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 36.

<sup>100</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 36.

<sup>101</sup> BOFF, L. A Trindade e a Sociedade, p. 89.

Sendo assim, essa relação de causa e efeito, pode então afirmar que se pode fazer alguma analogia em Deus, tendo em vista sua singularidade única, seja por realidade, imaginação ou pensamento, essa geração eterna perpétua é semelhante à radiação que vem da luz. De fato, não é por adoção que o Logos se faz Filho de Deus, mas este se faz Filho pela própria natureza do Pai.<sup>102</sup>

Em contrapartida, existe um perigo nas afirmações de Orígenes, quando ele afirma que o Filho é “emanação puríssima da glória do Todo-poderoso”. A palavra emanação pode indicar uma espécie de *modalismo dinâmico*, tornando assim um pouco divergente no seu pensamento quando ele afirma que o Filho possui hipóstase distinta do Pai e agora, Ele é uma espécie de emanação da glória do Pai. Em seguida, outra afirmação abre precedentes a uma substância menor que o Pai, muito semelhante à tríade do neoplatonismo. O Filho pertence ao Pai da mesma forma que a vontade pertence à inteligência. Certamente, essas emanações refletem as relações do Uno-Bem, da Inteligência e da Alma Cósmica, elementos que influenciaram diretamente o pensamento de Orígenes.

É preciso, antes, pensar que assim como a vontade procede da inteligência sem destacar nela nenhuma parte, e sem ser dela separada nem dividida, da mesma maneira se deve entender que o Pai gerou o Filho, que é verdadeiramente a sua imagem, tanto que, sendo ele mesmo invisível por natureza, ele gerou também uma imagem visível.<sup>103</sup>

Todos os atributos do Filho têm no Pai a sua origem, assim como o seu poder, bondade e glória. Outrossim, o Pai só é Pai por causa da existência do seu Filho, e vice-versa, o relacionamento simbiótico do Filho com o Pai é vinculado à sua condição de eterno e perpetuamente Gerado, desde onde/quem o Espírito procede. Entretanto, a nova ideia de Geração Eterna do Logos ainda permanece ambígua em Orígenes, porque ela não o distingue claramente entre o Criador e a criação. Orígenes fala agora expressamente de três “hipóstases” eternas da divindade, sendo que “hipóstase” se refere, em termos do medioplatonismo e do neoplatonismo, à realidade metafisicamente autônoma ou à realização concreta. Orígenes continua vendo essas hipóstases num relacionamento escalonado de subordinação.<sup>104</sup>

Em Orígenes, a concepção da eterna geração do Filho na realidade divina é condicionada não a um evento cronológico, já que não houve um tempo onde o

<sup>102</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 37.

<sup>103</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 38.

<sup>104</sup> SCHNEIDER, T. (Org) Manual de Dogmática: volume 1, p. 302.



Logos não existiu, mas sim posicional, pois o Pai é a origem de tudo, o Deus em si mesmo. Nele, o Filho é gerado, possuindo hipóstase distinta do Pai, o Filho existe como “emanação” da glória de Deus Pai em certo sentido, numa simbiose de sentido e natureza.<sup>105</sup>

Utilizando-se de termos do medioplatonismo e do neoplatonismo como “hipóstase”, “geração” e em certo sentido até mesmo “homousios”, Orígenes estabelece o alicerce da doutrina da Eterna Geração do Filho. Mesmo que frequentando os temas das Escrituras Sagradas, os termos são conceituais e instrumentalmente novos no âmbito do cristianismo, utilizados inicialmente em oposição ao adocionismo. Entrementes, o grande problema que se acha no pensamento de Orígenes será o subordinacionismo do Filho em relação ao Pai.

## 2.5

### A Eterna Geração do Filho segundo Ário

O fim do terceiro século é marcado pela literatura cristã que até então tinha desenvolvido a hermenêutica alegórica, seguindo a consolidação cristã dos livros sagrados em uma exegese mais profunda e pastoralmente mais democrática. Nesse tempo, por exemplo, livros como o Cântico dos Cânticos e Jó ganham mais popularidade por causa da interpretação que aparece. Orígenes continuava sendo a influência dominante. Existiam dois tipos de origenismo, um cauteloso e moderado e o outro mais radical.

É nesse cenário que aparece Ário, um presbítero da Líbia, que se considerava discípulo de Luciano de Antioquia<sup>106</sup>, que se estabelece em Alexandria na virada do século, com pouco mais de quarenta anos.<sup>107</sup> Foi excomungado em 313, por Pedro, patriarca de Alexandria, por ter dado apoio aos pontos de vista de Melécio<sup>108</sup> de Licópolis. Também foi reinstalado pelo sucessor de Pedro (300-311) pelo bispo Áquila.<sup>109</sup>

Ora, em Alexandria, surge um debate teológico que acaba dividindo a cidade a respeito da natureza de Cristo. Em que consistia nos seguintes questionamentos:

<sup>105</sup> ORÍGENES. Patrística: Tratado sobre os princípios, p. 40

<sup>106</sup> Luciano de Antioquia (250-312), foi líder da escola teológica de Orígenes em Antioquia (MOLTMANN, J., A Trindade e Reino de Deus, p. 143).

<sup>107</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 248.

<sup>108</sup> Melécio de Licópolis foi bispo de Licópolis no Alto Egito e líder de um grupo herético (DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 213).

<sup>109</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia volume 1: Verbete Ário, p. 272.

“o Filho Gerado do Pai”? O Filho era subordinado ao Pai? Poderia o Logos ser uma emanção da divindade? Tais termos e questionamentos já tinham sido levantados por Orígenes. Alexandre (273-326) era o bispo de Alexandria quando se deu o início da controvérsia ariana, contra a qual defendia a divindade do Cristo.

Alexandre foi fortemente criticado por Ário, que afirmava que a sua posição era considerada sabeliana. Ário compreendia que se Jesus Cristo é a encarnação do Logos e se o Logos divino é Deus no mesmo sentido que o Pai, a natureza de Deus seria alterada pela vida humana de Jesus no tempo e Deus teria sofrido através dele. Consequentemente, o Logos não poderia ser totalmente divino, mas sim, uma criatura grandiosa e glorificada. Ele começou a ensinar aos cristãos alexandrinos que o Filho era uma criatura e não um ser igual ao Pai. Afirmava que o Filho, diferentemente do Pai eterno e imutável, era passivo de mudanças e de sofrimento.<sup>110</sup>

A doutrina afirmada por Ário era um tipo de subordinacionismo pleno pelo qual se afirmava que Deus, como substância simples e suprema, em virtude de sua unidade indivisa, oferece o fundamento para todos os seres. O um é a causa do múltiplo e medida para si mesmo, mas permanece Ele próprio incausado. O Deus único é a causa de tudo que existe. E sendo o Uno indivisível, Ele é também inefável. Com isso, é compreendido como incomunicável. Para que houvesse uma comunicação entre Deus e sua criação seria necessário um mediador, que no caso de Ário, escolhera o Logos.<sup>111</sup>

### 2.5.1

#### A percepção ariana da Eterna Geração do Filho

A concepção cristã de uma Deus uno e trino sempre foi um desafio para a razão, pois por ela vem acentuada à dificuldade de compreensão do mistério do próprio Deus conforme as primeiras e mais primitivas descrições do cristianismo eram capazes de formular. Como foi anteriormente dito (página 19), a definição no protocristianismo sobre Deus era algo simples, livre da especulação filosófica de seu tempo, mas com o decorrer dos anos a reflexão sobre a natureza de Deus, da relação entre o Pai e o Filho e a recíproca unidade com o Espírito Santo foram se estabelecendo como temas essenciais para a profissão da fé cristã.

<sup>110</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 248.

<sup>111</sup> MOLTMANN, J., A Trindade e Reino de Deus, p. 143.

Desde o seu início, o monoteísmo vindo do judaísmo interveio na concepção do Deus cristão apresentado em Jesus, levantando o grande desafio de se pensar em quem era Jesus, cuidando de investigar como poderia ser possível conjugar a divindade do Filho com a divindade do Pai sem ferir o monoteísmo, ou como entender Cristo como Deus. Uma das tentativas para solucionar esse problema foi proposta através do monarquianismo dinâmico ou do subordinacionismo, que afirmava que somente o Pai era Deus, enquanto o Filho e o Espírito Santo eram criaturas subordinadas. Assim pensavam alguns cristãos, em especial o bispo de Antioquia em 260, Paulo<sup>112</sup> de Samosata.<sup>113</sup>

Paulo de Samosata assumiu a doutrina do Logos interpretando que este era uma propriedade do Deus único, sendo assim, Jesus não poderia ser o próprio Deus, mas tão somente a manifestação de uma propriedade divina, que se chama sabedoria, Espírito ou Logos. Ele constituía a força íntima pela qual Jesus viveu uma vida sem ter pecado e por isso exemplar. A perfeição de Cristo consistia em admitir que ele tivesse se submetido ao Deus único.<sup>114</sup>

Orígenes utilizou estes recursos para explicar o divino e sua característica singular. A utilização da teologia do Logos foi essencial para explicar como Jesus poderia ser Deus e também o mediador da salvação entre Deus e a criação. Seu pensamento era tão influente que chegou a conquistar os seus rivais, incluindo os teólogos monarquianos e os sabelianos, cuja cristologia estava tão impregnada de misticismo que seus escritos facilmente se transformavam em fórmulas fáceis em termos de explicitação do conteúdo que queriam apresentar. Nesse período a filosofia helenista já havia se unido às tradições místicas do Oriente.<sup>115</sup>

A teoria da emanção por meio de graus gerou uma problemática que acabou dividindo a escola de Orígenes em dois partidos. Um grupo dizia que nada tinha sido criado, permanecendo subordinado em tríades, onde nada novo aparece na Trindade que já não tenha estado nela desde o começo. O Filho não é inferior ao Pai, nem o Espírito ao Filho. O Filho em Jesus não é menor do que o próprio Pai. O outro grupo se opunha à primeira explicação, afirmando que o Filho era

<sup>112</sup> Paulo de Samosata foi o mais famoso expositor e dinâmico representante do monarquianismo, uma doutrina surgida nos séculos II e III, que salientava a unidade (monarquia) da natureza divina, em contraste com distinções pessoais (CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, p. 139).

<sup>113</sup> BOFF, L. A Trindade e a Sociedade, p. 81.

<sup>114</sup> MOLTSMANN, J., A Trindade e Reino de Deus, p. 142.

<sup>115</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 84.

essencialmente diferente do Pai; o Filho teria sido criado por não existir antes de ser gerado. Com isso, a cristologia, baseada no Logos, se desenvolve em termos monárquicos, de modo que em primeiro lugar estava Deus Pai, no ápice da pirâmide, uno, eterno e além de todas as coisas; em seguida, vinha o Filho, o Logos, a segunda hierarquia que era inferior à primeira; o Espírito estava em terceiro lugar, abaixo do Logos.<sup>116</sup>

Em relação às afirmações levantadas por Orígenes sobre a Eterna Geração do Filho, Ário afirmava que uma vez que Jesus Cristo foi “gerado”, certamente teve um início no tempo, contudo, deve ser uma criatura grandiosa, mas nunca o próprio Deus.<sup>117</sup>

Observa-se nas afirmações de Ário que o seu ponto de partida se encontra na concepção pela qual se acredita que o Filho tenha sido gerado com o tempo, pois esse acreditava haver um momento em que ele não tivesse existido, se distanciando do conceito de geração como um ato dinâmico e eterno de Deus para admitir no Filho a *creatio ex nihilo*. Ário reconhecia alguns atributos divinos no Logos como agente da criação, mas afirmava que ele viera a existir antes de que o tempo existisse. Ademais, ainda que fosse uma criatura excepcional, nem por isso poderia chegar a ser Deus, já que, como criatura, sujeitava-se ao erro e ao devir. Ele vê em Jesus uma criatura única capaz de revelar em si mesmo a própria encarnação da Sabedoria e, por isso, se torna o exemplo admirável de um homem que se elevou à perfeição pela obediência irrestrita. Afirma, ainda, que o Cristo se tornou Deus pelo seu heroísmo, sua santidade e seus méritos, sendo tudo isso a prova de uma escolha única e predileção de Deus. Enfim, acrescentava que “Deus é incomunicável, porque, se pudesse comunicar, deve-se considerá-lo um ser composto, suscetível de divisões e mudanças”.<sup>118</sup>

Certamente, as afirmações cristológicas de Ário vão em direção a uma soteriologia exemplar, em que Jesus se apresenta como o exemplo do que se deve seguir. Nota-se que, na encarnação, teria ocorrido um devir no Logos, algo inconcebível para a filosofia e para a concepção da divindade de seu tempo.

Para ele, somente Deus Pai seria eterno e não gerado. O Logos, seria mera criatura. Criado a partir do fiat divino, nem sempre teria existido. Orígenes,

<sup>116</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 84, 85.

<sup>117</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 150.

<sup>118</sup> ROPS, D., A igreja dos apóstolos e dos mártires, p. 448.

diferentemente de Ário, afirmava que Cristo sempre existiu. Ário, por sua vez, manteve a ideia subordinacionista de que o Logos fazia a mediação entre Deus e o mundo sem a necessidade de existir nenhum meio termo ontológico, pois o mediador deveria ou ser Deus, ou uma criatura. Como não poderia existir dois deuses, o Filho, conseqüentemente deveria ser considerado uma criatura.<sup>119</sup>

Cristo teria existido num tempo anterior à nossa existência temporal, mas jamais poderia ser considerado coeterno com o Pai. O poder de Deus visível em Jesus não teria sido o poder eterno do próprio Deus, mas de um ser de hierarquia inferior e limitada. Tal Logos seria diferente da natureza divina, bem como diferente da essência do Pai. O Logos não poderia ver nem conhecer o Pai completamente, pois o Pai se tornara excludente de tudo e de todos.<sup>120</sup>

Portanto, o subordinacionalismo de Orígenes vai gerar toda a problemática em relação ao relacionamento do Pai com o Filho, abrindo a possibilidade do pensamento de Ário, pois se desenvolvia uma cristologia do Logos em termos hierárquicos.<sup>121</sup>

Ário enfatizava a autossubsistência de Deus como a única fonte de todas as coisas criadas; não existe nada que não seja proveniente de Deus. Esse conceito de Deus é muito mais helênico do que bíblico em suas prerrogativas. Ao considerar a existência do Pai anterior ao Filho, faz com que o Filho seja uma criatura. Somente o Pai é “não gerado”. Suas ideias podem ser resumidas da seguinte forma: O Filho é uma criatura. O termo “Filho” é, portanto, uma metáfora, um termo honorífico que visa ressaltar a posição superior do Filho entre as outras criaturas. Não indica que o Pai e o Filho compartilhem do mesmo ser ou da mesma posição. A posição do Filho é, em si mesma, uma consequência da vontade do Pai; essa não é decorrente da natureza do Filho, mas da vontade do Pai.<sup>122</sup>

## 2.6

### Conclusões

Desde dos primórdios, o cristianismo se deparou diante da problemática em coadunar a fé monoteística vinda do judaísmo, com a revelação de Jesus, sua vida,

<sup>119</sup> WALKER, W., História da Igreja Cristã, p. 157.

<sup>120</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 86.

<sup>121</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 85.

<sup>122</sup> MCGRATH, A. E. Teologia histórica, p. 62, 63.

obra e seus ensinamentos. As afirmações de Jesus sobre si mesmo e sobre Deus são únicas e elevam a sua condição ontológica ao nível da divindade, certamente que qualquer pessoa poderia fazer tal afirmação, entretanto, ao ser ressuscitado pelo Pai, Deus ratifica a mensagem de Jesus, testemunho esse sustentado pela Igreja primitiva através da experiência pós-pascal das testemunhas do ressurreto. As afirmações dos discípulos, após o encontro com o Cristo ressurreto, não veio por meio de fórmulas fixas ou credos elaborados, mas passavam apenas pela experiência de fé de forma simples e direta: - o Pai é Deus, Jesus é Deus e o Espírito Santo é Deus.

Como afirmar a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo sem cair em um triteísmo ou em um modalismo? As primeiras soluções, em detrimento da tradição, para responder ao labirinto teológico foram, ou humanizar o Cristo em detrimento de sua divindade, ou elevar o Cristo a igualdade de hipóstase com o Pai. Portanto, nenhuma destas sendas foram capazes de desemaranhar a verdade sobre o Filho de Deus e sua condição única de “Unigênito”. Para tal empreitada, era necessário primeiramente abrir mão do conceito rígido e engessado do monoteísmo judaico, o qual entendia o Pai como o único monarca. A igreja se depara com os ebionitas, gnósticos, modalistas, sabelianos, arianos até chegar em Niceia. A caminhada de aperfeiçoamento não termina em Niceia, porém, é lançado o fundamento.

Inicialmente, a expressão dita pelo Pai que o Filho é “geração sua” é citado em Atos 13,33, e na epístola aos Hebreus 1,5; 5,5, que é uma referência direta a Salmos 2,7. A passagem em si, tanto uma como a outra, não são menções a uma geração do Filho de Deus realizada na Trindade imanente, mas sim, a exaltação do Messias como filho por adoção e a citação de Hebreus enfatiza a entronização de Jesus como Senhor do universo e mediador e fundador do Reino de Deus.

É dentro deste prisma que cresce a interpretação de Orígenes, pois as perguntas sobre a natureza do Cristo ainda permanece sem respostas: Porque Jesus é o Unigênito? Como o termo geração pode se aplicar a Jesus sem reduzir a sua condição de divino, dando um início ao Logos de Deus? Equipado com as ferramentas filosóficas, Orígenes consegue harmonizar os conceitos inerentes da divindade afirmados pelo medioplatonismo e o neoplatonismo, a saber, o não-devir, apatia, com a realidade do Filho Gerado do Pai. Ao se aprofundar no conceito do

Logos, Ele reafirma a eterna geração do Filho de uma forma ainda não refletida – Deus gera o Filho na eternidade de uma forma dinâmica, posicional e ontológica.

A base Escriturística da doutrina da Eterna Geração do Filho, que nasce a partir de um posicionamento contra o adocionismo, vai se encontrar em Provérbios 8,22-25. Através das afirmações e citações bíblicas, chega-se ao entendimento que a Sabedoria e o Logos representam o Cristo pré-existente e pré-encarnado, pois estes possuem as mesmas qualidades do Filho.

Orígenes será tão importante que influenciará o pensamento cristão de ambas as partes, tanto na ortodoxia quanto na heresia. Apesar de sua grandeza, o seu sistema de emanções e subordinacionismo vai favorecer também a reflexão de cunho a rebaixar o Filho à condição de uma criatura. Devido à força argumentativa, Ário se torna o grande antagonista, utilizando uma exegese de cunho reducionista, ao se afirmar que o Cristo não passou de uma criatura e se tornou uma espécie de semideus. Utilizando um argumento soteriológico do exemplo, ele elevou o Pai a uma condição inalcançável, de forma que até mesmo Deus não poderia se relacionar com a criação, precisando assim de um mediador, ora, Ário criou limitações para Deus, o tornado impotente diante do relacionamento com toda a criação. Alexandre, bispo de Alexandria inicialmente se opõe a Ário, criando assim uma cisão no cristianismo oriental.

### 3

## Construção Histórico-Dogmática pós-Niceia

### 3.1

#### Introdução

Atualmente, as ciências sociais, a filosofia e em especial a teologia têm investido na temática da alteridade e do relacionamento como humanização e valorização do ser humano.<sup>123</sup> Apesar de ser um tema relativamente novo, a Patrologia e em especial os Padres Capadócijs (Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa), já haviam utilizado os conceitos de relacionamento para explicar Deus e as Pessoas da Trindade.

Cresce com isso a importância do conceito da “Geração do Filho” que é o modo como o Filho se relaciona com o Pai e se diferencia dele. Essa pesquisa parte do pressuposto que uma compreensão correta e aprofundada sobre Deus balizará a práxis, espiritualidade e nossa perspectiva sobre Deus, sobre a vida e sobre o próximo. A utilização do pensamento dos Padres Capadócijs é uma forma de resgatar o nosso passado e reinterpretar a nossa história e atitudes.

Ao pesquisar sobre o conceito desenvolvido pelos Padres Capadócijs, será abordado do macro para o pontual, será investigado o contexto histórico, político e religioso, suas influências culturais e por fim o resultado de sua reflexão frente aos conflitos no âmbito eclesiástico.

A problemática parte do contexto histórico e as heranças deixadas pelo Concílio de Niceia (325) e as brechas deixadas pelo símbolo, as intervenções diretas do Império e de seus imperadores nas decisões da igreja. Sobre os pontos entreabertos, a problemática do termo *homoousios*, que gerou desconfiança nos aliados e fortaleceu opositores, a brecha e ausência no credo niceno sobre a divindade do Espírito Santo, deixando uma ausência de uma doutrina do Espírito Santo para as reflexões posteriores sobre a Terceira Pessoa da Trindade.

Outro ponto importante é quem era o grande opositor neste período, Eunômio de Cízico. Seus pressupostos, influências e pensamento serão de grande valia para entender as afirmações dos capadócijs, pois através do pensamento herético o ortodoxo ganha solidez.

<sup>123</sup> GRESHAKE, G., El Dios uno y Trino, p. 214



Por fim, a influência filosófica e as afirmações sobre a Geração do Filho dos três grandes capadóciolos, Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa, servirão de alicerce para a compreensão da pessoa e da divindade do Espírito Santo.

### 3.2

#### A Eterna Geração do Filho no Concílio de Niceia

Em 19 de junho de 325 o imperador Constantino convocou 318 bispos que ficaram reunidos até 25 de agosto do mesmo ano na cidade de Niceia. Estes se posicionaram contra a doutrina dos arianos que afirmavam que Jesus não partilhava da mesma natureza de Deus, sendo somente semelhante ao Pai.<sup>124</sup>

O Concílio foi o meio pelo qual a Igreja estabeleceu, através da autoridade do Império, o seu credo como símbolo de fé, afirmando que Jesus era Deus e não uma criatura. Denzinger afirma que: “Encontram-se conservados somente o Símbolo da fé, 20 cânones e uma carta sinodal”.<sup>125</sup> O concílio não utilizou diretamente (uma citação direta) das Sagradas Escrituras como ratificação do credo, mas foram utilizados argumentos filosóficos para expressar o pensamento teológico e a fé da igreja. O credo niceno ficou, portanto, desta forma:

[Versão grega]  
 Creemos em um só Deus,  
 Pai onipotente,  
 artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis;  
 E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus,  
*gerado* unigênito do Pai,  
 isto é, da *substância* (*ousía*) do Pai,  
 Deus de Deus,  
 luz da luz,  
 Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,  
*gerado*, não feito,  
*consustancial* (*homoousios*) com o Pai,  
 por meio do qual vieram a ser todas as coisas,  
 tanto no céu como na terra,  
 o qual, por causa de nós homens  
 e da nossa salvação,  
 desceu e se encarnou,  
 e se em-humanou,  
 padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia,  
 e subiu aos céus,  
 havendo de vir para julgar os vivos e os mortos.

<sup>124</sup> BOFF, L. Trindade e a Sociedade. p. 109.

<sup>125</sup> DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. p. 50.

E no Espírito Santo.  
 Aqueles, porém, que dizem:  
 “Houve um tempo em que não era”  
 , e: “Antes de ser gerado não era”,  
 e que veio a ser do que não é,  
 ou que dizem ser o Filho de Deus  
 de uma outra *hipóstase* ou substância ou criado,  
 ou mutável ou alterável,  
 a eles anatematiza a Igreja católica.<sup>126</sup>

O Filho, afirma o credo enfaticamente, é gerado, não feito. Com isso, é observado que a ideia da Eterna Geração do Filho foi fundamental para o credo niceno. Ele também é "Deus verdadeiro", isto é, não é Deus num grau secundário, mostrando que o Filho subsiste juntamente com o Pai na realidade divina. O credo fornece algumas indicações, ao declarar que, tendo sido gerado, o Filho "procede da substância do Pai" e é "da mesma substância do Pai" (*homoousion to patri*).<sup>127</sup>

Alguns pontos são fundamentais para o dogma cristão, pois oficialmente a Igreja anuncia a fé na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, sendo da mesma substância. Aqui ocorre a palavra-chave *homoousios*, que quer dizer, da mesma substância; e a utilização da *hipóstase* como sinônimo de *ousía*, termo que posteriormente terá uma outra conotação com os capadócijs, referindo-se à pessoa para designar o que distingue em Deus.<sup>128</sup>

Entretanto, o concílio não resolveu os problemas, mas foi importantíssimo como fundamento do dogma trinitário, a igreja se depararia com o problema do auge arianismo e seu apoio por parte do imperador. O próprio Oriente não ficou satisfeito com o termo *homoousios*, tendo em vista que agradou alguns modalistas. Outro problema, foi a menção marginal sobre a natureza do Espírito Santo. Apesar disso, como ponto de partida, ela foi um caminho para a resolução dos problemas doutrinários no seio da igreja.<sup>129</sup>

A confissão de Niceia contentou mais ao Ocidente do que ao Oriente. O Oriente não gostou do *homoousios*, por causa da semântica sabeliana; preferia em seu lugar o subordinacionismo. Mas os aliados ocidentais insistiram no termo *homoousios*. Por isso a decisão de Niceia foi prontamente atacada.<sup>130</sup>

<sup>126</sup> DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral, p. 51-52.

<sup>127</sup> KELLY, J. N. D., Doutrinas centrais da fé cristã, p. 175,176.

<sup>128</sup> BOFF, L. Trindade e a Sociedade, p. 110.

<sup>129</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 88.

<sup>130</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 88.

Seja como for, o imperador Constantino presidiu um concílio ecumênico e tornou obrigatórias as suas decisões doutrinárias. Mas isso foi apenas o início da grande controvérsia a respeito do Filho de Deus e da Trindade. Seu propósito era terminar a controvérsia ariana, mas, ao contrário, serviu realmente como um catalisador dela.<sup>131</sup>

A explosão aconteceu depois de os bispos deixarem o concílio em 325. Eles começaram a refletir sobre o que se realizara ali e a se corresponder falando a respeito. Não demoraram a descobrir que a linguagem do credo que promulgaram era ambígua e, assim como as próprias Escrituras, podia ser interpretada de vários modos, sendo alguns deles heréticos. A Igreja e Constantino estavam convictos de que o concílio não tinha concluído a sua obra e que, na realidade, tinha acrescentado ao conteúdo um termo errado ao credo, o vocábulo *homousios*.<sup>132</sup>

Em Niceia, a Igreja venceu uma das mais sérias heresias cristãs, o Credo enfatizou que Cristo não é um tipo de semideus ou algum tipo de herói, mas o próprio Deus que veio na história humana, como um ser humano, com uma essência divina.<sup>133</sup>

O caráter negativo da decisão de Niceia se manifesta em suas condenações. A negação da condição de criatura por parte de Cristo. A falta de explicação sobre o termo *homousios*, não ficaria clara se as três pessoas tivessem diferenças reais na divindade, sejam diferenças eternas ou históricas. Não se elaborou uma doutrina sobre o Espírito Santo. A partir de Niceia, a unidade da Igreja passou a ser sobre decisão democrática dos bispos. Por fim, a Igreja se transformou em uma Igreja estatal, que era o preço a ser pago para a manutenção da unidade institucional. Os imperadores não determinavam o conteúdo a ser debatido, entretanto, faziam pressões e interviam diretamente nos assuntos eclesiásticos.<sup>134</sup>

A anatematização de Ário não resolveu o problema ariano, sobre isso a Carta sinodal aos egípcios vai afirmar:

Antes de tudo, pois, foi examinado o que diz respeito à impiedade e ao delito de Ário e dos seus seguidores, ... e unanimemente decidimos anatematizar a sua ímpia doutrina e as expressões blasfemas que empregava em suas blasfêmias, ao dizer que o Filho de Deus veio do nada e que havia um tempo em que não era; e ao dizer que o Filho de Deus por sua livre vontade era capaz do mal e da virtude, e ao chamá-lo

<sup>131</sup> TILLICH, P., *História do Pensamento Cristão*, p. 88.

<sup>132</sup> OLSON, R. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*, p. 164.

<sup>133</sup> TILLICH, P., *História do Pensamento Cristão*, p. 87.

<sup>134</sup> TILLICH, P., *História do Pensamento Cristão*, p. 88.

de criatura e produto; tudo isso, o santo Sínodo anatematizou, não suportando sequer ouvir a ímpia doutrina ou desvario, nem as palavras blasfemas.<sup>135</sup>

### 3.3

#### O Contexto Histórico pós Niceia

Como ninguém se encontra fora da história, o contexto histórico e os fatos antecedentes, aos Padres Capadócijs são de extrema importância para perceber sua relevância para o dogma cristão, seus desafios e sua reflexão. A percepção do desenvolvimento histórico a partir de Niceia, serve para explicar como, mesmo depois do resultado do concílio de Niceia, o arianismo se radicalizou com Eunômio e como os Capadócijs resolveram os problemas oriundos do Concílio de Niceia (o *homoousios* e a ausência de uma doutrina do Espírito Santo) e, por fim, como unificaram o credo e resolveram a questão.

#### 3.3.1

##### O Contexto Político-Religioso do século IV

Houve uma breve vitória trinitariana no Concílio de Niceia (325), saem, basicamente, quatro partidos distintos, a saber: 1) os anomeus; 2) os homousianos; 3) os homoiusianos; e 4) os homeus.<sup>136</sup>

Os *anomeus*, conhecidos também como os arianos, neoarianos e eunomianos afirmavam que o Filho de Deus é completamente diferente do Pai em sua essência. Segundo Atanásio, a doutrina original de Ário afirmava que o “Filho seria em tudo estranho e dessemelhante à essência (ousía) e peculiaridade do Pai”. A doutrina anomeia ganhou escopo mais ou menos a partir de 355, pelo diácono de Antioquia, Aécio e seu secretário e discípulo Eunômio.<sup>137</sup>

Os *homousianos*, conhecidos como os nicenos, porque aderiram sem restrições ao Credo Niceno. Pertenciam a este grupo, Atanásio, Marcelo de Ancira, os três Capadócijs Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. O conceito *homoousios* ocasionava em dois problemas: 1) o vocábulo já tinha sido condenado em 268 em Antioquia, por causa do sabeliano Paulo de Samósata; e 2)

<sup>135</sup> DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral, p.53.

<sup>136</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 230-234.

<sup>137</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 230.

Até a reinterpretação dos Capadócijs, os conceitos de ousía e hipóstases eram considerados como idênticos.<sup>138</sup>

Os *homoiusianos*, denominados pelos documentos latino-arianos de “semiarianos”. Os homoiusianos eram antiarianos e se identificavam mais com os homousianos, mesmo que fossem marginalizados por estes. Pertenciam a este grupo os três Eusébios (de Cesareia, de Emesa e de Nicomédia), por isso, também eram conhecidos como “eusebianos”. Basicamente, afirmavam que a ousía do Filho era *semelhante* (homoi) a do Pai.<sup>139</sup>

E por fim, os *homeus*, que basicamente é um conceito de origem moderna. Acácio de Cesareia, sucessor de Eusébio foi o seu autor e tinha uma forma mais política do que teológica, por conseguinte, não conseguiu se manter devido a pressões externas dos imperadores Constâncio e Valente.<sup>140</sup>

Aproximadamente, nos anos de 325 e 332, quando Atanásio assumia suas atribuições como bispo de Alexandria, Constantino, sofrendo pressão de bispos e conselheiros simpatizantes a Ário e sua doutrina, mudou de lado. É importante salientar que as animosidades após o concílio continuaram entre as partes, ninguém estava satisfeito com o desfecho, os sabelianos viam uma grande oportunidade com o termo *homoousios* para ratificar sua reflexão, e os arianos ganhando força junto ao imperador viram uma oportunidade para se fortalecerem.<sup>141</sup>

Com isso, em 332, Constantino restaura Ário após o seu exílio como presbítero em Alexandria e ordena que o novo bispo, no caso Atanásio, o aceitasse de volta à comunhão da igreja naquele local, mas Atanásio, amigo do bispo Alexandre de Alexandria, não aceita o seu retorno. No entanto, como condição de sua reintegração, Ário deveria confessar que *homoousios* é a descrição correta da natureza do Filho junto ao Pai, ato este que Ário se negou a fazer. Em consequência Atanásio rejeita e desconsidera as exortações e ameaças de Constantino, que por sua vez exila Atanásio para o posto avançado mais afastado do Império Romano no Ocidente: a cidade alemã Tréveris. Seu exílio começou em novembro de 335 e durou até à morte de Constantino em 337.<sup>142</sup>

<sup>138</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 231-232.

<sup>139</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 232-233.

<sup>140</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p.233.

<sup>141</sup> ATANÁSIO, Patrística: vol. 18, p. 13.

<sup>142</sup> OLSON, R., História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 167.

A querela que persistiu após o Concílio de Niceia colocava em risco a unidade sacral do Império de Constantino, pois os radicais dos partidos após tentarem mais uma vez reprimir Ário (333), foram condenados ao exílio, assim como Atanásio (335), Eustácio de Antioquia (330) e Marcelo de Ancira (336). Os protagonistas do momento que conseguiam agradar ao imperador em suas tentativas de conciliação eram Eusébio de Cesareia e Eusébio de Nicomédia. Em consequência a essa política conciliadora, o imperador resolve reconciliar Ário através de um Sínodo de Jerusalém (335), logo depois de apresentar uma profissão de fé que aparentemente parecia aceitável. Constantino morreu em 22 de maio de 337 e não resolveu a problemática disputa em torno da doutrina ariana.<sup>143</sup>

Após a morte de Constantino<sup>144</sup>, sucedeu-se um breve interregno, no qual foi sucedido por três de seus filhos, Constantino II, Constante e Constâncio. Constantino II<sup>145</sup>, ficou responsável pelas regiões da Gália, Grã-Bretanha, Espanha e Marrocos. No início, o novo imperador Constantino II, favoreceu os nicenos, proporcionando o retorno de Atanásio e os demais do exílio, entretanto, quando irrompeu a guerra entre Constantino II e Constante, Constâncio que era o governante do Oriente se viu livre para colocar sua política de favorecimento ao arianismo conforme os últimos anos de seu pai.<sup>146</sup>

Os anos que seguiram após a morte de Constantino (337-353) é caracterizado pela luta familiar pelo poder entre seus três filhos Constantino II, Constâncio II e Constante, assim, como seu sobrinho Flávio Dalmácio, Ainda em 337, Flávio morre, passando sua região a ser dividida entre Constâncio e Constante. Posteriormente (340), Constantino morre em conflito com Constante, fazendo que existisse somente dois imperadores: Constante, responsável pela parte ocidental do

<sup>143</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 205,206.

<sup>144</sup> Após o falecimento de Constantino (337), o Império vai ser governado por mais de um imperador. No Ocidente logo após a morte de Constantino seu filho Constantino II governará a Gália, Espanha e Bretanha (337-340), enquanto que Constante ficará responsável pela Itália, Ilíria e África até 340, até unificar o Ocidente. Magnânncio governa de 350-375, e segue Valentiano I (364-375); Graciano (375-383); Valentiano II (375-392). No Oriente segue Constâncio II (337-361); Juliano (361-363); Joviano (363-364); Valente (364-378); e Teodósio (379-395) que unificará Ocidente e Oriente em seu governo. (SPANNEUT, M., Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII, p. 22).

<sup>145</sup> Pouco antes de sua morte, Constantino ordenara a divisão do reino entre seus filhos: Constantino II, Constâncio II e Constante. Além disso, nomeara seu sobrinho Dalmácio como César sobre a Dalmácia. Brigas entre os herdeiros levaram a lutas, das quais restou Constâncio II (350-361) (DREHER, M., A Igreja no Império Romano, p. 67).

<sup>146</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p. 97, 98.

Império e Constâncio II no Oriente. O Ocidente aderiu ao partido niceno, e em oposição ao oriente, o partido ariano (moderado).<sup>147</sup>

Com a morte de Constantino II, Constâncio unifica todo o Ocidente, moderando assim as inclinações arianas do então imperador. Os líderes nicenos tiveram que abandonar suas dioceses e muitos que permaneceram tiveram que se declarar arianos. O Império agora se tornara ariano.<sup>148</sup>

Com a ascensão de Constâncio II como único soberano, logo teve início uma política que favoreceu a unidade do Império por uma única confissão de fé, forçando a todos a declarar uma só fé e exilando aqueles que se posicionassem contra a posição do Império. Os Sínodos de Arles (353) e de Milão (355) condenaram Atanásio e alguns de seus partidários.<sup>149</sup>

O cristianismo, desde sua gênese foi plural em sua conjuntura e no período abordado neste tópico, a ausência de uma unidade eclesiástica que homologasse as decisões dos concílios fez com que a igreja utilizasse do poder do Império como elemento regulador de suas decisões conciliares. Certamente que tanto a Igreja quanto o Império utilizaram-se um do outro. A Igreja para manter sua ortodoxia e o Império em manter sua unidade como orientação política religiosa<sup>150</sup>. Com isso, o Império utilizou de sua prerrogativa para impor à igreja seu posicionamento em relação à doutrina, haja vista que, mesmo não conhecendo os pressupostos dogmáticos, o Império aderiu a causa de acordo com o bispo que se relacionara, em um determinado momento o Império era niceno em outro era ariano.<sup>151</sup> Conforme dizia o Papa sobre o papel do bispo:

Entender o papel do bispo durante o século IV d.C. no Império Romano é inseri-lo à frente de constantes conflitos em nome de um, dentre os vários cristianismos que coexistiram durante esse contexto histórico. A própria disputa de forças em busca da ortodoxia por parte desses cristianismos, ou seja, o próprio contexto histórico

<sup>147</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 207.

<sup>148</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p. 99.

<sup>149</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 207.

<sup>150</sup> PAPA, H. A., A contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (séc. IV D.C.): uma análise político-religiosa. Revista Diálogos Mediterrânicos, p. 684.

<sup>151</sup> “Os homens do século IV d.C. não concebiam o religioso separado do político e vice-versa. As culturas político-religiosas da época eram representadas dessa maneira: os assuntos de ordem eclesiástica misturavam-se e confundiam-se com assuntos administrativos, políticos e militares. As esferas da vida social não eram pensadas de formas separadas, sendo sempre relacionadas e ligadas pela ordem política em constante disputa de forças.” (PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos, p. 38).

“impunha a necessidade de fazer uma pessoa presidir o foco pessoal da unidade eclesial na congregação local”.<sup>152</sup>

O exílio tinha como finalidade o distanciamento e separação do então considerado “herege”, (tanto “ortodoxos” quanto “hereges” foram exilados)<sup>153</sup> constituindo assim como uma ferramenta de intolerância, opressão e repressão contra o pensamento contrário. No entanto, é importante frisar que os exílios tiveram um fator importante para a consolidação dogmática e para a disseminação das doutrinas: “[...] a experiência do afastamento geográfico deu lugar a uma intensa circulação de pessoas e ideias e contribuiu para a expansão daquilo que se queria combater”.<sup>154</sup>

A trajetória de perseguição reflete parte do processo de implantação e solidificação e foi através das heresias que o cristianismo construiu seu alicerce dogmático<sup>155</sup>. Com isso, pode-se perceber que os exílios disseminaram tanto os ideais nicenos, através dos exílios de Atanásio, como os de Ário.

<sup>152</sup> PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos (360-394), p. 103.

<sup>153</sup> “Em relação aos exílios, Roland Delmaire (2008) traz uma importante contribuição à temática ao realizar um estudo dos códigos legislativos acerca da relação entre delito e a pena de exílio, relegação e deportação no período que denomina Baixo Império. Para entender as diferenças jurídicas entre *exilium*, *relegatio* e *deportatio* utilizaremos os vocábulos em português exílio-banimento, exílio-relegação (como sinônimo de desterro) e deportação; bem como a análise dos já citados Escribano Paño (2003), Delmaire (2008) e Van Nuffelen (2008). No exílio-banimento era interditada ao exilado a permanência em determinado lugar, que poderia ser em uma cidade, província ou região específica do Império Romano. Nesse caso, o exilado guardava seus direitos cívicos e poderia circular em outros lugares, excetuando-se o local específico do qual foi banido. Como exemplificação, Delmaire aponta esse tipo jurídico como majoritário nas querelas religiosas. Já no exílio-relegação, o exilado não é livre para circular, sendo obrigado à permanência em um local determinado por um período específico, como, por exemplo, em uma cidade, província ou região. Assim como no exílio-banimento, os seus direitos cívicos seriam mantidos. Segundo Delmaire (2008, p.121), o relegado a esse tipo de exílio deveria partir para o local determinado escoltado por autoridades militares, provinciais e/ou municipais. No tocante à deportação, além do desterro definitivo, essa condição jurídica era acompanhada pela confiscação dos direitos civis e dos bens, salvo uma pequena quantia para subsistência. Delmaire (2008, p.122) apresenta as modificações que essa condição jurídica sofreu ao longo do século IV d.C., bem como os valores que seriam confiscados, caso o condenado tivesse família e filhos. Ao analisar os casos de bispos que retornaram do exílio, Van Nuffelen (2008, p.147) utilizou-se, conseqüentemente, de casos de exílio do tipo relegação e banimento para mostrar “a importância de uma dimensão política vista pela ótica de uma decisão jurídica”. Nessa visão, com a anistia ou indulgência de algum imperador, seja pela morte de seu antecessor, ou por uma postura político-religiosa diferente, o retorno desses bispos traria uma conotação política à dimensão jurídica, que nós estendemos à religiosa: ao retornar, o exilado reclamaria sua posição anterior ao poder civil, bem como aos seus pares, contribuindo ainda mais para a efervescência político-religiosa desses conflitos” (PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos, p. 155).

<sup>154</sup> PAÑO, E., Los Exílios de Eunomio de Cízico, p. 183.

<sup>155</sup> PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos (360-394), p. 26.



O sínodo de Sirmio (357) foi a primeira tentativa sob o governo de Constâncio II de se chegar a uma unificação. Neste sínodo, foi proibido o uso dos termos homoousios e homoiousios. A tentativa de negar o problema acabou sendo um fracasso, pois não resolveu a discrepância em sua essência.<sup>156</sup>

Outrossim, a profissão de fé de Sirmio<sup>157</sup>, subscrita pelo papa Libério, mostra como o debate dogmático deste período circundava a temática da Eterna Geração

<sup>156</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 208.

<sup>157</sup> Cremos em um só Deus, Pai onipotente, o criador e artífice de todas as coisas, do qual deriva o nome de toda paternidade no céu e na terra [*Ef 3,15*] e no seu filho unigênito, nosso Senhor Jesus, o Cristo, gerado pelo Pai antes de todos os tempos: Deus de Deus, luz de luz, por meio de quem vieram a ser todas as coisas, tanto no céu como na terra, as visíveis e as invisíveis; sendo ele é <o> Verbo, <a> Sabedoria, <a> luz verdadeira e <a> Vida; o qual, nos últimos dias, por nós se em-humanou, nasceu da Santa Virgem, foi crucificado, morto e sepultado; e ressuscitou dentre os mortos, ao terceiro dia, e foi levado aos céus, e está sentado à direita do Pai, e virá, no final do tempo, para julgar os vivos e os mortos e retribuir casa um de acordo com suas obras; cujo reino, sendo infindável, permanecerá pelos tempos sem fim; pois ele estará sentado à direita do Pai não só neste tempo, mas também no vindouro; e no Espírito Santo, isto é, o Paráclito, que, conforme prometera aos Apóstolos, depois de sua subida aos céus, enviou para ensinar e recordar a eles todas as coisas; e por meio dele são também santificadas as almas daqueles que sinceramente tem crido nele.

1. Mas os que dizem que o Filho vem daquilo que não é, ou de uma outra hipóstase e não de Deus, e que houve um tempo ou um éon em que ele não era, a Igreja santa e católica os considera estranhos.
2. De novo, pois, dizemos: se alguém disser que o Pai e Filho são dois deuses, seja anátema.
3. E se alguém chamar de Deus a Cristo, Filho de Deus antes dos séculos, mas não professar que ele adjuvou ao Pai na produção de todas as coisas, seja anátema.
4. E se alguém ousar dizer que o não gerado ou uma parte dele nasceu de Maria, seja anátema.
5. Se alguém disser que o Filho existe antes de Maria segundo a presciência, e não que ele foi gerado pelo Pai antes dos séculos e que tudo veio a ser por meio dele, seja anátema.
6. Se alguém disser que a substância de Deus se dilata ou se contrai, seja anátema.
7. Se alguém disser que a substância dilata de Deus constitui o Filho ou então chama o Filho a dilatação da sua substância, seja anátema.
8. Se alguém disser que o Filho de Deus é a palavra interior ou proferida, seja anátema.
9. Se alguém disser que o Filho <nascido> de Maria é somente homem, seja anátema.
10. Se alguém, chamando o <nascido> de Maria Deus e homem, com isso entende o Deus não gerado, seja anátema.
11. Se alguém entender a frase: “Eu <sou> Deus, o primeiro, e eu <sou> depois destas coisas, e fora de mim não há Deus” [*Is 44,6*], dita para destruição dos ídolos e dos que não são desses, no sentido de excluir, à maneira dos judeus, o Unigênito de Deus antes dos séculos, seja anátema.
12. Se alguém, escutando a frase: “O Verbo veio a ser carne” [*Jo 1,14*], entender que o Verbo tenha se transformado em carne ou diz que, ao assumir a carne, tenha sofrido mudança, seja anátema.
13. Se alguém, ouvindo que o Filho de Deus foi crucificado, disser que sua divindade sofreu corrupção, ou paixão, ou mudança, seja anátema.
14. Se alguém disser que a frase: “Façamos o homem” [*Gn 1,26*], não a diz o Pai ao Filho, mas o próprio Deus a tenha dito a si mesmo, seja anátema.
15. Se alguém disser que não o Filho apareceu a Abraão [*Gn 18,1-22*], mas o Deus não gerado, ou uma parte dele, seja anátema.
16. Se alguém disser que não <foi> o Filho como homem <quem> lutou com Jacó [*Gn 32,25-31*], mas o Deus não gerado, ou parte dele, seja anátema.
17. Se alguém tomar a frase: “O Senhor fez chover fogo pela força do Senhor” [*Gn 19,24*], não como referida ao Pai e ao Filho <respectivamente>, mas diz que ele mesmo tenha feito chover por si mesmo, seja anátema; pois o Senhor <que é> o Filho fez chover da parte do Senhor <que é> o Pai;
18. Se alguém, ouvindo que o Pai é Senhor e que o Filho é Senhor, e que o Pai e o Filho são Senhor, porque o Senhor <fez chover> da parte do Senhor, diz haver dois deuses, seja anátema. Pois não <dizemos> o Filho coordenado ao Pai, mas subordinado ao Pai. De fato, não desceu a Sodoma sem

do Filho. Observa-se que há elementos neoplatônicos através de conceitos comuns (devir, emanção) e elementos da teologia de Orígenes como o subordinacionismo.

Se Constâncio não tivesse morrido na Cilícia, ao retorno de uma campanha militar contra os persas, possivelmente, poderia se obter um meio termo *homeu* entre os partidos opostos, estabelecendo uma unidade de fé imposta pelo Império.<sup>158</sup>

Em 361, com a morte de Constâncio, Juliano, seu primo, assume o Império e impetra um hiato nas controvérsias cristológicas. Juliano, conhecido como o “apóstata” foi iniciado em Atenas nas religiões de mistério (tendo em vista que ele se opõe ao cristianismo, tendo o mesmo participado de uma iniciação nos mistérios de Mitra e conversão ao paganismo),<sup>159</sup> lugar também onde conheceu Basílio e Gregório Nazianzeno, dois dos três Padres Capadócijs.

A política de Juliano foi hostil ao cristianismo, ele reformou o paganismo, ordenou que todos os bens que foram pegos fossem devolvidos e estruturou o serviço sacerdotal conforme as estruturas das igrejas cristãs<sup>160</sup>. Em 363, morreu durante uma campanha nas planícies iranianas, após sua morte, Joviano assume o trono, o qual era simpatizante de Atanásio, permitindo-o que voltasse de mais um dos cinco exílios que sofreu.

---

a vontade do Pai, nem fez chover por si mesmo, mas da parte do Senhor, tendo, portanto, incumbência do Pai; nem está sentado à direita por si, mas ouve o Pai que diz: “Assenta-se a minha direita” [Sl 110,1].

19. Se alguém disser que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são uma pessoa, seja anátema.

20. Se alguém, chamando Paráclito ao Espírito Santo, disser que ele é o Deus não gerado, seja anátema.

21. Se alguém, como nos ensinou o Senhor, não disser que o Espírito Santo é outro, diferente do Filho, já disse que: “O pai vos mandará um outro Paráclito, que eu pedirei” [Jo 14,16], seja anátema.

22. Se alguém disser que o Espírito Santo é parte do Pai ou do Filho, seja anátema.

23. Se alguém disser que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são três deuses, seja anátema.

24. Se alguém disser que o Filho de Deus veio a ser, por vontade de Deus, como uma das coisas feitas, seja anátema.

25. Se alguém disser que o Filho foi gerado sem que o Pai o quera, seja anátema. De fato, o Pai não gerou o Filho sendo constrangido, movido por necessidade física, como se não o quisesse, mas ao mesmo tempo o quis e o apresentou, tendo-o gerado por si mesmo fora do tempo e sem sofrimento.

26. Se alguém disser que o Filho é não gerado é sem início, como para afirmar dois sem início e dois não gerados, e fazendo dois deuses, seja anátema. O Filho é, de fato, é a cabeça que é o princípio de todas as coisas. Deus, por sua vez é a cabeça que é o princípio de Cristo. Assim reconduzimos, conforme a piedade, mediante o Filho, todas as coisas a um só princípio sem início de tudo.

27. Resumindo cuidadosamente o exame da compreensão do cristianismo, dizemos: Se alguém não disser que Cristo Deus, o Filho de Deus, existe antes dos tempos e adjuvou o Pai na criação de todas as coisas, mas <disser> que, desde que nasceu de Maria, então foi chamado e Cristo e Filho e recebeu o início do seu ser Deus, seja anátema. (DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. p. 59-60).

<sup>158</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 208.

<sup>159</sup> ROPS, D., A igreja dos apóstolos e dos mártires, p. 565.

<sup>160</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p. 106.

Pode-se, então observar que a política do Império mesmo sendo pró ou contra os posicionamentos (seja ele niceno ou ariano) serviu como terreno fértil para a divulgação das ideias. As idas e vindas de imperadores nicanos, arianos e até mesmo pagão, no caso de Juliano, corroboraram tanto para a formulação de um arianismo mais radical com Eunômio, assim como uma cristologia mais apurada, no caso, com os Capadócijs. Outrossim, faz-se necessário afirmar que nem sempre o posicionamento vitorioso foi aquele o qual o imperador apoiou, observa-se isso na ascensão do arianismo após o concílio de Niceia com o apoio do próprio Constantino e as políticas subsequentes arianas dos imperadores com os exílios de Atanásio.

### 3.3.2

#### A Problemática homoousiana

O Credo niceno possuíam algumas lacunas e uma delas era o termo *homoousios*. Esse termo era utilizado por Paulo de Samosata e sustentado por Marcelo de Ancira e pelos sabelianos, o qual gerou certa preocupação com a liderança nicena, pois poderia dar a entender que não havia distinção entre o Pai e o Filho. Por esta razão alguns preferiam dizer “de substância semelhante” ao invés de “da mesma substância” utilizando das palavras gregas, *homoiousios* em vez de *homoousios* respectivamente.

Marcelo de Ancira, que era sabeliano, reavivou a tendência modalista a acrescentar a fórmula de Niceia o termo "homoousios". Alguns padres gregos subscreveram esta última fórmula com reservas por medo do modalismo, e os capadócijs, em seu combate em prol da distinção das pessoas divinas, continuaram a suspeitar dos defensores da unidade<sup>161</sup>.

Marcelo de Ancira declarou o termo homoousios (consustancial) como sabeliano, afirmando assim que o Pai e o Filho deveriam ser considerados como se fossem uma só substância, proclamando para si uma grande vitória ao sabelianismo e que sua única diferença estava nas manifestações segundo a Trindade Econômica<sup>162</sup>. Com isso o símbolo de Niceia começa a cair em descrédito, abrindo caminho para mais um tipo de arianismo, só que, agora, mais radical. O termo homoousios não era um termo bíblico, sua utilização em Niceia gerou uma

<sup>161</sup> SPANNEUT, M., Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII, p. 41.

<sup>162</sup> OLSON, R., História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 166.

problemática devido a sua polissemia, enquanto que os nicenos entendiam *homousios* como consubstancialidade, algo que era uma afronta aos arianos, os sabelianos viram como uma oportunidade de reafirmar que tanto o Pai quanto o Filho possuíam somente uma substância.<sup>163</sup>

Outra corrente de oposição ao credo niceno foi o chamado semi-arianismo. Os participantes desse grupo eram os que inicialmente tinham sido fiéis às definições do Concílio, todavia, por fim se fragmentaram devido à suspeita de sabelianismo por parte de alguns apoiadores e por causa do termo *homousios* e passam a defender o termo *homoiousios*.

No ano 362, Atanásio reuniu em Alexandria, em um Concílio local, nicenos e homoiousianos. Neste Concílio, que não é considerado ecumênico, foi formalmente reconhecido que a fórmula "três hipóstases" seria considerada legítima desde que não trouxesse a conotação ariana de hipóstases totalmente distintas, diferentes em substância uma da outra. Os bispos ali reunidos reafirmaram *homousios* como a única descrição apropriada do relacionamento entre o Filho e o Pai e rejeitaram explicitamente como heresias tanto o *homoiousios* semi-ariano como o sabelianismo. Mediante este Concílio, que ainda chegou a chocar muitos no Ocidente, a união entre as duas partes estava virtualmente selada, e pode-se antever nele a fórmula que se tornou distintiva da Ortodoxia.<sup>164</sup>

Grande parte dos semi-arianos se converteram ao *homousios* devido aos esforços de Hilário de Poitiers<sup>165</sup> e de Atanásio, com a declaração de que existem três hipóstases, o caminho estava aberto para que os semi-arianos se unissem à causa da diferença entre pessoas e na unidade na natureza, pois era mais aceitável estes termos. Coadunando com as ideias apresentadas, observa-se que o credo niceno não conseguiu otimizar o relacionamento entre as correntes interpretativas sobre a natureza do Filho e sua relação com o Pai. O termo *homousios* significara coisas distintas para os grupos, fora ainda, o problema subjetivo das interpretações posteriores que poderiam reviver a mazela do sabelianismo.

<sup>163</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 159.

<sup>164</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas, p. 170.

<sup>165</sup> Bispo de Poitiers, Padre da Igreja, defensor da fé cristã contra as heresias no século IV, nasceu na Gália, ao que parece por volta de 320. Poucas informações são dispostas sobre sua vida, foi casado e tinha uma filha. Viu-se envolvido na controvérsia ariana, rompendo com os bispos da Gália e com os partidários do imperador (HILÁRIO, Patrística vol 22, p. 7).

### 3.3.3

#### A ausência de uma doutrina do Espírito Santo no símbolo de Niceia

O credo niceno terminava como a afirmativa na crença no Espírito Santo,<sup>166</sup> todavia, é mister afirmar que a assertiva é muito vaga para não dizer que não agregava em nada a construção do dogma sobre a pessoa do Espírito Santo. Essa ausência sobre a reflexão doutrinária mostra claramente que o problema trinitário só havia sido iniciado em Niceia e que era necessária uma reflexão que sondasse o relacionamento e posição do Santo Espírito no seio da divindade.

Tendo em vista que não havia uma doutrina específica do Espírito Santo, apareceu um grupo que começou a interpretar a ação do Espírito, de modo que afirmaram que este não passava de um ser angelical, um anjo, hierarquicamente maior que todos os outros, que deveria ser classificado com os “espíritos ministradores” de Hebreus 1,14<sup>167</sup> e, conseqüentemente ser “outro em substância” (*heteroousios*) em relação ao Pai e ao Filho. Este grupo que fazia tal afirmação era os tropicianos, em referência a “*tropici*”, “nome derivado da palavra grega “tropos”, que significa “figura”. Eles faziam uma exegese figurada das Escrituras, citando como prova os textos de Am 4,13; Zc 1,9; e 1Tm 5,21”<sup>168</sup>, além também dos pneumatômacos, “conhecidos como Macedônios, que se opunham à doutrina da divindade plena do Espírito Santo”<sup>169</sup>. Certamente estes grupos não conseguiram grande vulto, por serem grupos locais, não tiveram grande influência.<sup>170</sup>

Foi por volta dos anos 356-362, durante seu terceiro exílio, que Atanásio se viu obrigado a expor a Teologia do Espírito Santo por ter sido interpelado pelo bispo de Thmuis. Neste ano, Serapião, bispo de Thmuis, chamou a atenção de Atanásio para um grupo de cristãos egípcios que ao mesmo tempo em que reconheciam a divindade do Filho, afirmavam que o Espírito Santo seria uma criatura celeste pouco superior aos anjos, sendo assim, deveria ser incluído entre os espíritos servidores de que fala a Epístola aos Hebreus.<sup>171</sup>

<sup>166</sup> DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. p. 50.

<sup>167</sup> Hebreus 1.14 “Porventura, não são todos eles espíritos ministradores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação? ”, (BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.).

<sup>168</sup> ERICKSON, M. J., Teologia Sistemática, p. 814.

<sup>169</sup> ERICKSON, M. J., Teologia Sistemática, p. 815.

<sup>170</sup> KELLY, J. N. D., Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento, p. 193.

<sup>171</sup> ATANÁSIO, Patrística, p. 19.

Portanto, mesmo que o debate em Niceia fosse praticamente sobre a igualdade de natureza do Filho com o Pai, a ausência de uma doutrina do Espírito Santo abriu precedentes para especulações sobre a pessoa do Espírito, assim como inicialmente, grupos pequenos utilizaram de artifícios para uma interpretação deformada. Não demorou muito para que lideranças pudessem também começar a tomar conclusões distorcidas. Não obstante, Atanásio teve que se posicionar:

Nas quatro Cartas a Serapião, portanto, Atanásio defende a plena divindade do Espírito Santo contra o pneumatômacos (também chamados de macedônios), formulando o esquema do dogma trinitário. Já em seus discursos contra os arianos, Atanásio apresentara o Espírito Santo como substancialmente pertencente à Trindade. Seguindo um silogismo teológico, enquanto equipara ontologicamente o Espírito ao Filho, une-o estritamente ao Pai, sendo este, o Pai, por sua vez, idêntico ao Filho que gerou de si: de tal modo que o Espírito é com razão dito Espírito do Pai, procede do Pai, está no Pai, participa da mesma realidade divina do Pai: <sup>172</sup>.

Outra provocação ariana era de que parecia que o Pai possuía dois filhos, se o Espírito fosse, assim como o Filho, gerado, o Pai não teria um Filho somente, e sim dois, com isso o Espírito passaria ser irmão de Jesus e este deixaria de ser Unigênito. Sempre foi difícil falar sobre o Espírito, na própria tradição cristã se vê essa dificuldade, muitas vezes nas Escrituras o descrevem como vento, língua de fogo, pomba, que é derramado em nossos corações, que sobrevêm dos céus<sup>173</sup>. O próprio Orígenes, mas de um século antes tinha afirmado que o Espírito Santo “procede do Pai”.<sup>174</sup>

Será através da reflexão sobre a Geração do Filho que os capadócijs encontrarão a distinção específica do Espírito junto à Trindade Imanente<sup>175</sup> conforme será desenvolvido mais à frente.

### 3.4

#### A Eterna Geração do Filho em Atanásio

Atanásio, que nasceu por volta de 295, acompanhou em 325, o patriarca Alexandre (um dos principais defensores da cristologia ortodoxa durante o período da controvérsia ariana) no Concílio de Niceia (325). Toda sua pastoral foi pautada

<sup>172</sup> ATANÁSIO, Patrística, p. 19-20.

<sup>173</sup> BOFF, L., A Trindade e a Sociedade, p. 92-93.

<sup>174</sup> ORÍGENES, Patrística, vol. 30, p. 42.

<sup>175</sup> A Trindade imanente é o fundamento transcendental da economia da salvação (LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade, p. 46).

a partir do embate com a heresia ariana, constituindo-se como um dos baluartes da fé nicena.<sup>176</sup>

Em 17 de abril de 328, em seu leito de morte, o patriarca Alexandre de Alexandria, designou como seu sucessor o então diácono Atanásio, com isso, alguns de seus bispos mais devotados elegeram Atanásio como o novo patriarca e o sagraram bispo em 8 de junho de 328. Pouco se sabe sobre sua origem, infância e juventude, quem foi seus mestres e sua formação (alguns de seus mestres, que eram cristãos, morreram durante as perseguições).<sup>177</sup>

Foi eleito bispo de Alexandria e posteriormente deposto, por ter resistido ao imperador Constantino em se reconciliar com Ário. Apesar de ter recebido amplo apoio do Ocidente, suas ideias só foram reconhecidas no segundo concílio ecumênico (Concílio de Constantinopla, 381), depois de sua morte<sup>178</sup>. Os sete anos finais de sua vida (por volta de 366), foram preenchidos por contatos com Roma e com Basílio de Cesareia. Atanásio morreu em 2 de maio de 373.<sup>179</sup>

As concepções sobre o Logos e as afirmações sobre o conhecimento de Deus advindas da atividade da alma e do intelecto revelam, no pensamento de Atanásio, elementos de platonismo (ao platonismo da época imperial e, em especial, ao medioplatonismo).<sup>180</sup>

O grande debate acerca da natureza do Cristo tem como o seu fundamento uma concepção soteriológica da realidade e natureza do Filho. Ele afirma que um ser menor que Deus, não poderia trazer os benefícios afirmados por Cristo e pelas Sagradas Escrituras. Nenhuma criatura, anjo ou semideus poderia elevar o ser humano ao relacionamento íntimo com Deus, apagando a mácula do pecado e a condição de finitude para uma condição de eternidade, atributo inerentemente da divindade, “de modo que necessariamente o Verbo está naquele que o gerou e o gerado está eternamente com seu Pai.”<sup>181</sup>

Nas palavras de Atanásio, Deus não precisa de mediadores para a criação ou salvação. Isso apresentaria uma condição de fraqueza na realidade divina, portanto,

<sup>176</sup> ATANÁSIO, A vida de Santo Antão, p. 2.

<sup>177</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 259, 260.

<sup>178</sup> MCGRATH, A. E. Teologia histórica, p. 64.

<sup>179</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 263.

<sup>180</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 658.

<sup>181</sup> ATANÁSIO, Patrística, p. 57.

é necessário que o Filho seja mais do que uma criatura, como afirmava o arianismo.<sup>182</sup>

A lógica do pensamento dele segue a seguinte afirmação: “Só Deus pode salvar, somente ele pode quebrar as amarras do pecado e conduzir de volta a Ele. A lógica do seu pensamento passava pela seguinte ordem: Nenhuma criatura pode redimir outra criatura; de acordo com Ário, Jesus Cristo é uma criatura; portanto, Jesus Cristo não pode redimir a humanidade. Se, porém, somente Deus pode salvar; Jesus Cristo salva; logo, Ele é Deus.”.<sup>183</sup>

A salvação só é possível, conforme Atanásio, se o Filho de Deus tivesse se feito homem em Jesus, para que, somente nEle, o ser humano se tornasse um com Deus. Para isso, era necessário que o Logos fosse eterno como o próprio Deus e tivesse aparecido para nós. Se Jesus revela Deus plenamente, sem máscaras, e se esse Deus é Pai, obrigatoriamente, Ele deve ter um Filho. Somente alguém que é eterno pode dar a eternidade.<sup>184</sup>

Qual criatura poderia ter os atributos do Verbo de Deus assim como afirmado pela Bíblia, relacionar-se eternamente com Deus, ser o mediador da criação e salvar o ser humano através da sublimação em um corpo humano? A cristologia de Atanásio proclama o Verbo divino operante em três âmbitos: Ele é eternamente unido ao Pai; governa o mundo que criou como Logos e no tempo oportuno, nasce como homem e se une à nossa estirpe. Seu significado é universal, sendo evidente que Ele tomou o corpo de um homem individual, o santificou, realizou através dele milagres e se ofereceu em sacrifício.<sup>185</sup>

É dentro desse contexto que se deve atentar sobre as afirmações de Atanásio sobre a Eterna Geração do Filho. Ele utiliza como ponto de partida o pensamento de Orígenes e o argumento sobre o não devir na divindade. A geração do Filho não é semelhante a dos seres criados, conforme diz Atanásio: “ O Filho não foi gerado como um homem é gerado [...] é próprio do homem gerar no tempo, mas Deus gera eternamente”.<sup>186</sup>

O Filho sempre é gerado no Pai, ele não foi o “Unigênito”, mas Ele é o Unigênito para todo o sempre, esse relacionamento dinâmico entre o Pai e o Filho

<sup>182</sup> ATANÁSIO, Antologia, p. 12.

<sup>183</sup> MCGRATH, A. E. Teologia histórica, p. 64.

<sup>184</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 86.

<sup>185</sup> ATANÁSIO, Patrística, p. 59, 60.

<sup>186</sup> ATANÁSIO, Antologia, p. 11.



está além do tempo e é vivido na eternidade de Deus. Sendo assim, afirmar que houve um tempo em que o Filho não existiu é afirmar que houve um tempo em que a “fonte” era “seca” e que o Pai era “estéril”.<sup>187</sup> Não pode haver mudança nessa relação, pois fazer tal afirmação, é afirmar que houve devir em Deus, por isso, o Pai é sempre Pai e o Filho é sempre Filho.

A geração do Filho no seio do Pai também afirma que os dois possuem hipóstase distintas, porém, uma única ousía. A geração do Filho é um processo eterno, pois assim como o Pai é gerativo, é plenamente correto chamar o Filho de Geração Eterna do Pai. Se não fosse o Filho o Pai estaria incompleto, portanto, Ele é geração de Deus, e, uma vez que Deus é eterno e Ele lhe pertence como Filho, existe desde a eternidade.<sup>188</sup>

Ao participar da realidade divina, ou seja, possuir a mesma ousía, o Filho não perde a sua identidade, o Filho por si mesmo possui alteridade e isso é uma condição a qual a divindade se apresenta, sendo inerente ao ser divino apresentado pelo cristianismo. O ser de Deus em nada se diminui ao possuir como partícipe de sua realidade o Pai como origem e o Filho como geração dinâmica e eterna na imanência. Atanásio está certo de que, na condição de geração (gennema) do Pai, o Filho tem de ser realmente distinto dele; e, uma vez que a geração é eterna, segue-se que a distinção também é eterna, não pertencendo simplesmente à "economia". Sobre o Filho e o Pai, sobre a afirmação de Atanásio, KELLY (1993) contribui:

O Filho é a imagem do Pai, Ele é o rio e o Pai o manancial; ele é o brilho e o Pai, a luz. Por isso, todo aquele que vê o Filho vê o Pai, "porque o Filho pertence à substância do Pai e porque ele é totalmente semelhante ao Pai. Essa semelhança, contudo, não é externa, como a que existe entre um homem e outro, mas estende-se a sua própria substância ou natureza. Ele é a geração da substância de seu Pai, de modo que ninguém pode duvidar de que, devido a sua semelhança com seu Pai imutável, a Palavra também seja imutável.<sup>189</sup>

Por fim, Atanásio apresenta a Eterna Geração do Filho como condição inerente do Filho de sua origem em Deus, pois o Pai para ser Pai deve obrigatoriamente ter um Filho. Diferentemente do subordinacionismo de Orígenes, ele afirma igualdade entre Pai e Filho. Estabelecendo assim, as bases para o desenvolvimento do pensamento dos Padres Capadócios.

<sup>187</sup> ATANÁSIO, Antologia, p. 12.

<sup>188</sup> KELLY, J, N, D., Doutrinas centrais da fé cristã, p. 184,185.

<sup>189</sup> KELLY, J, N, D., Doutrinas centrais da fé cristã, p. 185-187.

### 3.5

#### Eunômio de Cízico e o Arianismo radical

O Concílio de Niceia não resolveu os problemas oriundos do arianismo, pelo contrário, após o concílio a querela trinitária ficou ainda mais acalorada. O Credo niceno<sup>190</sup> afirmara que o Pai e o Filho possuíam a mesma substância (homoousios), assumindo uma posição anti-ariana.

De acordo com a Encyclopedia of Ancient Christianity, Eunômio oriundo da Capadócia, região da atual Turquia, nascido de uma família humilde, exerceu a função de secretário e discípulo de Aetius. Eunômio foi um grande e expoente radical de um novo tipo de arianismo. Eudóxio, o ordenou a diácono em 357 e a bispo de Cízico em 360.<sup>191</sup>

Seu radical arianismo e pregação provocaram protestos populares e a sua remoção. Após 362, ele colaborou ativamente com Aécio em Alexandria na organização de uma comunidade regular de anomoianos com seus próprios bispos, rompendo relações com Eudóxio. Foi condenado e exilado em 383, primeiramente a Moesia e morreu em 394. As fontes que dizem respeito à sua vida e obra são bem restritas, pois a divulgação e preservação foram comprometidas devido à condenação da fé ariana. Sua Apologia, escrita em 361, é uma exposição completa e orgânica da doutrina ariana radical. Foi refutada em detalhes em 363-364 por Basílio<sup>192</sup>

#### 3.5.1

##### A Teologia de Eunômio

Para que se entenda a teologia de Eunômio é necessário antes explicar a importância da linguagem para ele. Eunômio acreditava que o propósito básico da realidade e a funcionalidade da língua humana representariam o elo intermediário entre a escola de Jâmblico (primeiros decênios do século IV) e o ensinamento de Proclo (primeiros decênios do século V), pois segundo o filósofo neoplatônico, o demiurgo atribui às coisas o nome exato delas. Os nomes são idênticos à própria essência das coisas, como tinham já explicado os teurgos e os Oráculos caldaico.

<sup>190</sup> DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. p. 50.

<sup>191</sup> DI BERARDINO, A. (ed.), Encyclopedia of Ancient Christianity, p. 1:867.

<sup>192</sup> DI BERARDINO, A. (ed.), Encyclopedia of Ancient Christianity, p. 1:867.

Portanto, a origem e o significado de cada nome/palavra é tanto “místico” quanto que “religioso”, diferentemente do que ensina a doutrina dos gramáticos, que atribui ao homem a origem da linguagem.<sup>193</sup>

Ao denominar Deus de Pai, Cristo expressa a divindade em toda a sua essência transcendente, a divindade sai completamente do mistério e se torna plenamente conhecida pelo seu nome. Não é por menos que o pensamento de Eunômio é chamado de “tecnicista” (chamado assim pelos ortodoxos devido ao seu pensamento lógico). Com isso, o conceito “nome” será para ele a base de sua reflexão sobre Deus.<sup>194</sup>

Enquanto Ário pregava a diferença entre a *ousía* do Pai e a do Filho, sendo a do Pai superior a do Filho, Eunômio de Cízico pregava a hierarquia entre Pai, Filho e Espírito Santo a partir da temporalidade de existência de cada um e da geração, pois, para ele, a *ousía* dos três (Eunômio nunca chegou a admitir três hypostasis) era diferente (*anomoio*) e gerada a partir da anterior. Sendo assim, quem detinha a maior superioridade, em sua concepção, era o Pai, que sempre existiu e não teve começo e não foi gerado. A partir da *ousía* do Pai é que foi feita a geração do Filho e, por conseguinte, a *ousía* do Espírito Santo era inferior à do Filho. A partir dessa concepção, os Eunomianos também passam a ser conhecidos na historiografia e literatura patrística como Anomoianos<sup>195</sup>.

Outro fator preponderante para o entendimento da doutrina de Eunômio é a definição de Deus como o “ingênito” que expressa o ser de Deus em toda a sua essência e substância. Portanto, se Deus é Pai e Cristo é o Filho, a própria condição dos nomes expressam a heterogeneidade de ambos e a natureza única do Pai. A realidade divina se revela de acordo com a “ordem natural das coisas”, como uma estrutura hierárquica na própria revelação, denotando assim, a diferença das substâncias das pessoas, Pai é diferente do Filho e vice e versa. A ordem física da realidade se estrutura nos três graus descendentes de “substância – operação – nome”. Para ele, os termos nominados das pessoas Pai e Filho refletem em sua essência a natureza destas, portanto, refletem a diferença de natureza entre si. Deus,

<sup>193</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 536.

<sup>194</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 536.

<sup>195</sup> PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos (360-394), p. 88.

agora plenamente conhecido como Pai, dada a relação inseparável entre substância e nome, o homem pode conhecer a Deus como Deus conhece a si mesmo<sup>196</sup>.

Orígenes foi afirmado e ratificado em Niceia através do pensamento de Atanásio sobre a Geração do Filho como condição inata da natureza do Pai, portanto, é através desse pressuposto que Eunômio define o seu pensamento. Sua definição é de que como Deus é “ingênito” (significando que o Pai não foi gerado) e essa condição é própria de sua natureza que conseqüentemente será definido pelo seu nome, mostrando que o Pai é distinto do Filho em sua natureza, devido a este ser gerado.<sup>197</sup>

### 3.5.2

#### A Geração do Filho segundo Eunômio

Utilizando deste argumento, ele continua a afirmar a heterogeneidade do Filho com o Pai, porém agora, vai utilizar o argumento de Atanásio sobre a Geração do Filho a seu favor e nega categoricamente a divindade do Filho a partir deste pressuposto. Segue as afirmações de Eunômio sobre a Geração do Filho:

Não pode ser Deus o que vem de outro. [...] tudo o que vem de outro é posterior no tempo àquele do qual provém. Afirma ele... “o Filho não pode ser Deus. Deus é, portanto, o ingênito; não podemos usar esse termo segundo os conceitos humanos. Chamar Deus ingênito não é uma privação, não é tirar-lhe nada que previamente tivesse. Ele é em si mesmo a “substância ingênita”. Sendo ingênito, não pode gerar, não pode fazer partícipe ninguém de sua natureza que é, precisamente, ser ingênito. Não cabe na substância divina nem diferenciação nem separação<sup>198</sup>.

Ao declarar que o Filho é menor do que o Pai, porque diferentemente deste em sua natureza, Ele subsiste na condição de gerado, diferentemente do Pai que é ingênito. Eunômio afirma então que Pai e Filho não podem compartilhar da mesma natureza sendo um gerado e o outro ingênito. Outro fator que corroborará com a ideia, é que ele, assim como fez Ário, vai definir a categoria de “gerado” com uma categoria temporal de existência pois “Uma vez que foi gerado, existe antes de todas

<sup>196</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 535-536.

<sup>197</sup> Confessamos um só Deus, ao mesmo tempo segundo a noção natural e segundo o ensinamento dos Padres. Não foi produzido nem por si mesmo nem por outro, pois qualquer que faz deve preexistir ao que é feito, e o que é produzido deve ser segundo em relação ao que produz. Não pode ser que uma coisa seja anterior ou posterior a si mesma, nem que seja prévia a Deus[...] Se foi demonstrado que Deus não existe antes dele mesmo, nem que nenhuma outra coisa existe antes dele, senão que é ele mesmo antes de tudo, é que lhe corresponde ao ser ingênito. Ou melhor: que ele mesmo é a substância ingênita” (LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade, p. 215-216).

<sup>198</sup> LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade, p. 216.

as coisas por decisão do Pai. O Filho não pôde ser gerado quando já existia. Se não, teria existido como ingênito antes de ser gerado”.<sup>199</sup>

A metafísica de Eunômio é toda vinculada a uma estrutura de pensamento em que o não gerado se refere a uma simples conceitualização (do grego, *epinoia*): “O não gerado se impõe ao mesmo tempo no plano do ser e da linguagem”. O termo ingênito diz tudo sobre a deidade do Pai, portanto, conforme afirma Basílio: “A conceitualização (*epinoia*) da substância de Deus por parte de Eunômio através do termo ingênito é um reducionismo de sua grandeza”.<sup>200</sup> Com isso, o Pai como ser exclusivo na natureza divina, não gera em sua natureza e não é gerado, tendo em vista que no processo de geração haveria devir no ser divino, coisa que é propriamente inconcebível para a deidade.

Na esteira desse pensamento, o Filho é completamente excluído da natureza divina, pois para Eunômio, participar de um processo de geração é partilhar do devir. “É dessa forma que será preservado o caráter verdadeiro e autêntico das Escrituras que denomina o Filho como criatura, e que não atribui partes de Deus e de sua substância a algo gerado (Apologia, 17)”.<sup>201</sup>

Basílio afirma que Eunômio considera “semelhança” (*homoi*) uma questão de “forma” e “igualdade” (*homo*) uma questão de “massa”. Portanto, se o Pai não possui forma e muito menos massa por ser Espírito, em nada o Filho se iguala ao Pai. Em consequência o Filho para Eunômio é totalmente diferente (*anomous*) do Pai, não se comparando em nada a Ele.<sup>202</sup>

Tudo que vem depois do não gerado, compreende-se a partir de um processo temporal de mudanças. Assim como o Filho, o Espírito se torna incluso na condição de participante do devir, sendo considerado também uma criatura. Logo, diante de “um sistema de emanção de tipo neoplatônico, um desenvolvimento da gênese do múltiplo a partir do uno”.<sup>203</sup>

### 3.6

#### Conclusões

<sup>199</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Against Eunomius, p. 93.

<sup>200</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Against Eunomius, p. 98

<sup>201</sup> PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos (360-394), p. 12-16.

<sup>202</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Against Eunomius, p. 124.

<sup>203</sup> SILVA, M. F., A linguagem Trinitária de Basílio de Cesareia, p.158.

No interregno entre o Concílio de Niceia (325) e o Concílio de Constantinopla (381), o cristianismo vai sofrer uma transformação fenomenal. Marcado pela heresia do arianismo, o Concílio de Niceia vai tentar formatar a fé através do credo. Entretanto, a utilização de conceitos utilizados no neoplatonismo, vai acirrar ainda mais os ânimos. É em Niceia que oficialmente a Igreja vai afirmar a sua crença na Trindade. O termo *homousios* vai agradar alguns sabelianos, e desagradar a Igreja Oriental que preferia o subordinacionismo de Orígenes. A linguagem ambígua do termo *homousios* podia ser interpretada de vários sentidos, e em consequência, poderia favorecer posicionamentos heréticos já resolvidos pela Igreja.

A utilização do Império para ratificar as decisões dos concílios resultou em uma Igreja estatal que apesar de não ser governada pelos Imperadores, sofria enormes pressões por parte deles.

Quatro partidos distintos saem fortalecidos de Niceia, os anomeus, os homousianos, os homoiusianos e os homeus. Atanásio, se torna um dos protagonistas desse período e confronta-se direto com Ário, restaurado por Constantino. Exilado por cinco vezes, ele será o maior opositor do arianismo pós Niceia.

O período após a morte de Constantino é caracterizado pela luta de seus descendentes, pelo poder e pela alternância de posicionamento entre os partidos. Os exílios têm papel preponderante para a divulgação das doutrinas. O refinamento do arianismo por Eunômio acabou gerando uma resposta a contento por parte dos nicenos, em especial dos Capadóciolos.

A ausência de uma doutrina e reflexão sobre o Espírito Santo ocasionou também o debate sobre sua pessoa. Por vezes o Espírito Santo é visto como uma abstração, por isso, muitas aberrações heréticas se desenvolveram neste período. Outro fator preponderante é concernente à origem do Espírito que se fosse gerado assim como o Filho, seria “irmão” de Jesus.

Atanásio como o grande defensor de Niceia, reafirmou a divindade do Filho a partir do conceito da Eterna Geração. As afirmações dele são basicamente soteriológicas como consequência de uma cristologia da divindade do Filho. Em suas afirmações, Deus tem que ser Pai para ter um Filho, pois não pode haver um tempo em que Ele fosse estéril. Portanto, as afirmações sobre a divindade do Filho passam pelo esquema da Eterna Geração.

Eunômio de Cízico, capadócio assim como Basílio de Cesareia, Gregório nazianzeno e Gregório de Nissa, vai aprofundar o arianismo, criando o neoarianismo ou o eunomianismo/anomoianos. Também influenciado pelo neoplatonismo, ele vai se utilizar de estruturas da linguagem para negar qualquer igualdade do Pai com o Filho, por meio da expressão Geração do Filho. Através de Orígenes, Atanásio, Ário, Eunômio, e os Capadócius a construção teológica sobre a divindade do Filho circunda o conceito da Eterna Geração, seja ela positiva por parte dos ortodoxos ou negativa por parte dos heréticos, ambas utilizam o termo para suas doutrinas.

Para Eunômio, o termo ‘Pai’ revela toda a ousia do Pai, por isso Ele é ingênito, enquanto que o termo ‘Filho’ revela a ousia do Filho, se os nomes são diferentes, eles não podem ser homoousios, mas anomeus, distintos entre si. Diferentemente da noção de Ário que afirmava que a essência do Pai estava inacessível, até mesmo para o Filho, em Eunômio, o Pai é completamente revelado pelo seu nome. Todavia, a divindade não pode ser gerada enquanto já existe, logo, para Ele gerar exprime ideia de devir, pois se Ele não fosse gerado, seria ingênito conforme o Pai e deixaria de ser Filho para ser *outro* Pai. E assim como o Filho não pode ser Deus por ser gerado, muito menos o Espírito Santo.

## 4

### A ETERNA GERAÇÃO DO FILHO E A PERSPECTIVA DOS PADRES CAPADÓCIOS

#### 4.1

##### Introdução

Os Padres Capadócios, Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa, chamados desta forma por serem oriundos da região do Ponto na Capadócia e atual Turquia, serão os grandes protagonistas do Concílio de Constantinopla (381) e vão resolver as problemáticas resultantes da querela em torno da divindade do Cristo e do Espírito Santo.

Toda a Teologia da Trindade, que é o alicerce dogmático de toda a cristandade, gira em torno da Eterna Geração do Filho. Este conceito, viabiliza a divindade do Filho e serve como ponte para a divindade do Espírito Santo. Apesar de ser um assunto terminado na história da Igreja, o distanciamento histórico, faz com que o assunto se torne mais um dentre outros, não respeitando a sua importância. Outro fator que se torna problemático além da dificuldade da reflexão da Trindade imanente, assunto que se tornou atual a pouco tempo, é entender os meios e argumentação em que os Capadócios formataram o dogma.

O assunto em pauta está no cerne da religião cristã, tornando assim algo totalmente relevante para a fé, sua prática e teologia, pois, o aprofundamento da fé vem com o aprofundamento do conhecimento. Como já dizia Anselmo, “A Fé em busca de compreensão”. Os Padres Capadócios, vão enfrentar problemas políticos, doutrinários e eclesiásticos em um período em que a Igreja estava passando por diversas transformações. A aplicação do conceito e percepção sobre a Geração do Filho, a partir da perspectiva dos Capadócios abre possibilidades tanto eclesiológicas quanto social, a reflexão do Deus que se apresenta como um Deus de “relações”.

Com isso, o objetivo deste capítulo é apresentar sucintamente os Padres Capadócios para entender suas considerações sobre o assunto em pauta, as influências externas que receberam e como elas foram significantes para o resultado de suas considerações. O que eles entendiam com a Eterna Geração do Filho e o resultado direto no dogma cristão e por fim, uma possível aplicação deste conceito de importância teológica.



## 4.2

### Os Padres Capadócius

Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa são conhecidos por serem os grandes articuladores do Concílio de Constantinopla (381), apesar de Basílio estar morto durante o concílio, seu pensamento foi definitivo para resolver as questões. Eles foram homens que inspirados por Deus estruturaram e solidificaram a compreensão do Deus Tri-Uno como hoje se conhece.

#### 4.2.1 Basílio Magno

Natural de Cesareia da Capadócia por volta de 329/330, Constantino deu notoriedade à esta região ao substituir Nicomédia por Constantinopla (330). A cronologia da vida de Basílio não pode ser determinada com exatidão em todas as suas minuciosidades. Seu avô materno foi morto como mártir, seu pai, um homem rico e considerado latifundiário da região do Ponto foi o primeiro que o iniciou nas ciências clássicas e sua mãe era de família nobre da Capadócia. No que diz respeito à fé cristã, foi instruído por sua avó Macrina, a velha, a qual aprendeu diretamente de Gregório Taumaturgo<sup>204</sup>, que por meio deste, recebeu as bases da teologia Alexandrina de Orígenes, sendo ele o mais velho dentre dez irmãos<sup>205</sup>. Sobre a educação de Basílio:

Desde muito cedo, esteve Basílio sob a influência desta sua avó. Em várias cartas, sempre sublinha o papel de educadora da fé ortodoxa junto de seus netos: “Que prova mais clara poderia ter em favor de nossa fé, que o fato de ter sido educado por uma avó que era mulher bem-aventurada (...)”? Quero falar da ilustre Macrina, que nos ensinou as palavras do bem-aventurado Gregório (o Taumaturgo), todas as que a tradição oral lhe conservara que ela guardara e das quais se servia para educar e formar na piedade os pequeninos que éramos, então” (Epist. 104,6; 110,1; 123,3).<sup>206</sup>

Seguiu os passos de seu pai em retórica (incluindo filologia, filosofia e administração, no entanto, foi Macrina que influenciou decisivamente o posicionamento do capadócio em uma expressão de fé e devoção mais radical, além

<sup>204</sup> A referência a Gregório Taumaturgo mostra o quanto era antiga no cristianismo a família de Basílio, pois o mesmo tinha cristianizado a Capadócia, quando que o mesmo se sentia como herdeiro de bispos ortodoxos (MORESCHINI, C. Basílio Magno, p. 10).

<sup>205</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 282.

<sup>206</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Patrística: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo, p.7.

de Eustácio de Sebaste que também possivelmente corroborou para tal posicionamento.<sup>207</sup>

Basílio nasce e vive em um período considerado pela Patrística como “idade de ouro”, pois o cristianismo, deste momento, passava por um processo de consolidação de seu discurso, estruturação de suas hierarquias e (re)definição de seus dogmas, devido às grandes transformações sociais e culturais, caracterizadas principalmente pelo avanço dos latifundiários e pelas novas classes dirigentes da Igreja<sup>208</sup>.

Em relação a Constantinopla e consequentemente, a Capadócia, Aviz faz a seguinte assertiva:

[...] a nova capital conhecida como “nova Roma”, berço cultural e importante rota comercial, que fazia dela uma cidade rica e cosmopolita, facilitadora do grande fluxo de informações e intercâmbios culturais provindos tanto do Ocidente quanto do Oriente. Por sua vez, a Capadócia, cuja capital é Cesareia, ganharia destaque no coração do império pelo simples fato de transitarem por suas estradas os altos funcionários do império, soldados, comerciantes, intelectuais e até mesmo o próprio imperador, que se deslocaria de uma capital a outra.<sup>209</sup>

Embora inclusivo ao cristianismo, o período não era pacífico, pois, a pluralidade dos pontos de vista cristãos e seus questionamentos concernentes às interpretações das Sagradas Escrituras e em especial, a reflexão sobre Jesus, eram ainda conteúdos inacabados no âmbito doutrinário da fé e da Igreja. Basílio percebeu que seria insustentável a defesa contra os ataques sofridos pelos partidos opositores e a afirmação da consubstancialidade do Filho com o Pai sem aprofundamentos.<sup>210</sup>

Por ter vindo de uma família cristã de classe abastada foi-lhe proporcionado uma excelente formação cultural que ulteriormente vai prepará-lo para assumir uma carreira em destaque tanto junto à Igreja quanto ao Império. A família de Basílio é reconhecida por manter o zelo por uma tradição cristã hereditária.<sup>211</sup>

Em Cesareia da Capadócia frequentou a escola de retórica, onde continuou seus estudos e conheceu Gregório de Nazianzo, com quem construirá ao longo de

<sup>207</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 11.

<sup>208</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Patrística: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo, p.7.

<sup>209</sup> AVIZ, D. A. Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 64.

<sup>210</sup> MORESCHINI, C., Basílio Magno, p. 49.

<sup>211</sup> AVIZ, D. A. Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 64, 65.

sua vida uma profunda amizade. Em conformidade com a condição econômica de sua família, procurou os mais célebres mestres e institutos de formação de seu tempo: foi para junto de Libânio em Constantinopla (346-350?), com quem manteve correspondências posteriormente. Será Gregório de Nazianzo que irá nos fornecer um material epistolar e teológico sobre Basílio em sua Oração 43.<sup>212</sup>

Em Atenas (351/352), sua última parada na formação intelectual, Basílio, não estudou apenas filosofia, mas também a astronomia, literatura, retórica e medicina, e deve, portanto, ter-se familiarizado com a tradição cosmológica que remonta a Aristóteles, a Platão e aos pré-socráticos, e ali é recebido por Gregório de Nazianzo, onde estreitam os laços de amizade que se conhece pelo testemunho do próprio na sua autobiografia: “[O Senhor] deu-me por amigo o mais sábio, o mais respeitável, o mais erudito de todos os homens. Quem? Perguntar-me-ão. Uma só palavra o fará conhecer: Basílio”.<sup>213</sup>

Ele abandona Atenas (355) e seu amigo Gregório, a fim de dedicar-se a conhecer os principais centros nascentes do monasticismo de sua época: Síria, Palestina, Mesopotâmia e Egito. Conhece também Atanásio, biógrafo de Santo Antão, e o bispo Eustácio de Sebaste (300-377), seu guia e fundador de uma comunidade monástica no Ponto que se destacava por um modelo ascético aberto à vida de toda a Igreja, contribuindo assim, posteriormente, para a formulação de um ideal monástico no pensamento “basiliano”.<sup>214</sup>

Contudo, essa amizade será abalada mais adiante por dissensões acerca da concepção trinitária, na qual o Bispo Eustácio não reconhecia a natureza divina do Espírito Santo. Após empreender essa viagem aos principais centros da vida monástica, Basílio se estabelece em uma das propriedades de sua família em Anesi, próximo ao rio Íris, na província do Ponto.<sup>215</sup>

Ordenado sacerdote em Cesaréia (362), com a morte do bispo Eusébio, travou-se uma disputa a fim de decidir quem iria sucedê-lo na Sé Episcopal. O clero desenvolvia contra ele uma forte oposição a sua eleição devido as suas enfermidades recorrentes. Faleceu no inverno, no primeiro dia do ano de 379, não podendo ver o florescer de uma causa que consumiu suas forças e que desabrocharia

<sup>212</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 282.

<sup>213</sup> GREGÓRIO DE NAZIANZO, Autobiografia, p.25.

<sup>214</sup> DI BERARDINO, A. (ed.), Encyclopedia of Ancient Christianity, p. 1:339.

<sup>215</sup> AVIZ, D. A., Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 67.

no seu esplendor em 381, no famoso Concílio de Constantinopla, no qual, por meio de suas inúmeras obras, conquistou dois porta-vozes de peso: seu irmão Gregório de Nissa e àquele que presidiria o Concílio, Gregório Nazianzeno.<sup>216</sup>

#### 4.2.2

##### Gregório Nazianzeno

Gregório Nazianzeno nasceu aproximadamente entre 329/330, na cidade de Arianzo, nas mediações de Nazianzo, tradicionalmente, muitos têm considerado como da mesma idade de Basílio, seu pai, também chamado de Gregório, conhecido como “o velho”, era bispo desta mesma cidade. De acordo com os relatos era um homem “simples nos seus costumes”, sua mãe, chamada Nona, era oriunda de uma família de cristãos ortodoxos, que muito contribuiu para a conversão de seu marido que antes era participante de uma seita pagã.<sup>217</sup>

Gregório era o caçula de três irmãos, Gorgônia e Cesário. Ele havia estudado para ser médico e exerceu o ofício junto ao imperador Constantino. Entretanto, seus irmãos morreram antes de seus pais, cabendo à Gregório cuidar do pai na velhice. Ele começa seus estudos na Cesareia da Capadócia e depois da Palestina, seguindo para Alexandria<sup>218</sup> no Egito, partindo finalmente para Atenas. São em seus estudos. em Cesareia da Capadócia que ele conhece o então amigo de toda uma vida, Basílio Magno.<sup>219</sup> DROBNER (2019) afirma que provavelmente, devido às várias observações de Gregório em relação a Basílio, ele fosse mais velho.<sup>220</sup>

Em Atenas, ele reencontra seu amigo Basílio. É interessante afirmar que Gregório teve uma formação tão excelente quanto o amigo citado, e é em Atenas que ele vem a conhecer o futuro imperador Juliano. Ele retorna em 356 para sua pátria, inicia o ensino de retórica e por influência de seu amigo, volta-se para uma vida ascética se unindo a ele na região do Ponto para uma experiência de vida monástica.<sup>221</sup>

<sup>216</sup> AVIZ, D. A., Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 68, 69.

<sup>217</sup> AVIZ, D. A., Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 75.

<sup>218</sup> GREGÓRIO NAZIANZENO, Autobiografia, p. 21.

<sup>219</sup> AVIZ, D. A., Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 73,74.

<sup>220</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 305.

<sup>221</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 306.

Recebeu o batismo em 361 ou começo de 362, e contra a sua vontade foi ordenado ao presbitério por seu pai no mesmo ano com a missão de ajudá-lo nas atividades da diocese de Nazianzo. Como considerou a ordenação “uma violência”, recusou-se a assumir o ofício sacerdotal, voltando apenas após a festa da páscoa de 362.<sup>222</sup> Tendo em vista a multiplicação das sedes episcopais criada pelo imperador Valente em 371/372, que dividiu a província da Capadócia<sup>223</sup>, e movido por um interesse de salvaguardar a coesão e o fortalecimento do partido niceno, Basílio o nomeou em 372, bispo de Sásima e seu irmão, também chamado Gregório, bispo de Nissa, com o objetivo de conter a ameaça ariana. Entretanto, ele nunca tomou posse da cátedra de Sásima<sup>224</sup>, o que abalou a amizade dele com Basílio<sup>225</sup>. GONZALEZ (1995) vai dizer que Gregório ficou tão aborrecido com a ação do amigo, que quando Basílio veio a falecer, eles ainda não tinham se reconciliado e continuou ajudando seu pai em sua cidade natal até sua morte em 374.<sup>226</sup>

Retirou-se posteriormente para as regiões de Selêucia e na Isáuria, onde após a morte do imperador Valente (9 de agosto de 378) devido as invasões góticas, aceitou o convite para liderar uma comunidade nicena na futura igreja da Anastasis em Constantinopla<sup>227</sup>, cidade esta que era composta por maioria ariana.<sup>228</sup> Em 380 fez os “cinco discursos teológicos” que lhe valeram o cognome de “o Teólogo”. Sobre este título Letenski coloca:

[...] a Igreja Oriental reservou o nome de teólogo a três escritores sacros, colocando em primeiro lugar o evangelista João, o mais místico dos quatro evangelistas; em segundo, Gregório de Nazianzeno, autor também de poemas contemplativos; e em terceiro, Simão, cognominado o “Novo Teólogo”. A mística é considerada aqui, conclui Lossky, o ápice de toda a teologia, melhor, ela é vista como a teologia perfeita, ou a teologia por excelência.<sup>229</sup>

<sup>222</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 306.

<sup>223</sup> A divisão da Capadócia foi uma estratégia do imperador Valente para enfraquecer a influência de Basílio, dividindo a região noroeste à volta de Tiana, tornando-se Capadócia Segunda, que foi entregue a um bispo ariano, enquanto que a outra parte tornou-se Capadócia Prima, com isso, ele nomeou parentes e amigos como bispos (DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 283).

<sup>224</sup> GREGÓRIO NAZIANZENO, Autobiografia, p. 35.

<sup>225</sup> AVIZ, D. A., Uma alma em dois corpos. A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo, p. 76, 77.

<sup>226</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p. 137.

<sup>227</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, The Fathers of the Church: St. Gregory of Nazianzus, select orations, p. xvi.

<sup>228</sup> GREGÓRIO NAZIANZENO, Autobiografia, p. 46.

<sup>229</sup> LETENSKI, I., O Paradoxo do Entre-Dois no nascimento do pensamento cristão, p. 136.

Nos fins de 380, Teodósio entrou triunfante em Constantinopla e expulsou os arianos da cidade e forçou o bispo Demófilo a abandonar a cidade, constituindo Gregório como bispo da cidade, introduzindo-o solenemente na basílica dos Santos Apóstolos em maio de 381.<sup>230</sup>

Em 381, após a morte de Melécio de Antioquia, bispo niceno e primeiro a presidir o Concílio de Constantinopla, assumiu a presidência do concílio. Entretanto, não conseguiu estabelecer um acordo razoável dentre os grupos e partidos existente e nem ao símbolo. Considerado como ineficiente e tendo contra ele a acusação de ter abandonado a cátedra de Sássima, sua autoridade foi considerada ilegítima. Gregório teve que renunciar para não expor todo o concílio e retorna a sua terra antes mesmo do término, por fim, retirou-se para uma propriedade da família nos entornos de Arianzo, onde morreu, provavelmente em 390.<sup>231</sup>

#### 4.2.3

##### **Gregório de Nissa**

Em relação à proposta inicial sobre a reflexão da eterna geração do Filho, Gregório de Nissa será o capadócio que irá contribuir menos no sentido estrito da palavra, no entanto, nos ajudará na compreensão da origem do Espírito e consequentemente a distinção do Espírito com o Filho.

A reconstrução da biografia de Gregório de Nissa não é uma tarefa fácil, assim como de muitos na Patrologia, os dados levantados se dão nas correspondências com seu irmão Basílio e com seu amigo Gregório Nazianzeno nas obras do próprio capadócio. Provavelmente nasceu por volta de 335/340 no Ponto, em Neocesareia.<sup>232</sup> O pai veio a falecer quando Gregório ainda era criança e seu irmão mais velho, Basílio, a quem em muitas obras o chama de seu “pai e mestre”, e juntamente com Macrina, a qual denominava de “mestra”, assumiram a função de liderança na família.<sup>233</sup>

Não frequentou nenhuma escola famosa em Cesareia, Constantinopla ou Atenas, portanto, sua educação inicial foi realizada no seio da própria família.

<sup>230</sup> GONZALEZ, J., Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes, p. 138.

<sup>231</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 307.

<sup>232</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Patrística: Homília sobre Lucas 12; Homílias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo, p. 11, 12.

<sup>233</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 294.

Seguiu o ciclo da paideia grega antiga<sup>234</sup>; isto significa que adquiriu um sólido conhecimento da literatura clássica e, juntamente com este conhecimento, um perfeito domínio da retórica e, mais exatamente, da retórica sofística. Com efeito, os seus escritos testemunham que ele foi, sobretudo, influenciado pela Segunda Sofística. Sobre a influência em que a retórica teve sobre sua vida LETENSKI (2016) afirma:

De acordo com Louis Méridier, no seu estudo intitulado, *L'influence de la seconde sophistique sur l'oeuvre de Grégoire de Nysse*, o teólogo critica a retórica sofística e a apresenta como incompatível com as Escrituras. Paradoxalmente, porém, mormente no Diálogo com Macrina, ele se serve abundantemente da arte retórica – com o emprego de metáforas, metonímias, imagens eloquentes, sintaxes singulares e preciosismos – para melhor convencer o leitor sobre as ideias que ele desenvolve nesta obra. Na verdade, pondera Méridier, o uso da retórica na segunda metade do século IV não era uma característica exclusiva de Gregório de Nissa. Neste período, ele já se havia generalizado em pensadores cristãos, tais como os outros dois capadócijs – Basílio e Gregório Nazianzeno – e será também característico de teólogos como Agostinho, Jerônimo e Sinésio. Releve-se que também estes escritores, segundo o estudioso francês, expressavam o paradoxo de criticar a retórica profana, ao mesmo tempo em que dela se serviam.<sup>235</sup>

Outro ponto significativo do capadócio é sua vasta formação filosófica, por ter lido Platão (médio e neoplatonismo inicial), Aristóteles, os estoicos, Plotino, Posidônio de Apameia e outros. Existe até mesmo a possibilidade de que tenha estudado profundamente medicina. Antes de exercer o episcopado estudou retórica e exerceu a função de leitor.<sup>236</sup>

Certamente foi casado com Teosébia, devido a suas declarações na obra *Sobre a Virgindade* e por uma carta que Gregório Nazianzeno lhe escrevera, expressando suas condolências pela morte de Teosébia, onde o capadócio de Nissa afirma ter contraído matrimônio, e confessa estar “separado por uma espécie de abismo desse título de glória da virgindade”.<sup>237</sup> O casamento não o impediu de participar dos

<sup>234</sup> Segundo Margarida Maria de Carvalho (2010, p.24): “Paideia é um conjunto de ações pedagógicas, políticas, filosóficas e religiosas (consideradas por nós como um conjunto político-cultural) que aprimora o discursivo persuasivo (retórico, ou arte da persuasão) daqueles que necessitam demonstrar e impor seu poder” (PAPA, H. A., *A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos*, p.38).

<sup>235</sup> LETENSKI, I., *O Paradoxo do Entre-Dois no nascimento do pensamento cristão*, p. 156.

<sup>236</sup> GREGÓRIO DE NISSA, *Patrística* vol. 29, p. 8.

<sup>237</sup> Na época não era impeditivo ser casado para a ordenação do sacerdócio (GREGÓRIO DE NISSA, *Patrística* vol 29, p. 8).

ambientes monásticos. Ainda nesse período, teve acesso a outras literaturas além da Bíblia, como Fílon de Alexandria, Orígenes e outros teólogos.<sup>238</sup>

Em 372 a província da Capadócia foi dividida pelo então imperador Valente do Oriente, este era adepto do arianismo *homoiano* a ponto de exilar bispos e monges nicenos em detrimento de favores aos cristãos arianos. A divisão tinha o propósito de enfraquecer os nicenos, pois de acordo com o seu ideal político-administrativo, essa divisão traria consequências negativas para o irmão de Gregório, Basílio, pois, tendo em vista que a cidade Cesareia ficaria localizada na Segunda Capadócia, geraria um sentimento de rivalidade entre as capitais, beneficiando o bispo da cidade de Tiana, Antimo, que era ariano. Com estratégia de aumentar seu prestígio, influência e poder na região, Basílio instituiu cargos episcopais para amigos em cidades estratégicas. É nesse ínterim que assumem, a contragosto, os cargos episcopais, seu irmão de sangue Gregório de Nissa e seu grande amigo, Gregório Nazianzeno.<sup>239</sup>

O episcopado de Gregório se divide em duas partes desiguais. Uma é caracterizada por um período de engajamento no debate trinitário, período o qual o imperador Valente deixava Basílio em paz devido as suas relações políticas com o reino da Armênia. Seu irmão Basílio se queixava do irmão devido a sua ingenuidade em assuntos de política eclesiástica e de relacionamento humano de tal forma que evitou de enviá-lo a Roma para negociações, alegando que ele era “inteiramente inexperiente nas coisas da igreja”. Gregório chega a ser deposto e exilado em 376, com o pretexto de malversação do patrimônio da igreja e de irregularidades no que tange a sua eleição episcopal, de modo que ele retorna somente após a morte de Valente em 378.<sup>240</sup>

O segundo período da vida episcopal é caracterizado pela sua ascensão de exilado e alvo de intrigas. Gregório, em 379, aparece como um político eclesiástico muito procurado e influente, respeitado como orador, pregador e exegeta, que até o fim da vida manteve estreitas relações com sua capital e com o imperador. Fez um

<sup>238</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Patrística: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo, p. 13.

<sup>239</sup> PAPA, H. A., A Autoafirmação de um Bispo: Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos (360-394), p. 81.

<sup>240</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 295.



discurso importante no concílio de Constantinopla em 381, 382, 383 e 394, considerado um dos participantes destacados.<sup>241</sup>

Os últimos anos de vida é caracterizado por uma intensa atividade literária, muito provavelmente dedicando-se mais à vida monástica do que a atividades pastorais. A data de sua morte é desconhecida, mas pode ser situada por volta de 394-395.<sup>242</sup>

### 4.3

#### A Teologia Trinitária dos Capadócius

Ao olhar a conjuntura na qual os três Padres Capadócius vão desenvolver sua teologia trinitária é de se admirar não somente pela contribuição, mas pela inspiração ao apresentar o Deus Tri-Uno. É certo saber que o termo Trindade, já citado por Tertuliano, ainda deixava entre aberto a dinâmica entre os pontos de vista filosóficos e bíblicos, pois, pensar em um Deus que entrou na história e enviou seu Filho Unigênito para salvar o ser humano encontrava vários entraves no pensamento filosófico. Orígenes já havia refutado as condições de devir em Deus no *Contra Celso*. Outro problema proposto era o monoteísmo estrito vindo do judaísmo que ganhou força através do Modalismo e em movimento oposto a ascensão do arianismo, reduzindo o Filho em uma criatura, tornando Deus em um ser inacessível.<sup>243</sup>

Corroborando ainda com este pensamento, a quase nula citação no credo niceno mostra uma pneumatologia ainda em formação e pouco desenvolvida. Niceia não deu o “tiro de misericórdia” no arianismo, pelo contrário, os exílios e idas e vindas dos pensadores arianos, além de expandir a doutrina criaram uma ainda mais radical<sup>244</sup>, o eunomismo, que apesar de possuir os primeiros arcabouços arianos, ganhou identidade própria ao utilizar o pensamento do grande herói do símbolo de Niceia, Atanásio como substrato de seu pensamento, ou seja, ele utilizou do termo “Geração do Filho” para afirmar que o Filho era diferente do Pai e assim não podendo ser *homoousios*.

<sup>241</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 295.

<sup>242</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Patrística: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo, p. 16,17.

<sup>243</sup> TILLICH, P., História do Pensamento Cristão, p. 86.

<sup>244</sup> PAÑO, E., Los Exílios de Eunomio de Cízico, p. 183.

É nesse contexto de altos e baixos que Basílio, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa vão desenvolver sua doutrina da Trindade que reverberará até os dias de hoje. O trabalho dos capadócijs se oporá veementemente ao novo arianismo radical de Eunômio, utilizando assim da filosofia e coadunado com os conceitos bíblicos de geração do Filho e Processão do Espírito para ratificar seu posicionamento do Deus Tri-Uno.

#### 4.3.1

##### **Antecedentes filosóficos que influenciaram o pensamento de Basílio**

Para o entendimento da Trindade Imanente segundo os Capadócijs, o pressuposto inicial do arcabouço filosófico de sua empreitada é que o próprio Basílio entendia a filosofia como meio pedagógico de modo a facilitar a apresentação da doutrina cristã, pois, para ele, o elemento essencial da formação cristã consiste na aceitação dos mistérios da revelação que compreendem a teologia e a salvação. Somente se respondem a essa exigência fundamental, o conhecimento e a utilização da cultura pagã como meio inteligível de se compreender o divino.<sup>245</sup>

Com isso, pode-se ver a utilização de várias correntes filosóficas auxiliando os capadócijs na esquematização da realidade imanente da Trindade. Utilizar a cultura pagã, como afirma Basílio, é utilizar da cultura para apresentar o mistério divino, com isso, deve-se entender que essa cultura, ou por assim dizer, esses pressupostos devem ser irrefutáveis, pelo menos neste momento histórico.<sup>246</sup>

É diante desse contexto que, primeiramente, Basílio utilizará um conceito muito difundido para evidenciar a substância de Deus e suas relações intertrinitárias na realidade imanente da deidade. Utilizando das categorias do pensamento estoico, a saber, a substância, as qualidades, o modo de ser, a relação, ele utiliza os termos aristotélicos-estoicos para a palavra substância tanto *ousía* (“substância”) e *hypokeimenon* (“substrato”), que no mundo sensível é utilizado para se referir o substrato material de que são feitos todos os seres. Outrossim, para os estoicos a substância é o “gênero essencial” por excelência, sendo assim, todo e tudo aquilo que existe, é, portanto, a categoria mais genérica do universo.<sup>247</sup>

<sup>245</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 538.

<sup>246</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 538.

<sup>247</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 539.

Basílio, então, junta a filosofia estoica com a aristotélica no conceito das categorias na definição “aquilo que é”. Ele vai utilizar da doutrina estoico-aristotélica para se referir a Deus, utilizando assim, como chave interpretativa da realidade divina, o conceito de “substância” do estoicismo e aplica a Deus em sua realidade divina imanente, ao passo que a categoria do “modo de ser” indica a realidade divina econômica como manifestações de Deus aos homens.<sup>248</sup>

Com isso, pode-se ver duas realidades divinas em Deus, uma que é oculta e misteriosa, sua realidade imanente onde subsiste os processos intertrinitários e intratrinitários e a outra que se revela nas Sagradas Escrituras, no processo progressivo da revelação, exemplificada pelos nomes de Pai, Filho e Espírito Santo, nomes esses que são independentes.<sup>249</sup>

Alguns desses nomes manifestam a categoria da “relação”, concepção esta que é própria de Aristóteles; o mesmo se pode dizer do fato de que o Filho existe eternamente com o Pai. Ser Filho e ser Pai são categorias de relação e não absolutas em si.<sup>250</sup>

Chega-se a um momento crucial no pensamento de Basílio ao utilizar a filosofia estoico-aristotélica. Os nomes apresentados na revelação progressiva de Deus revelados nas Sagradas Escrituras representam a realidade do modo de ser de Deus, ou seja, Deus subsiste como um ser pleno que é plenificado através de suas relações. Os nomes não representam o ser imanente, sua essência propriamente dita, mas representam o modo de existência das pessoas que vivem em uma relação eterna. BOFF(1987) vai dizer: “A partir das relações e comunhão entre si que as pessoas divinas se estabelecem e resulta em uma unidade que constitui a essência dessas pessoas.”<sup>251</sup>

Portanto, Basílio será o primeiro a diferenciar entre a ousía como realidade divina imanente sendo o comum e as três hipóstases divinas individualizadas, cada uma caracterizada por propriedade (idion) exclusiva, a saber, pela maneira específica de receber a ousía divina e respectivamente possuí-la (por meio de suas relações originárias). Ao atribuírem as particularidades hipostáticas às relações originárias, os capadóciolos tentaram preservar a unidade divina a partir de sua

<sup>248</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 538, 539.

<sup>249</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 539.

<sup>250</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 540.

<sup>251</sup> BOFF, L., A Trindade e a Sociedade, p. 91.

origem, a partir do Pai, do qual o Filho e o Espírito Santo têm parte sem diferença essencial, ou seja, homousios, na comunhão (koinonia) do um ser divino.<sup>252</sup>

Entretanto, ao enfrentar o seguinte problema, os modos de ser poderiam expressar substâncias distintas no seio da deidade, e, nesse sentido, caindo em um triteísmo (que consiste na afirmação de três ousías). Portanto, como é possível que os Três sejam individualmente distintos e ao mesmo tempo pertençam a uma só substância (ousía) que é chamado ‘Deus’? É nesse contexto que a relação existente entre o comum e o que é particular entram em cena, pois assim como em Deus a ousía se relaciona com a hipóstases. A noção de ousía comparada ao que é comum, por exemplo à bondade, à divindade e outros conceitos análogos; e consequentemente à hipóstase é comparada à individualidade das categorias de relação, como se vê na paternidade, na filiação ou no poder santificante.<sup>253</sup>

A Trindade plotiniana ocupa um lugar especial no pensamento de Basílio composta pelo *um-bem*, a *inteligência* e a *alma cósmica*. Alguns dos padres gregos aproximaram o significado de hipóstase de Basílio e de Plotino à tríade plotiniana, em referência à Trindade cristã. Em Plotino, a divindade existe em um princípio gerador que gera um inferior (o *um-bem* gera a *inteligência*, que gera a *alma cósmica*).<sup>254</sup>

Provavelmente, como afirma MORESCHINI (2005), os capadócijs, em especial Basílio, utilizaram a Tríade de Plotino para repensar o seu conceito de divindade, na qual a deidade existe em uma tríade, que no caso da Trindade cristã preexiste em igualdade, Pai, Filho e Espírito, diferentemente de Plotino que afirmava uma gradação e hierarquização dos entes.<sup>255</sup>

Outrossim, apesar das divergências doutrinárias, pode-se perceber que os Padres capadócijs beberam da fonte em pontos essenciais do pensamento de Plotino e de Porfírio ao ilustrar algumas propriedades das três hipóstases da Trindade e nas regras no relacionamento recíproco intertrinitário.

<sup>252</sup> SCHNEIDER, T. (org.), Manual de Dogmática v.1. p. 443.

<sup>253</sup> Basílio vê na substância ou substrato a realidade divina comum, ao passo que a categoria do “modo de ser” indica a manifestação de Deus aos homens, com isso, vemos duas realidades em Deus, uma que é oculta e misteriosa e a outra que se revela nas Sagradas Escrituras exemplificada pelos nomes independentemente da sua substância. Alguns desses nomes manifestam a categoria da “relação”, concepção esta que é própria de Aristóteles; o mesmo se pode dizer do fato de que o Filho existe eternamente com o Pai. Ser Filho e ser Pai são categorias de relação e não absolutas em si (MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 540).

<sup>254</sup> BOFF, L., A Trindade e a Sociedade, p. 542.

<sup>255</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 555.

Paralelos nos fragmentos dos oráculos caldaicos com a doutrina dos capadócijs – aparece em um dos fragmentos dos oráculos caldaicos a expressão “mônada tríplice”, em outro, a frase, “reluz em todo o cosmo a tríade que é dirigida pela mônada”. Podemos então observar, dentre outras afirmações que Porfírio situa no ápice do seu sistema metafísico um tríplice “um”, em comparação com Plotino que afirmava a indivisibilidade em si, composta pela existência, pela potência, ou vida, e pela inteligência ou atividade noética.<sup>256</sup>

Outras afirmações mostram a influência neoplatônica, a ideia da recíproca presença das três pessoas da Trindade (chamada posteriormente por João Damasceno de *perichoresis*<sup>257</sup>), mesmo tendo referência nas Escrituras, esta ideia se encontra no neoplatonismo como a completa mistura das realidades incorpóreas, que, no entanto, exclui qualquer confusão e as mantêm distintas uma das outras. O uso da expressão “uma natura” característica de Plotino; os atributos negativos precedentes da tradição platônica, a afirmação do Pai que é a “raiz” e a “fonte”.

#### 4.3.2

#### **Antecedentes filosóficos que influenciaram o pensamento de Gregório Nazianzeno**

Assim como Basílio, Gregório Nazianzeno, que teve uma formação similar ao amigo, Cesareia e Atenas, utilizará todo arcabouço filosófico herdado e corroborará com as Sagradas Escrituras para desenvolver seu pensamento, tendo como foco a pessoa do Filho e a Trindade. Sendo assim, ele vai escrever utilizando de componentes platônicos, assim como de elementos do cinismo e da filosofia estoica.

Em relação ao estoicismo e ao cinismo, observa-se em seu discurso a severidade e dureza com que Gregório condena o corpo humano, pois, o cinismo nutria uma desvalorização do corpo e de bens materiais, utilizando em sua pregação

<sup>256</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 555.

<sup>257</sup> A *perichoresis* é o ensinamento de que a vida de uma pessoa da Trindade flui por meio de cada uma das outras; assim, cada pessoa sustenta as outras e cada uma tem aceso direto à consciência das outras (ERICKSON, M. J., Teologia Sistemática, p. 336). O termo encontrado com frequência em sua forma latina (*circumincessio* – interpenetração mútua) se tornou uma expressão de uso geral no século VI. Refere-se à maneira como as três Pessoas da Trindade se relacionam entre si. O conceito de *perichoresis* permite que a individualidade das pessoas seja mantida e, ao mesmo tempo, enfatiza que cada pessoa compartilha da vida das outras duas. Uma imagem que costuma ser usada para expressar essa ideia é a de “uma comunidade de existência”, na qual cada pessoa, apesar de manter sua identidade distinta, penetra outras e é penetrada por elas. Chamado também de “interpenetração mútua”, apesar de encontrar manifestação plena num estágio ulterior do desenvolvimento da doutrina, é sugerido tanto por Irineu quanto por Tertuliano e é expressada de maneira mais substancial nos escritos de Gregório de Nissa (MCGRATH, A. E. Teologia histórica, p. 78, 79).

certos aspectos do discurso cínico, bem como seu moralismo intransigente, seu desprezo as riquezas e a afirmação da efemeridade do mundo.

O cinismo representava um certo tipo de filosofia particularmente apta para um pregador cristão, que sabia dever falar também a pessoas menos cultas e menos preparadas a seguir um discurso intelectualmente mais difícil, e Gregório, como bispo e como cristão, devia empregar, ao lado das árduas especulações trinitárias, um discurso "à maneira dos pescadores, não à maneira aristotélica".<sup>258</sup>

Outro elemento importante na construção do pensamento e prática do Nazianzeno é o platonismo, que influenciará em sua prática ascética. Pode-se entender ao forte apelo a ascese devido a sua percepção oriunda do platonismo, segundo a fórmula platônica na qual a alma está "ligada" estreitamente ao corpo. Portanto, ele reelabora sua estrutura dualística do platonismo para uma ascese cristã. Esse dualismo que é muito característico do platonismo entre o real e o ideal faz com que ele despreze as sensações, e portanto, ao mundo externo recolhe-se em si mesmo num esforço de interiorização, para assim contemplar a verdadeira vontade de Deus. Moreschini afirma que "a influência platônica foi profunda sobre a teologia do Nazianzeno".<sup>259</sup>

Em relação à Tríade de Plotino, Gregório também utilizará de sua teologia para desenvolver a sua, ele, por sua vez, atribui a Deus as características do Intelecto mais que as do *Um*. Ainda assim, Orígenes e Clemente parecem, portanto, ter sido os grandes modelos de Gregório Nazianzeno, inclusive no que diz respeito à terminologia da luz.<sup>260</sup>

Por fim, para desenvolver a incognoscibilidade de Deus, ele utiliza da doutrina hermética.

"Deus é o mar do ser [...] que ultrapassa toda concepção de tempo e de natureza: é entrevisto apenas com o intelecto, e isso acontece de modo até demasiadamente obscuro e limitado, a partir não das realidades que lhe dizem respeito, mas das que lhe estão em torno [...] infinito, portanto, é o ser divino e dificilmente se pode contemplar, e dele se compreende plenamente somente uma coisa, ou seja, a infinidade, embora alguém creia que, pelo fato de que é de natureza simples, ele seja totalmente incompreensível ou, vice-versa, perfeitamente perceptível (Oração 38,7 de Gregório Nazianzeno)."<sup>261</sup>

Em consequência a condição de incognoscível, ele usa também da teologia negativa, afirmando que Deus é: inominável, não-compreensível, imutável,

<sup>258</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 560-562.

<sup>259</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 568.

<sup>260</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 575.

<sup>261</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 583, 584.

intocável, isento de forma, sem fim, invisível, incircunscrito, infinito, isento de qualidade, quantidade e figura, fora do tempo e irresistível.<sup>262</sup>

### 4.3.3

#### **Antecedentes filosóficos que influenciaram o pensamento de Gregório de Nissa**

As obras de Gregório de Nissa são marcadamente influenciadas pelo platonismo e, mais particularmente, pelo medioplatonismo e os inícios do neoplatonismo. Certamente essas influências vieram em especial de seu irmão Basílio tendo em vista que Gregório não teve uma formação formal como seu irmão. Isso se verifica sobretudo no Diálogo com Macrina, cujo paralelo com o Fédon de Platão é inegável. Temas evidentemente platônicos, como a imortalidade da alma, a participação e a aspiração do homem para o transcendente recorrem constantemente nos escritos e no pensamento do teólogo.<sup>263</sup>

Todavia, nota-se também um esforço e um empreendimento da parte do Nisseno por fazer corresponder estes temas filosóficos àqueles que se encontram nas Sagradas Escrituras, tais como a ressurreição dos mortos e a “imagem e semelhança” do homem, sua antropologia é o cerne de sua doutrina.<sup>264</sup>

Do ponto de vista teológico, e a exemplo dos outros dois capadócius, Gregório se baseia essencialmente na tradição alexandrina de Filon e de Orígenes. De Orígenes ele herda a doutrina da apocatástase<sup>265</sup>. A esse propósito, é curioso notar que o Segundo Concílio de Constantinopla (553), proferiu anátemas contra Orígenes, condenando mais tarde esta doutrina, sem, no entanto, anatemizar o teólogo capadócio.<sup>266</sup>

## 4.4

### **A Eterna Geração do Filho**

<sup>262</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 586.

<sup>263</sup> DROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 294-298.

<sup>264</sup> GREGÓRIO DE NISSA, Patrística vol 29, p. 19.

<sup>265</sup> Teoria originada provavelmente por Orígenes de que todos serão salvos, conhecida também como universalismo (ERICKSON, M. J., Teologia Sistemática, p.981).

<sup>266</sup> LETENSKI, I., O Paradoxo do Entre-Dois no nascimento do pensamento cristão, p. 157.

Chega-se, portanto, no cerne desta pesquisa. A Eterna Geração do Filho caminha diante de uma progressiva construção teológica que com o passar do tempo, vai ganhando importância e relevância dentro da conjuntura cristã dogmática. Como pode-se observar posteriormente, o termo nasce em Orígenes<sup>267</sup>, cresce com Atanásio<sup>268</sup>, é utilizado por Eunômio em sua doutrina com uma conotação diferente e é com os capadócijs que ganha solidificação no credo constantinopolitano na reflexão dogmática do Deus cristão.

Relembrar o conceito de *Geração do Filho* a partir de Eunômio é importante para que se possa entender os Capadócijs. O eunomianismo afirmava que, tendo em vista que o Filho é “*gerado*”, este não poderia ter a mesma natureza do Pai que é “*ingerado*”, a própria condição e nome aplicados ao Pai e ao Filho denotam sua diferença, conseqüentemente, seria insustentável afirmar que o Filho é *homousios* ao Pai.<sup>269</sup>

Realmente, que o ingerado e o gerado são diferentes em si é uma verdade, no entanto, eles se diferem, não em natureza, mas em seu *modo de ser*, pois os vocativos no Novo Testamento não expressam sua essência, mas em caráter análogo apontam o relacionamento que ambos partilham. Os nomes dão um conhecimento obscuro do que é Deus em sua essência, mas nos revela “como” Ele é através de seu relacionamento com o Filho.<sup>270</sup> O “como” é a forma de relacionamento de quem Deus é e a dificuldade de se apresentar ao ser humano está na condição daquele que é um infinito ser compreendido pelo finito, portanto, nosso conhecimento sobre a essência de Deus será sempre diminuto pelo que Ele é, outrossim, e para se referir a Ele é necessário que se utilize analogias, pois a experiência humana e o tangível não conseguem representar Aquele que é completamente o outro, o incomparável “a substância de Deus que está além de toda a inteligência”.<sup>271</sup>

É nesse contexto que Basílio irá se opor veemente à doutrina de Eunômio, que não distingue a substância e seu modo de ser. Para ele o modo de ser é a substância em Deus e vice e versa. Deus somente é cognoscível em seu modo de ser, pois os nomes Pai e Filho são categorias de relação e não absolutos em si

<sup>267</sup> HORTON, S. M., Teologia Sistemática, p. 88.

<sup>268</sup> ATANÁSIO, Antologia, p. 11.

<sup>269</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Against Eunomius, p. 96.

<sup>270</sup> LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade, p. 217.

<sup>271</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Against Eunomius, p. 112.



mesmos “Pai é classificado antes do Filho em termos da relação que as causas têm com o que vem deles, não em termos de uma diferença de natureza ou uma preeminência baseada no tempo”<sup>272</sup>, Deus em sua categoria de substância permanece velado, pois este não foi revelado em toda plenitude de sua substância. Eunômio afirmava que os nomes de Deus representavam a essência divina por excelência, retirando de Deus toda condição transcendente e mística de seu ser.<sup>273</sup>

A partir do pressuposto de Basílio, Deus pode ser revelado e permanecer no mistério ao mesmo tempo, e essa proposição não é contraditória, apesar de rapidamente parecer, pois como modo de ser, Ele se apresenta como o Pai do Filho e esse nome expressa o relacionamento, mas, sua essência plenificada permanece velada a nós.<sup>274</sup> É completamente plausível e lógico o argumento de Basílio que ao utilizar da filosofia estoico-aristotélica encontra a chave interpretativa para colocar “em cheque” a doutrina eunomiana.

Diante da objeção que pode vir das palavras do Senhor, "o Pai é maior do que eu" (Jo 14,28), Basílio segue a interpretação já clássica dos representantes da ortodoxia nicena: o Pai é maior enquanto é Pai, enquanto "causa" e "princípio" do Filho que dele foi gerado. Mas o fato de que o Filho realize as atividades de Deus mostra a identidade de natureza.<sup>275</sup>

Basílio vai rebater Eunômio e fazer considerações importantes no que tange à doutrina. Ele se orienta para a afirmação das "três hipóstases" na "única substância" divina, caracterizado pelas relações de origem, paternidade e filiação, pois, em Deus, a unidade é perfeita da substância, porque as hipóstases só se distinguem por suas relações, sendo-lhes comum tudo o mais.<sup>276</sup> Sobre a Geração do Filho Basílio contribui:

O Logos, portanto, a segunda pessoa da Trindade, é reconhecida por Basílio como o primeiro movimento da inteligência do Pai, sem ter sua origem fora da essência do Pai, Ele existe desde a eternidade, sem ter sido adquirido sucessivamente. Logo, ser Filho, não é característica de produto, ou objeto pertencente a alguém, mas agente ativo e criativo na realidade divina que embora permanecendo na identidade de Filho, é tudo que o Pai é, que goza de um

<sup>272</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, *Against Eunomius*, p. 121.

<sup>273</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, *Against Eunomius*, p. 96.

<sup>274</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, *Against Eunomius*, p. 108.

<sup>275</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 218.

<sup>276</sup> SPANNEUT, M., *Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII*, p. 43.

relacionamento íntimo de comunhão e partilha e sua dignidade vem da sua comunhão com o Pai.<sup>277</sup>

Tudo que o Filho possui, apesar de receber do Pai, não recebe por dádiva e sim por natureza e condição de Filho, algo que é característico de quem é gerado. Como Filho, Ele possui por natureza as propriedades do Pai e como unigênito, possui sem compartilhar com outrem. Ele não foi criado numa ordem, mas encontra-se junto do Pai fora do tempo, sendo igual em poder e dignidade<sup>278</sup>

As afirmações de Basílio mostram que, o ato de ser gerado de Deus, o Filho e o Pai vivem eternamente em uma comunhão intrínseca, de partilha, identidade compartilhada, independência em um relacionamento de extrema e eterna união.

O Filho é, portanto, assim como o Pai, a “fonte de todas as coisas”<sup>279</sup>, pois Ele é o esplendor da substância do Pai de quem deriva. Assim, como as hipóstases em Plotino, não há entre o Pai, o Filho e o Santo Espírito, intervalo ou separação, paixão, subdivisão. O Pai não sofre devir ao gerar o Filho, pois o Filho é gerado fora do tempo.<sup>280</sup> Obstante, é gerado “sem paixão”, pois o Filho permanece ligado ao Pai não havendo entre Eles distância ou separação espacial, distintos, porém juntos, nunca separados ou distantes de si em sua realidade ontológica, pois:

Nunca houve um tempo em que o Pai estava sem a Palavra; nunca houve um tempo em que Ele não era o Pai; nunca houve um tempo em que Ele estava sem verdade, ou sem sabedoria, ou sem seu poder, ou desprovido de vida, de esplendor, ou de sua bondade.<sup>281</sup>

Gregório Nazianzeno vai aprofundar ainda mais sobre a reflexão da Geração do Filho que é eterna. Aqui inicia a reflexão atinente ao contexto da “eternidade” nos Capadócijs, portanto, como atributo inerente à deidade, eternidade não será para o Nazianzeno, e anteriormente para o neoplatonismo, uma categoria temporal, mas sim uma categoria ontológica. Pois, se eternidade fosse uma categoria temporal, a própria ausência de tempo seria uma condição inerte no tempo e espaço, mas, entende-se que o tempo é a condição daquilo que existe ter um início ou ter um fim, resumindo, é sofrer o devir. Portanto, só existe tempo para aqueles que sofrem qualquer tipo de alteração em sua estrutura ontológica, que em Deus, não

<sup>277</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 543.

<sup>278</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 543.

<sup>279</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, The Fathers of the Church: St. Gregory of Nazianzus, select orations, p. 112.

<sup>280</sup> MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 544.

<sup>281</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, Five Theological Oration, p. 61.

há devir. Em suma, a eternidade em Deus é uma categoria ontológica, em Deus há movimento, porém, não há devir. Sobre o conceito de eternidade Moreschini afirma:

A eternidade só pode ser referida a uma total plenitude do ser. Essa interpretação mais profunda da eternidade e do tempo, totalmente nova diante das definições tradicionais que uniam o tempo simplesmente ao movimento dos astros, é, como é sabido, uma reelaboração plotiniana do conceito de eternidade, que Platão tinha formulado brevemente no *Timeu*: "Deus sempre era e é e será; ou melhor, sempre é. Com efeito, o 'era' e o 'será' são porções do tempo que dizem respeito a nós e à natureza submetida ao fluir; Deus, porém, é sempre, e esse é o nome que Ele dá a si mesmo[...]"<sup>282</sup>

A frase "Deus sempre era e é e será" deve ser entendida em toda a sua riqueza; o Nazianzeno corrige a expressão mais usual e banal para ressaltar que Deus é sempre. Por esse motivo, em Deus (o qual é 'Aquele que é', como se viu acima) distingue-se do "ser agora" o ser parcial das naturezas que nascem e perecem, ou seja, aquilo que passa pelo devir.<sup>283</sup>

O "ser agora" de Deus consiste no fato de que Deus possui em si todo o ser, como o mar do ser, o ser-em-si. Exclui-se, portanto, em Deus o futuro, pois não se pode verificar o momento em que Deus tenha alguma coisa que já não tenha agora, ao passo que o passado e o futuro podem se aplicar somente às naturezas corruptíveis. O infinito "ser agora" de Deus é a eternidade; o "ser agora", finito, da natureza corruptível é o tempo, explicado de maneira tradicional por Gregório como "movimento do sol".<sup>284</sup> Geração será então, movimento. A mônada se moveu por causa da riqueza, (ou seja, da própria natureza divina), ela se dilata por sua riqueza essencial, o Pai gera por essência, não por bondade ou vontade.<sup>285</sup>

O processo da geração do Filho explicado por Gregório se deu através do "movimento". O um de Plotino extravasa no Intelecto, e Gregório, modificando a imagem, afirma: Deus, todo Ele, extravasa para fora; Plotino tinha dito: o um, imóvel, produz o múltiplo (o Intelecto); e Gregório corrige: o Pai, ao se mover (e nesse movimento será preciso ver o movimento por excelência, a geração), produz a díade, até que esse movimento-geração para na Trindade.<sup>286</sup>

<sup>282</sup> MORESCHINI, C., *História da Filosofia Patrística*, p. 588.

<sup>283</sup> MORESCHINI, C., *História da Filosofia Patrística*, p. 588.

<sup>284</sup> MORESCHINI, C., *História da Filosofia Patrística*, p. 589.

<sup>285</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *The Fathers of the Church: St. Gregory of Nazianzus, select orations*, p. 137.

<sup>286</sup> MORESCHINI, C., *História da Filosofia Patrística*, p. 596.

Ao se entender o conceito de eternidade agora, entende-se como Deus pode Gerar um Filho e esse Filho permanecer co-eterno junto ao Pai, pois esta geração, não é algo temporal que acontece em Deus, mas sim, um processo ontológico de movimento que acontece em Deus como um processo no qual não há devir na substância divina, isso consiste que o Pai permanece infinito, do mesmo modo que o Filho permanece infinito, na categoria ôntica. Como o Pai é o fundamento do ser, Ele pode ser a origem do Filho, como ponto de partida, não como início. Deve-se então perceber que origem aqui não é “início”, nem temporal e nem espacial, mas um movimento ontológico de relacionamento. Gregório afirma que o termo Pai não indica uma substância mas uma relação, “A Trindade é uma relação abrangente entre iguais que são mantidos em igualdade de honra”<sup>287</sup>. Sim, porque se o Pai indicasse uma essência (ousía), assim deveria admitir-se que o Filho é de substância diversa, porque é primogenitura do Pai.

Mas, se o nome de Pai é uma relação, isto é, o estado no qual o Pai encontra-se no Filho e o Filho no Pai, assim há igualdade de natureza entre aquele que é gerado e aquele que gera. A própria Escritura fala da unidade do Filho em relação ao Pai; o Filho Unigênito está no seio do Pai e este o fez conhecer à humanidade (cf. Jo 1,18). Nunca houve um tempo no qual o Pai foi sem o Logos, o Filho. Gregório não explica a Eterna Geração, ele se contenta com o mistério conforme citado abaixo:<sup>288</sup>

Assim a geração do Filho não pode ser compreendida em termos humanos, porque ela foge da razão; ela é também fora do tempo, é eterna, porque o Pai é eterno. Se a própria geração humana é incompreensível, tanto mais aquela divina, a ponto de Gregório dizer: “Quanto Deus é impenetrável ao homem, tanto a geração celeste é mais incompreensível para ti”.<sup>289</sup>

Ao entender o Pai como origem do relacionamento com o Filho, Gregório Nazianzeno dá cabo a doutrina subordinacionista de Orígenes. O Filho é obediente ao Pai, o qual, em um movimento perfeito executa sua vontade, toda ação na divindade inicia em Deus Pai, como origem e fonte. A relação paterno-filial vem a ser, o ponto de apoio para afirmar a consubstancialidade do Pai e do Filho. Uma

<sup>287</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *The Fathers of the Church: St. Gregory of Nazianzus, select orations*, p. 138.

<sup>288</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *The Fathers of the Church: St. Gregory of Nazianzus, select orations*, p. 113.

<sup>289</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *The Fathers of the Church: St. Gregory of Nazianzus, select orations*, p. 114.

vez que esta relação existe em razão do fato da geração eterna do Filho, a unidade de substância entre Eles é um dado tão primário quanto o de sua distinção pessoal. Gregório Nazianzeno afirma:

O nome Pai não é nem de substância nem de ação, mas de relação, e de modo como o Pai se refere ao Filho ou o Filho ao Pai. E, assim como entre nós estas denominações dão a conhecer a origem e o parentesco, mostram também a identidade de natureza do gerado com aquele que o gerou.<sup>290</sup>

A relação paterno-filial não seria tal sem a unidade da essência. A relação faz que a distinção em Deus não seja um obstáculo à unidade divina, porém, ao mesmo tempo assegura a unidade da essência na pluralidade das pessoas.<sup>291</sup>

Gregório de Nissa teve que lidar com o mesmo problema de seu irmão Basílio, a diferença de natureza entre o gerado e o ingênito. A resposta será que “a geração divina é sempre um ato eterno, não há em Deus antes nem depois”<sup>292</sup>, diferentemente do que acontece nos seres criados, pois nas pessoas divinas não há diferenças entre elas. As três pessoas têm tudo em comum.<sup>293</sup>

O Espírito Santo tem comunhão de natureza com o Pai e o Filho, mas o signo distintivo que o caracteriza é não ser nem gerado nem não-gerado. Distingue-se do Filho em que não tem a subsistência do Pai como unigênito, senão que se manifestou por meio do Filho, pois, na Trindade tudo é comum. A essência divina (ousía) é incognoscível, seguindo a teologia de seu irmão Basílio. Conhece-se a Deus não por sua natureza, (Trindade Imanente), mas por sua atividade (Trindade Econômica). Os três querem e realizam o mesmo, sempre em harmonia e união. Há uma só disposição do Pai, como início de tudo, que se leva a cabo pelo Filho e por fim, pelo Espírito; nenhum ato é realizado separadamente, sem a ação do outro, não há intervalo nem interrupção na ação dos três, como também não há em sua vida. A unidade divina tem também esse aspecto dinâmico e concreto.<sup>294</sup>

Assim, o Espírito procede do Pai e é recebido do Filho. O Espírito Santo tem sua causa primeva no Pai através do Filho e com Ele. A vida divina transmite-se ao Filho pela geração ao Espírito Santo, a partir do Pai e através do Filho, pela processão.

<sup>290</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *Five Theological Orations*, p. 60.

<sup>291</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 71.

<sup>292</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 228.

<sup>293</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 228-230.

<sup>294</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 230.

## 4.5

### A processão do Espírito e a Geração do Filho

A reflexão da origem do Espírito está vinculada diretamente com a origem do Filho, tendo em vista que é a partir desta reflexão que se desenvolve esta doutrina. É ponto importante de se lembrar que, assim como foi desenvolvido no tópico supracitado, origem aqui não faz referência a um ato temporal, mas sim uma relação ontológica. A base bíblica para as afirmações dos relacionamentos inter trinitários será o evangelho de João. O desenvolvimento doutrinário acerca do Logos vai pautar o pensamento sobre o Filho, e será também em João que se encontrará uma resposta coerente para explicar a natureza e distinção do Espírito.

É interessante revisar que o Concílio de Niceia deixou a questão do Espírito entreaberta. Essa ausência de uma doutrina do Espírito Santo abriu precedente para diversas especulações concernentes ao Espírito das quais o eunomianismo (a mais perigosa por ser a mais intelectualista) começou a fazer diversas afirmações esdrúxulas atinentes ao Espírito Santo. Alguns desses questionamentos eram sobre se a Terceira Pessoa da Trindade fosse um anjo, como afirmavam os Macedônios, uma emanção de Deus, como afirmavam os sabelianos e uma criatura com natureza distinta de Deus, como os arianos. Todas essas especulações encontram ecos no que tange à pessoa do Espírito. Outro fator importante é o questionamento que posteriormente dará identidade específica na doutrina, na qual “se o Espírito fosse gerado pelo Pai, Deus Pai teria *dois* filhos e Jesus deixaria de ser Unigênito”.<sup>295</sup>

Um problema que os Padres Capadócijs tinham que enfrentar consistia em explicar como o Pai se diferenciava do Filho e do Espírito. Eles declararam que o Pai deve ser considerado como origem ou fonte da Trindade. Basílio e Gregório de Nazianzo abordaram o problema, mas foi Gregório de Nissa que escreve sobre “a pessoa única do Pai, da qual o Filho é gerado e o Espírito procede”.<sup>296</sup>

Basílio será o primeiro a se posicionar em relação ao Espírito, ele afirma que o Espírito Santo procede de Deus, não por modo de geração, mas “como respiro de sua boca”. Assim, sua “maneira de vir a ser” permanece “inefável”. Além disso ele afirma que um único Espírito está “ligado a um único Pai através de um único

<sup>295</sup> KELLY, J. N. D., Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento, p. 197.

<sup>296</sup> MCGRATH, A. E., Teologia Histórica, p. 81.

Filho", e é "através do Unigênito" que as qualidades divinas chegam ao Espírito provenientes do Pai.<sup>297</sup>

Gregório Nazianzeno, ao utilizar o evangelho de João<sup>298</sup>, com a afirmação de que o Espírito Santo "procede do Pai", Jo 15,26. O que significa "processão"<sup>299</sup> ele não pode explicar mais do que os seus adversários podem explicar o que é a "geração" do Filho ou o "não ser gerado" do Pai. Sua principal mudança de Basílio está na propriedade, pois nas Escrituras tudo o que Ele faz está em relação com a criação e o ser humano. Essa é a grande dificuldade, mas ao utilizar o evangelho de João, ele consegue indicar a origem da Terceira Pessoa.

Nesse proceder do Pai está a propriedade característica do Espírito. Essa propriedade refere-se, pois, às relações dentro da Trindade Imanente. Portanto, o Espírito procede do Pai, mas não como gerado; o ser gerado é característica própria da filiação, pertencente somente ao Filho.<sup>300</sup>

Por fim, Gregório de Nissa, apresenta a afirmação definitiva. “O Espírito, sai de Deus e é de Cristo; Ele procede do Pai e recebe do Filho; não se pode separá-lo do Verbo. As três pessoas devem ser distinguidas por sua origem: o Pai é a causa e os outros dois "causados". As duas pessoas causadas têm ainda outra distinção, pois uma delas é diretamente *gerada* pelo Pai, enquanto a outra *procede* do Pai por meio de um intermediário. Visto por esse prisma, apenas o Filho tem direito ao título de unigênito e é um agente em subordinação ao Pai que é a fonte da Trindade, e a relação do Espírito com o Pai não fica de modo algum prejudicada, porque Ele deriva seu ser do Pai mediante o Filho. O Filho se relaciona com o Espírito em termos de causa e efeito para ilustrar a relação das três pessoas. Ele emprega a analogia de uma tocha que primeiro dá sua luz a outra tocha e, então, por intermédio desta a uma terceira.<sup>301</sup>

Gregório Nazianzeno vai fazer a seguinte afirmação em relação ao Espírito: “Que falta, pois, ao Espírito [...] para ser Filho? ”, certamente, nada lhe falta em sua essência (ousía), outrossim, em sua manifestação Ele não tem o atributo da geração

<sup>297</sup> KELLY, J. N. D., Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento, p. 197.

<sup>298</sup> O evangelho de João será o evangelho usado para subsidiar toda reflexão transcendental sobre o Filho e agora cumprirá este mesmo papel para ratificar a divindade do Espírito (MORESCHINI, C., História da Filosofia Patrística, p. 543.).

<sup>299</sup> Gregório Nazianzeno se fundamentou em Jo 15,26 “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim. ”, para se referir a origem e diferenciação do Espírito Santo. (MORESCHINI, C., Gregório Nazianzeno, p. 137).

<sup>300</sup> LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade, p. 224.

<sup>301</sup> KELLY, J. N. D., Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento, p. 198.

e assim como o Filho afirma, o Espírito procede (*ekporeusis*) do Pai. É na diferença de sua revelação, em seus nomes e relacionamentos que Eles se diferenciam.<sup>302</sup>

Ele continua a perguntar: “*o que falta ao Filho para ser Pai?*”, os nomes e formas de relacionamento na divindade (“não ser gerado”, “ser gerado” e “proceder”) não são deficiências e nem características inferiores na substância, preservando na verdade a distinção das três hipóstases que subsiste na única natureza e dignidade divina.<sup>303</sup>

Portanto, com efeito, o Filho não é o Pai (tendo em vista que só existe um Deus Pai), assim como o Espírito não é o Filho (assim como o Filho é o “*único*” gerado), a ação na divindade inicia no Pai, passa pelo Filho e é realizado pelo Espírito. Os Três são Um do ponto de vista da divindade, e o Um é Três do ponto de vista das propriedades.<sup>304</sup>

O Filho é unigênito, não só porque de fato é único, mas porque é a única geração, já que em Deus nada se repete; o Filho é a “definição breve da natureza do Pai”. Diversas são as denominações do Filho: sabedoria, potência, verdade, selo do Pai, imagem, luz, vida etc. Todas fundam-se na consubstancialidade com o Pai. Por outra parte, também o Espírito é Deus e é homoousios (com o Pai e o Filho). Gregório não vacila em aplicar-lhe esse termo, diferentemente de Basílio, que é tímido em tal afirmação.<sup>305</sup>

Determinantemente os capadóciotes resolvem a celeuma sobre a Pessoa do Espírito Santo e o relacionamento com o Pai e o Filho a partir da expressão “proceder de Deus”, sendo assim, a teologia que apresenta o Pai como origem é corroborada através da doutrina da processão do Espírito. O Espírito procede de Deus Pai, e é o Espírito de Cristo, assim, é a partir da geração do Filho que se chega a processão do Espírito como origem em Deus Pai.

#### 4.6

#### **Contextualização da Eterna Geração do Filho na Trindade imanente na Trindade econômica**

Diante das afirmações abordadas, deve-se ater à seguinte afirmação sobre a Trindade Imanente: “... a Trindade que se manifesta na economia da salvação é a

<sup>302</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *Five Theological Oration*, p. 103.

<sup>303</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *Five Theological Oration*, p. 103.

<sup>304</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, *Five Theological Oration*, p. 103.

<sup>305</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 225.



mesma Trindade imanente e a mesma Trindade imanente é a que se comunica livre e graciosamente na economia da salvação”<sup>306</sup>. Logo, os eventos manifestos através da pessoa do Cristo (encarnação, ministério e morte) e tudo que Ele é, são eventos análogos (aqui é necessário a analogia para expressar o inefável) da realidade transcendente e incognoscível do mistério divino. Deus, na pessoa de Jesus, se revelou como Ele é, não com máscaras, mas se expressou, na medida do possível da capacidade humana de compreensão em sua essência. O evento do Cristo expressa de fato a Trindade imanente, Jesus é tudo que o Pai é.

Sobre a Geração do Filho na Trindade, tanto na abordagem de Orígenes como na dos Capadócijs, o processo de *geração* não é *criação*, pois, se fosse criação, o Filho não poderia ser divino, não conheceria o Pai plenamente, não poderia salvar e nem oferecer a eternidade, pois não poderia oferecer aquilo que não tem. O Filho partilha da natureza divina, Ele é Deus, e ao mesmo tempo possui alteridade como pessoa distinta, Ele não é o Pai, é o Filho.

A Geração do Filho na Trindade imanente é movimento. Mas não é movimento espacial “Como Deus Pai é invisível e inseparável do seu Filho, não o gerou por prolação, como pensam alguns”<sup>307</sup>, pois o Filho sempre está com o Pai e nunca sem Ele. Também, não é movimento temporal “Apenas a Trindade é a única que está para além de qualquer sentido de caráter não somente temporal, mas de duração interminável; pois os outros seres, fora da Trindade, são mensuráveis pelos séculos e pelo tempo”<sup>308</sup>, pois na eternidade não há tempo, nem início nem fim, pois Deus sempre ‘é’. Portanto, se a Geração do Filho não é nem espacial nem temporal, que tipo de Geração/movimento é essa? Logo, essa geração é um movimento ontológico. Ela é um ato do ser de Deus, em que o Filho tudo recebe do Pai, sem que este perca coisa alguma e do Filho de que tudo que tem é do Pai.<sup>309</sup>

PANNENBERG (2009) afirma que a ideia de Eterna Geração se refere na Trindade econômica através da afirmação do ‘envio do Filho’. Portanto, assim como aconteceu um movimento ontológico em Deus na Trindade imanente e com isso a Geração do Filho na Trindade econômica, o movimento do Logos preexistente para a encarnação, ministério e morte é denominado como ‘*envio*’,

<sup>306</sup> MOLTSMANN, J., O Deus vivo e verdadeiro, p. 44.

<sup>307</sup> ORÍGENES, Patrística, vol. 20, p. 147.

<sup>308</sup> ORÍGENES, Patrística, vol. 20, p. 147.

<sup>309</sup> ORÍGENES, Patrística, vol. 30, p. 36.

“[...] o envio da pessoa (do Filho) não só é ‘apropriado’, mas lhe é característico (da divindade). Por isso, os “envios” devem constituir o ‘ponto de partida’ para todo o tratado da Trindade”.<sup>310</sup> Afirma-se então que na Trindade econômica, a Eterna Geração do Filho se mostra através do ‘envio’ de Jesus em seu ministério terreno de entrega, amor e morte de cruz. A vida de Jesus, como resultado de seu envio, revela a essência da natureza da divindade, que se entrega através de um processo de autodoação e partilha de sua natureza, revelando um Deus que é amor. Logo, a Geração do Filho na Trindade imanente é revelado na Trindade econômica como o *envio do Filho*.

O Filho revela o Pai plenamente, naquilo que se pode conhecer, pois tudo que o Pai tem é do Filho e tudo que o Filho tem é do Pai.<sup>311</sup> O próprio ato de sofrimento e paixão do Filho denotam o amor sem limites, pois na fraqueza de Deus (1Co 1,25), encontra-se a grandeza de seu amor. O Filho, como Palavra/Sabedoria revela o mais íntimo do ser de Deus, o seu incomparável amor por excelência.

Tendo em vista que a distinção da pessoa do Filho é ser Gerado, expressada na realidade econômica através do seu envio em ato de revelar o Pai, este envio não é contingente, pelo contrário, ele é um ato da expressão do próprio ser de Deus que é amor. Deus gera/envia o Filho como ato de sua própria natureza amorosa.

A Geração, que não é uma ação de paixão, mas de essência e natureza, expressa Deus e o seu amor.<sup>312</sup> Amor esse que se revela através dos relacionamentos, pois, os nomes revelados, Pai e Filho, conforme afirmados pelos Capadócijs são grandezas relacionais em Deus e não de essência.<sup>313</sup> Esse amor de relacionamento é manifesto no ministério terreno de Jesus na escolha de seus discípulos e na eleição do novo povo de Deus, e em sua paixão e morte vicária.

Em sua autodoação e auto sacrifício, o Filho não expressa devir, pelo contrário, expressa seu amor e quão grande é esse amor. O “sofrimento” do Filho revela o Deus que se encontra com os mais desfavorecidos, que sofrem pelas estruturas de poder, em especial os pobres. O Deus que se fez desfavorecido, pobre e abandonado revela a essência desse Deus.

<sup>310</sup> PANNENBERG, W., Teologia Sistemática vol. 1, p. 417,418.

<sup>311</sup> BASÍLIO DE CESAREIA, Against Eunomius, p. 112.

<sup>312</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, Five Theological Oration, p. 61.

<sup>313</sup> GREGORY OF NAZIANZUS, Five Theological Oration, p. 60.

A Eterna Geração do Filho revela a essência do Pai, como um ato divino dirigido ao exterior. Na criação, e em especial a do homem, Deus completa sua auto-humilhação quando “[...] permite que exista um ser diferente dele, à medida que se limita a si mesmo. Deus reduz a sua onipotência, abrindo o espaço para a sua imagem e semelhança, o homem. Ele deixa o mundo existir dentro da sua eternidade”.<sup>314</sup>

A Geração é Eterna, pois expressa uma condição ontológica de imutabilidade. Desse modo, afirmar a Eterna Geração do Filho é refletir sobre princípio, mas também, fim, pois na eternidade divina não há devir. A revelação escatológica do Filho como aquele que leva a criação a Deus, fazendo com que Ele seja “tudo em todos”.

Sua distinção pessoal hipostática na deidade reflete na criação a alteridade e a transcendência da criatividade divina. Essa distinção Pessoal, entretanto, em sua origem na Trindade Imanente, só é distinguida em sua origem se entende que origem é ação, pois na eternidade não há tempo. Pode-se observar que as três pessoas, que tem tudo em comum, vivem uma plena comunhão.

O movimento em direção ao outro é um dos grandes ensinamentos que acontecem na Trindade Imanente que se expressa da Trindade Econômica. Diante de uma espiritualidade pluralista o movimento em direção ao outro através do respeito à diferença e à acolhida do outro complementa o ser através de um cuidado inicial de se dar e se encontrar, e nessa ciranda do cuidado o Deus Trino se faz revelado como uma pericorese de dar e receber em uma plena e completa comunhão.

#### 4.7

#### Conclusões

Os Padres Capadócijs vão resolver e formatar a questão pertinente ao Deus Tri-Uno dentro de um contexto de instabilidade clerical-dogmática e diante das mudanças dos imperadores e seus pontos de vista (os imperadores mudarão de política diante dos bispos que irão os influenciar). Portanto, o contexto histórico pós-niceia não foi favorável à posição do partido niceno, pelo contrário, a predisposição do imperador Constantino ao arianismo desencadeou uma série de

<sup>314</sup> MOLTSMANN, J., A Trindade e o Reino de Deus, p. 128-129.

ações posteriores de seus sucessores a favor dos seguidores de Ário e de sua doutrina.

Um dos problemas encontrados pelos capadócius foi a utilização do vocábulo *homousios* no símbolo de Niceia, no qual gerou uma incredibilidade junto ao Credo, a problemática *homousiana* será resolvida através das palavras “hipóstases” e “ousía”, termos emprestados do neoplatonismo que resolverão e unificarão os nicenos com os semi-arianos no Sínodo de Alexandria.

A ausência de uma reflexão sobre a pessoa do Espírito Santo no Credo niceno será um grande desafio, tendo em vista a dificuldade e por uma abstração da Terceira Pessoa. As excêntricas seitas e interpretações concernentes ao Espírito variam de uma hermenêutica figurativa das Sagradas Escrituras.

Os Padres capadócius, Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa irão se opor duramente ao novo arianismo e utilizarão da cultura como ferramenta para apresentar o Deus Tri Uno que corrobore com as afirmações das Sagradas Escrituras e com o credo da Igreja. Utilizando da filosofia aristotélica, estoica, cínica, platônica, neo e médio platônica, eles vão desenvolver o conceito de uma *ousía* e três hipóstases.

No cerne do assunto, sobre a Eterna Geração do Filho, seguem as seguintes afirmações: Ser Pai e Filho não representam a divindade em sua essência e sim “como” Deus é, ou seja, um Deus que se relaciona, pois, os nomes, Pai e Filho indicam relação e não essência, só se tem acesso àquilo que Deus revelou através das Sagradas Escrituras, mas em sua essência Ele permanece oculto. Outrossim, a assertiva sobre o Filho ser gerado não é em hipótese alguma um tipo de demitido ou redução, pois Ele é Filho gerado antes do tempo, com isso, essa geração independe da vontade ou paixão do Pai, ela acontece como própria necessidade da essência divina, num ato eterno e único em Deus.

Gregório Nazianzeno vai mais adiante sobre a eterna Geração do Filho que aqui se apresenta não como um conceito temporal de Deus, mas um movimento ontológico de Deus em seu seio e na sua relação inter-trinitária. Não há diferença das pessoas em Deus, salvo suas origens, pois o Pai é ingênito, o Filho gerado e o Espírito Santo, procede do Pai e do Filho na eternidade. Esse relacionamento não é de subordinação, e sim de causa e efeito.

Por fim, o Concílio de Constantinopla (381) vai coroar o trabalho dos Padres Capadócius, acabando de uma vez por todas com a querela sobre a natureza do

Filho de Deus, através da reflexão da Eterna Geração do Filho. Eles acabam com a problemática do *homooúsios*, incluindo a ideia de uma *ousía* e três *hipóstases* e, por fim, incluem no credo a divindade da Pessoa do Espírito Santo.

O concílio de Constantinopla contou com a presença de 150 padres e definiu a divindade do Espírito Santo contra os macedônios (*pneumatômacos*). O símbolo da fé constantinopolitano é conhecido desde o fim do século XVII como credo “*niceno-constantinopolitano*”. No século VI, foi utilizado pelas Igrejas do Oriente como declaração de fé em ocasião do batismo. Já nas Igrejas ocidentais, ele vai aparecer como profissão de fé dentro da missa e em sua primeira vez no Sínodo de Toledo (589).<sup>315</sup>

O Cântico 1 é dirigido aos demais arianos: discípulos de Apolinário de Laodiceia, Sabélion de Ptolemaide, Marcelo de Ancira, Fotino de Sírmio, Eunômio de Cízico e de Eudóxio de Constantinopla. Ele é considerado como ecumênico, mas somente será reconhecido como tal, bem posteriormente. No ocidente, o sínodo só foi recebido após o Papa Vigílio ter confirmado o símbolo em 553.<sup>316</sup>

[Versão grega]

Cremos em um só Deus,  
 Pai onipotente,  
 artífice do céu e da terra,  
 de todas as coisas visíveis e invisíveis.  
 E em um só Senhor Jesus Cristo,  
 Filho unigênito de Deus,  
 gerado do Pai antes de todos os séculos:  
 Deus de Deus, luz da luz,  
 Deus verdadeiro de Deus verdadeiro;  
 gerado, não feito,  
 consubstancial (*homooúsios*) ao Pai.  
 Por meio do qual tudo veio a ser;  
 o qual, em prol de nós, homens, e de nossa salvação,  
 desceu dos céus:  
 e se encarnou do Espírito Santo e  
 Maria, a virgem,  
 e se em-humanou;  
 que também foi crucificado por nós,  
 sob Pôncio Pilatos, e  
 padeceu e foi sepultado.  
 Ressuscitou ao terceiro dia,  
 conforme as Escrituras,  
 e subiu aos céus,

<sup>315</sup> DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. p. 66.

<sup>316</sup> DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. p. 65-66.

e está sentado à direita do Pai.  
 E de novo há de vir, em sua glória,  
 para julgar os vivos e os mortos;  
 e seu Reino não terá fim.  
 E no Espírito Santo,  
 Senhor, que dá a vida,  
 que procede (*ekpóreusis*) do Pai e o Filho,  
 que com o Pai e o Filho é coadorado e conglorificado:  
 que falou por meio dos profetas.  
 Na Igreja, una, santa, católica e apostólica.  
 Confessamos um só batismo para remissão dos pecados.  
 Esperamos a ressurreição dos mortos  
 e a vida do século vindouro. Amém.<sup>317</sup>

A Eterna Geração do Filho nos Padres Capadócios na Trindade imanente permanece como um mistério da deidade, mas, através da analogia na Trindade econômica, a Geração do Filho é interpretada como o processo em que o Pai *envia* o seu Filho, pois enviar pressupõe movimento. Na eternidade, um movimento ontológico no processo histórico-salvífico, o envio do Logos pré-existente que requer do ser humano um movimento em direção ao outro. Uma espiritualidade em prol do outro expressa a essência do Deus comunitário que é o relacionamento de Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai como origem, vai até a humanidade enviando o Filho, que envia o Espírito Santo que procede do Pai, assim como a Igreja é enviada por Cristo ao mundo.

---

<sup>317</sup> Símbolo da fé Constantinopolitano (DENZINGER, H. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. p. 66-67).

## 5

### Conclusão

Tendo em vista a proposta desta pesquisa se pautar na Eterna Geração do Filho na Trindade imanente na perspectiva dos Padres Capadóciolos, pode-se elencar alguns dos significantes resultados obtidos. A reflexão sobre a pessoa de Jesus é um assunto inacabado e sempre fomentará debates e discursões sobre seu ministério, vida e morte. Suas afirmações sempre passarão pelo crivo da interpretação. Desde os primórdios a Igreja faz essas interpretações através da experiência empírica da fé corroborada pelas afirmações das Sagradas Escrituras.

O processo de interpretação do Filho como Deus passa pelo processo histórico e construção dogmática em reciprocidade, logo, um depende do outro para compreensão da divindade do Cristo. O cristianismo primitivo nasce do judaísmo em meio a um monoteísmo estrito que engessava a reflexão sobre a divindade do Cristo. Essa estrutura de pensamento gerou aquilo que conhecemos agora como heresia. As heresias foram rechaçadas pela reflexão a partir daquilo que foi recebido como tradição e aos poucos foi se solidificando através de dogmas.

Apesar das afirmações das Sagradas Escrituras fazerem menção a divindade de Jesus, essas afirmações não são diretas, estritas e livres de interpretações. As construções dogmáticas, tanto na esfera ortodoxa quanto na herética utilizaram inicialmente da Bíblia para suas afirmações. As próprias passagens que afirmavam uma geração do Filho em Atos 13,33, na epístola aos Hebreus 1,5; 5,5, que é uma referência direta a Salmos 2,7, não afirmam exegeticamente uma Eterna Geração do Filho, no entanto, servem de sementes para a construção dogmática posterior.

Em oposição à heresia do adocionismo, Orígenes vai fazer a construção teológica sobre a Eterna Geração do Filho, utilizando tanto as passagens de Provérbios 8, 22-25, assim como utilizar as estruturas filosóficas do médio platonismo. Orígenes é, portanto, o autor do conceito da Eterna Geração do Filho, com isso, toda abordagem dessa pesquisa passa pela estrutura do pensamento de Orígenes. A estrutura construída por Orígenes possuía seus pontos fracos, em especial o subordinacionismo.

Por causa do subordinacionismo de Orígenes, vão aparecer escolas resultantes do seu pensamento. Uma dessas escolas influenciadas pelo subordinacionismo

origeniano vai exacerbar a inferioridade do Filho em relação ao Pai, gerando o pensamento ariano como o grande opositor do cristianismo do século IV EC.

Através do Concílio de Niceia (325) a Igreja e o Império vão tentar unificar a compreensão concernente à natureza do Filho. A disputa cristológica era uma ameaça aos planos de unificação do Império por parte de Constantino e a Igreja via sua unidade como que ameaçada. Entretanto, apesar de se posicionar a favor da divindade do Filho, o Concílio não resolveu de forma satisfatória a querela dogmática e vai acirrar ainda mais os ânimos dos partidos em oposição.

O conceito de *homousios*, sua polissemia e utilização no âmbito do modalismo, juntamente com o arianismo pujante do Oriente, que bebeu da influência subordinacionista, resultou em quatro partidos distintos e conflitantes entre si sobre a natureza do Cristo. A natureza do Cristo é afirmada ou negada em sua origem, logo, o termo *Geração* vai levantar todo tipo de interpretação concernente a natureza do Filho.

Enquanto que as lutas doutrinárias em torno da natureza do Filho de Deus dividiam a Igreja, a política do Império exercia influência direta nas decisões dela. A alternância e luta pelo poder por parte dos filhos de Constantino e sua preferência partidária dogmática fizeram com que muitos bispos fossem exilados com o objetivo de abafar os pontos teológicos em oposição. Em consequência, os exílios serviram para propagar os conceitos, tanto de ortodoxos como de heréticos. Tanto Ário, quanto Atanásio, protagonistas no âmbito das concepções sobre a natureza do Cristo em paralelo a *Geração do Filho*, foram exilados e tiveram suas concepções sobre a Trindade aprofundadas posteriormente.

Eunômio de Cízico e os três Capadócius vão aprofundar a questão cristológica e trinitária sobre a natureza do Filho. Basicamente, o arianismo de Eunômio afirmava a total diferença do Filho com o Pai, por causa da *geração*. Em oposição os Capadócius afirmavam a *geração* como ato intrínseco da natureza da deidade. O conceito da Eterna *Geração do Filho* foi tão abrangente que serviu até mesmo para questionar a divindade do Espírito Santo.

Os problemas resolvidos pelos Capadócius foram: o termo *homousios*, sendo trocado pelos termos *ousía* e *hipóstase*, ao se referir que Deus é uma *ousía* e subsiste em três *hipóstase* e aderir ao credo Niceno-Constantinopolitano à divindade do Espírito Santo. Eles desenvolvem o cerne da doutrina da Trindade a partir do conceito da Eterna *Geração do Filho*.



Portanto, é a partir da perspectiva dos Padres Capadócius que o conceito de relacionamento é inferido às pessoas da Trindade. Portanto, a Eterna Geração do Filho na Trindade imanente pode se resumir na Trindade Econômica como o ato de envio do Filho, que resulta na processão do Espírito Santo, e em consequência, com o envio da própria Igreja em sua missão, e por fim, uma espiritualidade em envio ao outro.

A revelação do Pai em toda a sua natureza cognoscível é manifesta no envio do Filho de Deus no seu ministério, vida e morte de cruz. Desse modo, entende-se que esse movimento de Deus de envio e entrega serve como estrutura paradigmática de relacionamento em direção ao outro. As demandas dos tempos modernos onde problemas como isolamento social, em consequência da utilização em larga escala dos meios tecnológicos, as barreiras ideológicas e polarização político-partidária, o relativismo ou o fundamentalismo religioso, o subjetivismo e o consumismo desenfreado, o desamparo social e a desvalorização dos mais pobres são alguns dos obstáculos que podem ser enfrentados através de uma aplicação e concepção econômica da Geração do Filho como modelo de uma espiritualidade em prol do outro.

É interessante frisar que esse movimento é o primeiro passo em direção ao outro, como em Deus tudo é movimento, ser enviado é ir em direção a alguém, em algum lugar para partilhar através de relacionamentos sinceros que expressam a natureza divina em toda a sua plenitude, ou seja, o amor vicário de autossacrifício e autoentrega.

Por parte da pesquisa propriamente dita, a temática sobre a Trindade imanente é um desafio tanto para a Teologia, como para aquele que se predispõe a pesquisá-la. Nem mesmo os Padres Capadócius definiram, obviamente, o que é de fato, em linguagem simbólica ou análoga, o que seria como um todo a Eterna Geração do Filho. Segundo eles, se não conseguimos discernir o que é a geração humana, muito menos conseguiríamos discernir a geração na Trindade Imanente.

A própria aplicação do conceito da Eterna Geração do Filho da Trindade imanente para a econômica é um assunto pouco difundido. A escassez do assunto e pontos de contato se mostraram como obstáculos relevantes para o sucesso do resultado desta pesquisa. O momento histórico do século IV também se evidenciou como elemento dificultante na pesquisa, devido ao processo de maturação de conceitos dogmáticos posteriores que irão contribuir ainda mais na reflexão, a

Filioque, as duas naturezas de Cristo em Calcedônia, a pericorese e por fim as afirmações em Agostinho sobre a Trindade.

Certamente, que muito se tem a aprofundar nas questões cristológicas na Trindade imanente, em paralelo na demanda atual sobre uma cristologia de baixo e em paralelo com a reflexão sobre o Jesus histórico. Outra possibilidade é uma pesquisa mais apurada sobre os conceitos de analogia no próprio credo “luz de luz”, dentre outros, a atualização de conceitos de cunho interdisciplinar pode apurar e refinar a compreensão sobre Deus como meios pedagógicos.

Uma abordagem de cunho somente patrístico, em especial sobre o pensamento de Gregório Nazianzeno, também é um viés de aprofundamento, pois dos três, ele é o que mais se debruça sobre o tema em questão.

A divindade do Espírito Santo também foi citada de forma marginal nesta pesquisa, no que tange à processão do Espírito. Portanto, uma pesquisa sobre essa temática pode resultar conclusões de cunho mais aprofundado.

A análise da Eterna Geração do Filho na perspectiva dos Padres Capadóciotes enfoca o relacionamento como base nas relações inter-trinitárias como modos de revelação da divindade cristã e com isso em sua manifestação econômica. Uma espiritualidade pautada no relacionamento através do respeito, do incentivo à alteridade como valorização do indivíduo.

## 6

## Referências Bibliográficas

ATANÁSIO. **A vida de Santo Antão**. São Paulo: Editora Santa Cruz, 2019.

\_\_\_\_\_. **Antologia**: A Criação e a Queda; A Trindade; Os Sacramentos; Cristo Redentor; Carta sobre a Interpretação dos Salmos; A Verdade e o Número; Epístola 39. São Paulo. Disponível em: < <https://verafidei.blogspot.com/2015/07/santo-atanasio-antologia.html> >, Acesso em 13 jan 2021.

\_\_\_\_\_. **Patrística**: Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão. São Paulo: Paulus, 1999.

AVIZ, D. A. **Uma alma em dois corpos**: A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo. Rio de Janeiro. 2017. 129p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BASÍLIO DE CESAREIA. The Catholic University of America Press. **The Fathers of the Church**: St. Basil of Caesarea, Against Eunomius. Translated by Mark Delcogliano. Washington D.C., 2013.

\_\_\_\_\_. **Patrística**: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo. São Paulo: Paulus, 2014.

BEALE, G.K.; CARSON, D.A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

BINGERMER, M. C. **Um rosto para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005.

BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, L. **A Trindade e a Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BROWN, R. E. FITZMYER, J. A. MURPHY, R. E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Ed Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.

CAMPENHAUSEN; H. von. **Os Pais da Igreja**: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD. 2005.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. v. I.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia** 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. v. II.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. v. III.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. v. IV.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Hagnos, 2008. v. V.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3. ed. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2015.

DI BERARDINO, A. (ed.). **Encyclopedia of Ancient Christianity**. Illinois: Inter Varsity Press, 2014.

DREHER, M. **Coleção História da Igreja: A Igreja no Império Romano**. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

DROBNER, H. R. **Manual de Patrologia**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

ERICKSON, M. J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERGUSON, S. B. WRIGHT, D. F. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

FRANCISCO, E. F. **Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético, guia introdutório para a Bíblia Hebraica**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005.

GONZALEZ, J. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. **Autobiografia**. Campinas: Ecclesiae, 2012.

\_\_\_\_\_. St Vladimir's Seminary Press. **Theological Oration: the five theological oration and two letters to Cledonius**. New York, 2002.

\_\_\_\_\_. The Catholic University of America Press. **The Fathers of the Church: St. Gregory os Nazianzus, select orations**. Translated by Martha Vinson. Indiana, 2003.

GREGÓRIO DE NISSA. **Patrística: A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese**. São Paulo: Paulus, 2011.

GRESHAKE, G. **El Dios uno y Trino: uma teologia de la Trinidad**. Barcelona: Herder, 2001.

GRUDEM, W. **Teologia Sistemática: ao alcance de todos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

HILÁRIO DE POITIERS. **Patrística: Tratado sobre a Santíssima Trindade**, vol. 22. São Paulo: Paulus, 2005.

HAYKIN, M. A. G. **Redescobrimdo os Pais da Igreja: quem eles eram e como moldaram a Igreja**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.

HORTON, S. M. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

IRENEU DE LIÃO. **Patrística: Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 2014. v. 20.

KELLY, J. N. D. **Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Santíssima Trindade nos Escritos Patrísticos dos primeiros séculos.** São Paulo: Editora família Católica, 2018.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2005. v. I.

LADARIA, L. F. **O Deus vivo e verdadeiro:** o mistério da Trindade. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Trindade:** mistério de comunhão. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

LETENSKI, I. **O Paradoxo do Entre-Dois no nascimento do pensamento cristão.** Curitiba. 2016. 248p. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

LIBANIO, J. B. MURAD, A. **Introdução à Teologia:** perfil, enfoques e tarefa. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, [1996].

LITFIN, B. M. **Conhecendo os pais da Igreja:** uma introdução evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FOHRER, G. **História da Religião de Israel.** São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda: Paulus, 2006.

MCGRATH, A. E. **Teologia histórica.** São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2007.

MOLTMANN, J. **O Deus Crucificado – A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã.** Santo André: Editora Academia Cristã, 2014.

\_\_\_\_\_. **Trindade e Reino de Deus:** uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORESCHINI, C. **Introduzione a Basilio il Grande.** Brescia: Morcelliana, 2005.

\_\_\_\_\_. **Basílio Magno.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Gregório Nazianzeno.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia Patrística.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

OLSON, R. **História da Teologia Cristã:** 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo, SP: Editora Vida, 2001.

ORÍGENES. **Patrística:** Contra Celso. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Patrística:** Tratado sobre os princípios. São Paulo: Paulus, 2012.

PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática** - vol. 1. Santo André: Editora Academia Cristã Ltda; São Paulo: Paulus, 2009.

PAÑO, M. V. E. Intolerancia Religiosa y Marginación Geográfica en el S. IV d.c.: **Los Exílios de Eunomio de Cízico.** *Stud, hist, Hg antig.*, Salamanca, n.21, p.177-207, 2003.

PAPA, H. A. **A Autoafirmação de um Bispo:** Gregório de Nissa e sua Visão Condenatória aos Eunomianos (360-394). Franca. 2014. 221p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista.

VALENTE, M. C. A contenda entre Basílio de Cesareia e Eunômio de Cízico (séc. IV D.C.): uma análise político-religiosa. **Revista Diálogos Mediterrânicos. Curitiba**, nov. 2013. Disponível em: <  
<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/87>  
 > Acesso em: 6 jul. 2020.

ROPS, D. **A igreja dos apóstolos e dos mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988.

RUBIO, A. G. **O Encontro com o Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias**. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCHNEIDER, T.; HILBERATH, B. J. ... (et al.). **Manual de Dogmática Volume 1**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, M. F. A linguagem Trinitária de Basílio de Cesareia. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, v.4, n.1, p. 155-171, dez. 2014.

SPANNEUT, M. **Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TILLICH, P. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 2007.

WALKER, W., **História da Igreja Cristã**. 3.ed. São Paulo: ASTE, 2006.

WALTON, J. H. MATHEWS, V. H. CHAVALLAS, M. W. **Comentário Histórico Cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ZABATIERO, J. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.